



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

João Paulo Eufrazio de Lima

*A ação de blogagem:
uma constelação de gêneros na web*

Fortaleza – CE

2012



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

João Paulo Eufrazio de Lima

*A ação de blogagem:
uma constelação de gêneros na web*

Tese de doutorado apresentada à banca examinadora constituída pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Linha de Pesquisa: Práticas discursivas e estratégias de textualização

Orientador: Prof. Dr. Júlio César Rosa de Araújo

Fortaleza – CE

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- L698a Lima, João Paulo Eufrazio de.
 A ação de blogagem : uma constelação de gêneros na Web / João Paulo Eufrazio de Lima. – 2012.
 181 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Tese(doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de
Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2012.
 Área de Concentração: Linguística.
 Orientação: Prof. Dr. Júlio César Rosa de Araújo.
- 1.Blogs. 2.Blogueiros – Atitudes. 3.Conteúdo gerado pelo usuário. 4.Comunidades virtuais.
 5.Análise do discurso. I.Título.

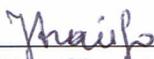
Esta Tese de Doutorado foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Doutor em Linguística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca do Centro de Humanidades (CH) da referida Universidade.

Autorizo, para fins acadêmicos, a reprodução total ou parcial desta Tese por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos, desde que sejam respeitadas as normas de citação.



JOÃO PAULO EUFRAZIO DE LIMA

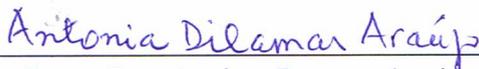
BANCA EXAMINADORA



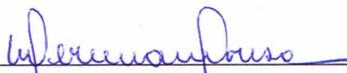
PROF. DR. JÚLIO CÉSAR ARAÚJO (UFC)
PRESIDENTE - ORIENTADOR



PROFA. DRA. FABIANA CRISTINA KOMESU (UNESP/SJRP)
PRIMEIRA EXAMINADORA



PROFA. DRA. ANTÔNIA DILAMAR ARAÚJO (UECE)
SEGUNDA EXAMINADORA



PROFA. DRA. MARIA MARGARETE FERNANDES DE SOUSA (UFC)
TERCEIRA EXAMINADORA



PROFA. DRA. SANDRA MAIA FARIAS VASCONCELOS (UFC)
QUARTA EXAMINADORA

PROFA. DRA. ANA ELISA RIBEIRO (CEFET-MG)
SUPLENTE EXTERNA

PROF. DR. RICARDO LOPES LEITE (UFC)
SUPLENTE INTERNO

TESE APROVADA EM 19/10/2012

Dedicatória

A **Deus**: fonte de toda minha força e inspiração
para consecução deste trabalho e porto-seguro
de paz frente aos muitos percalços desse caminho.

Aos meus pais:

José Joaquim de Lima & Maria Margarida Eufrazio de Lima:

meus maiores modelos como seres humanos.

A minha esposa **Ana Patrícia** companheira em todos os momentos.

E a todos os que fazem o Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC pela
amizade.

O objetivo de nosso trabalho foi caracterizar a ação de blogagem (MILLER e SHEPHERD, 2007) como uma constelação de gêneros (ARAÚJO, 2006), tomando como critério central o conceito de propósito comunicativo específico (SWALES, 1990; 2004, ASKHAVE E WALES, 2001 e BHATIA, 1993; 1997; 2001; 2004). Para tanto traçamos um percurso teórico-metodológico que procurou primeiramente descrever o perfil das comunidades discursivas blogueira, jornalística e acadêmica as quais fazem uso dos blogs como parte de seu elenco de gêneros. Buscamos então identificarmos os diferentes gêneros da constelação dos blogs com base na apreensão de seus propósitos comunicativos específicos. Por fim, analisamos como os propósitos específicos influenciam na constituição dos gêneros da constelação dos blogs. Nossa hipótese básica foi a de que se, tendo como critério para definição de gênero a realização de propósito(s) comunicativo(s) específico(s), tomado(s) a partir do uso que as comunidades discursivas fazem de um determinado gênero, então, acreditamos ser possível que da caracterização das distintas comunidades discursivas que fazem uso dos blogs cheguemos aos diversos gêneros nomeados em geral como blog, mas que por possuírem propósitos comunicativos específicos constituem-se numa formação constelar de gêneros distintos, contudo, atravessados por elementos comuns, o que os irmana e possibilita o reconhecimento de todos pela mesma denominação comum de blog. No desenvolvimento de nossa pesquisa adotamos, quanto ao método de abordagem, a etnometodologia (GARFINKEL, 1967, CICOUREL, 1977, COULON, 1995), já utilizada por Miller (2007), e segundo a qual procuramos apreender falas significativas dos sujeitos em seus contextos espontâneos de interação, através da cópia de telas de blogs, que nos possibilitassem a consecução dos objetivos desta pesquisa. Tal método de abordagem mostrou-se adequado à apreensão dos propósitos comunicativos bem como do entendimento sobre o funcionamento das comunidades discursivas que utilizam os blogs. Para a análise da influência do propósito comunicativo em cada um dos gêneros da constelação, utilizamo-nos de uma análise quantitativa verificando a ocorrência de características semelhantes entre os exemplares analisados. Os resultados demonstraram que as comunidades discursivas analisadas utilizam os blogs com propósitos comunicativos próprios e que esses propósitos influenciam de fato na constituição (plano composicional, temas e estilo) de cada um dos três gêneros distintos de blogs identificados: blogs pessoais, jornalísticos e acadêmicos. Em nossa visão isso é suficiente para caracterizá-los como gêneros distintos, mas irmanados por uma estrutura composicional semelhante, caracterizadora da constelação dos blogs.

Palavras-chave: ação de blogagem, propósito comunicativo, comunidades discursivas

Abstract

The aim of our study was to characterize the action of blogging (Miller and Shepherd, 2007) as a constellation of genres (Araújo, 2006), using as criteria the central concept of specific communicative purpose (Swales, 1990, 2004, ASKHAVE AND WALES, 2001 and BHATIA, 1993, 1997, 2001, 2004). For this we draw a theoretical-methodological route that sought first to describe the profile of discursive communities such as bloggers, academics and journalistic which make use of blogs as part of its set of genre. Then we identified the different genres of the constellation of blogs based on the apprehension of their specific communicative purposes. Finally, we analyze how the specific purposes influence on the constitution of gender constellation of blogs. Our basic hypothesis was that if, having as criteria for achieving gender definition of purpose (s) communicative (s) specific (s) taken (s) from using that discourse communities are of a certain gender, therefore, we believe it is possible that the characterization of the different discursive communities that make use of blogs to reach diverse genres appointed as general blog, but because they have specific communicative purposes constitute a constellation formation of distinct genera, however, traversed by common elements what unites them and enables recognition of all by the same common name of blog. In developing our research we have adopted the method of approach, ethnomethodology (Garfinkel, 1967, CICOUREL, 1977, COULON, 1995), already used by Miller (2007), and whereby we seek deduce significant statements of the subjects in their contexts spontaneous interaction, by copying screens of blogs, which would enable us to achieve the objectives of this research. This method of approach was adequate to the apprehension of communicative purposes as well as the understanding of the functioning of discursive communities that use blogs. To analyze the influence of communicative purpose in each gender constellation, we use a quantitative analysis in checking the occurrence of similar characteristics between the samples analyzed. The results demonstrate that the discursive communities analyzed using blogs with their own communicative purposes and those purposes influence in fact the constitution (compositional plan, themes and style) of each of the three identified distinct genres of blogs: personal blogs, journalistic and academic. In our view it is sufficient to characterize them as distinct genera, but united by a similar compositional structure, characterizing the constellation of blogs.

Keywords: action blogging, communicative purpose, discursive communities

Lista de figuras

FIGURA 01 – CONSTELAÇÃO DOS GÊNEROS PROMOCIONAIS	31
FIGURA 02 – NÍVEIS DE DESCRIÇÃO GENÉRICA DE BATHIA (1999)	33
FIGURA 03 – HIERARQUIA DE GÊNEROS NA BOTÂNICA DE MICHIGAN	36
FIGURA 04 – EXEMPLO DE CADEIA DE GÊNEROS	38
FIGURA 05 – EXEMPLO DE REDES DE GÊNEROS	40
FIGURA 06 – TEIA DE PROPÓSITOS DOS CHATS	42
FIGURA 07 – CONSTELAÇÃO DE BLOGS	44
FIGURA 08: RELAÇÕES ENTRE COMUNIDADE GLOBAL E SUAS COMUNIDADES LOCAIS	52
FIGURA 09: TIPOS DE BLOGS	70
FIGURA 10: EU SOU BLOGUEIRO?	76
FIGURA 11 – POST: “POR QUE CRIAR UM BLOG?	79
FIGURA 12 – “BLOGUEIROS ESTÃO LOUCOS POR VISITAS	80
FIGURA 13 – BLOG CÍRCULO CULTURAL WICCANO	82
FIGURA 14 – BLOG BAR DO ESCRITOR	83
FIGURA 15 – BLOG KI BLOG	84
FIGURA 16 – GADGETS BLOGGER	85
FIGURA 17 - FACEBOOK BLOGUEIRAS DO CEARÁ	87
FIGURA 18 – ENCONTRO DE BLOGUEIROS DE SP	87
FIGURA 19 – POST BLOGONARIUM	89
FIGURA 20 VERBETES BLOGONARIUM	90
FIGURA 21 – HIERARQUIA DOS BLOGUEIROS	91
FIGURA 22 - EXEMPLO 01 DE BLOG PESSOAL	93
FIGURA 23 - EXEMPLO 02 DE BLOG PESSOAL	94
FIGURA 24 - EXEMPLO 03 DE BLOG PESSOAL	95
FIGURA 25 - EXEMPLO 04 DE BLOG PESSOAL	96
FIGURA 26 - EXEMPLO 05 DE BLOG PESSOAL	97
FIGURA 27- EXEMPLO 06 DE BLOG PESSOAL	98

FIGURA 28- EXEMPLO 07 DE BLOG PESSOAL	99
FIGURA 29 - GÊNEROS JORNALÍSTICOS	124
FIGURA 30 - EXEMPLO 01 DE BLOG JORNALÍSTICO	135
FIGURA 31 - EXEMPLO 02 DE BLOG JORNALÍSTICO	136
FIGURA 32 - EXEMPLO 03 DE BLOG JORNALÍSTICO	137
FIGURA 33 - EXEMPLO 04 DE BLOG JORNALÍSTICO	138
FIGURA 34 - EXEMPLO 05 DE BLOG JORNALÍSTICO	139
FIGURA 35 - EXEMPLO 06 DE BLOG JORNALÍSTICO	140
FIGURA 36 - EXEMPLO 07 DE BLOG JORNALÍSTICO	141
FIGURA 37 - EXEMPLO 08 DE BLOG JORNALÍSTICO	142
FIGURA 38 - EXEMPLO 09 DE BLOG JORNALÍSTICO	146
FIGURA 39 - EXEMPLO 10 DE BLOG JORNALÍSTICO	147
FIGURA 40 - EXEMPLO 11 DE BLOG JORNALÍSTICO	148
FIGURA 41 - EXEMPLO 12 DE BLOG JORNALÍSTICO	149
FIGURA 42 - EXEMPLO 13 DE BLOG JORNALÍSTICO	152
FIGURA 43 - EXEMPLO 14 DE BLOG JORNALÍSTICO	153
FIGURA 44 - EXEMPLO 14 DE BLOG JORNALÍSTICO	154.
FIGURA 45 - COMENTÁRIOS DE BLOG JORNALÍSTICO	155
FIGURA 46 - EXEMPLO 15 DE BLOG JORNALÍSTICO	156
FIGURA 47 - ESTRUTURA DO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO	166
FIGURA 48 - TIPOS DE BLOGS EDUCATIVOS	169
FIGURA 49 - BLOGS COMO RECURSO E ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA	170
FIGURA 50 - EXEMPLO 01 DE BLOG ACADÊMICO	171

Sumário

1. POR QUE ESTUDAR CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS E BLOGS?	12
2. PROPONDO UM NOVO CAMINHO PARA A ANÁLISE DE CONSTELAÇÕES DE GÊNEROS: O CASO DOS BLOGS	
2.1. Problematizando o objeto	23
2.2. Perspectivas etnometodológicas para a construção dos dados	25
2.3. Procedimentos de análise	26
3. EXPLICITANDO AS CATEGORIAS DE ANÁLISE	
3.1. O que é uma constelação de gêneros?	29
3.1.1. Bhatia	29
3.1.2. Swales	35
3.1.3. Araújo	41
3.1.4. A nossa visão do que seja uma constelação de gêneros	43
3.2. Comunidade discursiva	45
3.2.1. O que é uma comunidade discursiva para Swales	45
3.2.2. Comunidade discursiva para Lima	50
3.3. Propósito comunicativo	54
3.4. O hipertexto e a enunciação digital	56
4. OS GÊNEROS DIGITAIS E OS BLOGS	
4.1. A análise de gêneros textuais	59
4.2. Os gêneros digitais e os blogs	64

5. A COMUNIDADE DISCURSIVA BLOGUEIRA E OS BLOGS PESSOAIS

5.1. Do contexto	74
5.2. Do processo de admissão na comunidade	75
5.3. Das normas e valores	77
5.4. Dos objetivos	78
5.5. Do elenco de gêneros e demais mecanismos de participação	83
5.6. Do léxico	88
5.7. Da hierarquia	91
5.8. O propósito comunicativo na constituição dos blogs pessoais	92
5.8.1. O propósito comunicativo na estrutura composicional	93
dos blogs pessoais	
5.8.2. Influência do propósito na escolha dos temas dos blogs pessoais	106
5.8.3. Da influência do propósito comunicativo no estilo dos blogs pessoais ...	101
5.8.4. Concluindo sobre blogs pessoais	103

6. A COMUNIDADE DISCURSIVA JORNALÍSTICA E OS BLOGS JORNALÍSTICOS

6.1. Quem já tratou sobre comunidade discursiva jornalística	104
6.1.1. Bonini	105
6.1.2. Souza	107
6.1.3. Silva	109
6.2. Nossa perspectiva para a descrição da comunidade discursiva jornalística	110
6.2.1. Do contexto em que a CD se insere	110
6.2.2. Do processo de admissão	110
6.2.3. Do léxico	113
6.2.4. Das normas, valores e objetivos	116
6.2.5. Da hierarquia	118

6.2.6. Do elenco de gêneros	120
6.2.6.1. Cibergêneros jornalísticos	122
6.2.6.2. História do blog jornalístico	126
6.2.6.3. A teorização sobre blogs jornalísticos	128
6.2.7. Análise de alguns blogs jornalísticos	133
6.2.7.1. Blogs jornalísticos semi-profissionais	134
6.2.7.2. Blogs jornalísticos amadores	145
6.2.7.3. Blogs jornalísticos profissionais	152
6.2.8. Conclusão sobre blogs jornalísticos	159

7. A COMUNIDADE DISCURSIVA ACADÊMICA E OS BLOGS ACADÊMICOS

7.1. Quem já tratou sobre comunidade discursiva acadêmica	161
7.2. Nossa perspectiva de descrição da comunidade discursiva acadêmica	162
7.2.1. Do contexto em que a CD se insere	162
7.2.2. Do processo de admissão de novos membros	163
7.2.3. Das normas, valores e objetivos	164
7.2.4. Do léxico	165
7.2.5. Da hierarquia	166
7.2.6. Do elenco de gêneros	167
7.3. Os blogs acadêmicos	168
7.4. A influência do propósito comunicativo na constituição dos blogs acadêmicos	171
7.5. Conclusão sobre blogs acadêmicos	175

8. CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS	178
--------------------------	------------

1. Por que estudar constelação de gêneros e blogs?

Os estudos mais recentes sobre o estado daquilo a que já se chama *blogosfera*¹ têm demonstrado uma vertiginosa massificação dos *blogs* na internet. Sifrey², em entrevista concedida à revista *Época* (2007), levantou que já seriam mais de 28 milhões de *blogs* no mundo e em estudos mais recentes, já se contam mais de 2 milhões de *blogs* só no Brasil³. Desde então embora a quantidade novos blogs tenha freado um pouco⁴, verifica-se que a audiência tem se alastrado e cada vez mais os blogs são vistos como meios confiáveis para expor pensamentos e ler sobre assuntos diversos.

Essa massificação tem justificativa no fato de alguns *softwares*⁵ permitirem a qualquer pessoa, de qualquer computador e de maneira rápida e simplificada, criar seu próprio *blog*, sem custos de hospedagem, já que existem vários servidores que hospedam *blogs* gratuitamente (.ainda!), e sem necessidade de grandes conhecimentos em linguagem HTML⁶, já que os programas que criam os *blogs* já vêm pré-moldados, cabendo aos usuários iniciantes decidirem somente sobre que *layout* escolher. Além

¹ O termo é um neologismo e diz respeito à coletividade dos blogs. (cf. *blogosfera* in www.wikipédia.com)

² David Sifrey é americano e criador do site *technorati*, primeiro site de busca especializado em blogs. Atualmente tem lidado com as possibilidades de negócios envolvendo o uso de blogs por grandes empresas. (cf. www.revistaepoca.globo.com/edg_artigo_todomundovaiterumblog.htm.)

³ <http://www.cultura.gov.br/foruns_de_cultura/cultura_digital/na_midia/index.php?p=20645&more=1&c=1&pb=1> : (acesso: 18/09/2008)

⁴ Um bom panorama sobre o estado atual da blogosfera pode ser visto em: <<http://www.ferramentasblog.com/2011/11/a-situacao-da-blogosfera-em-2011-technorati.html>> e <<http://www.ferramentasblog.com/2010/11/como-esta-blogosfera-em-2010-segundo-o.html>>

⁵ Dentre eles o mais conhecido certamente é o *blogger*. <<https://www.blogger.com/start?hl=pt-BR>>

⁶ É o código binário digitalizado numa linguagem em forma de comandos que são escritos pelos programadores e interpretados pelos programas de computador (*softwares* e *browsers*).

disso, os *blogs* oferecem grande facilidade de edição e manutenção de seus textos, o que lhes possibilita serem atualizados constantemente.

Todas essas facilidades quanto à criação e manutenção, aliadas às possibilidades de autoexpressão e visualização num meio de crescente massificação como a internet; acrescidas ainda do apelo pessoal, próprio dos *blogs*, e das grandes possibilidades de interação promovidas por suas ferramentas, conferem-lhe seu *status* atual na *web*.

Como consequência a essa expansão, muitos são os usos a que se tem dado para os *blogs*, que de simples diários pessoais *online* (KOMESU, 2006, MILLER, 2007) passaram a ser cada vez mais usados por empresas (jornais, revistas, por exemplo) e pedagogos, devido, sobretudo, à grande interação que promovem e a seu alastramento cada vez maior na *web*. Além do mais, mesmo os chamados *blogs* pessoais (KOMESU, 2005) têm se notabilizado mais e mais por agregarem novos elementos além do texto, como músicas, fotos e até vídeos, o que passou a constituir tipos mais específicos de *blogs* segundo a centralidade dada a cada uma dessas semioses: os chamados *fotoblogs* e *videoblogs*⁷.

Certamente foi essa diversidade que levou a analista de gêneros americana Carolyn Miller em co-autoria com Dawn Shepherd (2007), em um artigo sobre *blogs*, a ponderar que talvez os *blogs* estejam evoluindo para múltiplos gêneros distintos devido às diferentes exigências de autoria e público a que têm sido submetidos como jornalistas, professores, adolescentes, para citar apenas alguns.

Foi baseando-nos nessa inquietação da autora e em nossa pesquisa anterior sobre *blogs* (LIMA, 2008) que nos propomos a refletir sobre essa diversidade, perguntando-nos inicialmente: **são os *blogs* um só gênero ou um conjunto (colônia ou constelação) de gêneros?**

Acreditamos que responder a essa questão seja relevante tanto do ponto de vista teórico como empírico. Do ponto de vista empírico, por trazemos para aplicação um objeto ainda não pesquisado desse ponto de vista, o que, por consequência, poderá trazer, do ponto de vista teórico, ganhos importantes para a análise de gêneros,

⁷ O nome compõe-se a partir da antiga nomenclatura *weblog* com a qual primeiramente foram nomeados os *blogs*.

sobretudo, levando em consideração as inovações advindas do meio virtual, tão prolífico quanto ainda pouco explorado cientificamente.

Para Marcuschi (2004) o estudo dos gêneros digitais se justifica por três razões: primeiro por seu uso cada vez mais generalizado; segundo por terem eles diferenças tanto formais como funcionais, se comparados aos gêneros semelhantes fora do ambiente digital; e, por último, por possibilitarem a revisão de conceitos tradicionais, tais como os de oralidade e escrita, autoria, entre outros, constituindo este em um bom momento para refletirmos sobre o papel da linguagem nas novas tecnologias digitais de informação.

Concordamos com o autor quanto à necessidade do estudo dos gêneros digitais, e acreditamos que, se pensarmos gênero textual como um artefato sócio-historicamente situado e relativamente estável (BAKHTIN, 1997 e MILLER, 1984), servindo como instrumento de interação com propósitos comunicativos específicos (SWALES, 1990; 2004, ASKHAVE E SWALES, 2001, BHATIA, 1993; 1997; 2001; 2004), é esse um bom meio para analisarmos as mudanças proporcionadas pelo novo contexto de comunicação propiciado pela internet, o que abre espaço para perguntar-nos, com Marcuschi (2004), o que há de novo na internet com relação aos gêneros textuais?

Além do mais, o objeto em questão – *blogs* - até agora carece ainda de mais investimentos acadêmicos, por ser questão ainda recente e de poucas pesquisas, dentre as quais destacariamos as de Marcuschi (2004), Komesu (2005) e Miller e Shepherd (2007) que passaremos a resenhar em seguida.

Marcuschi (2004) procura traçar um panorama dos gêneros emergentes do contexto da tecnologia digital: *e-mails*, *chats*, listas de discussão, fóruns e *blogs*, baseando-se numa concepção de gênero fundamentada em Bakhtin ([1953] 1997), Miller (1984) e Swales (1990). O autor procura caracterizar esses gêneros por meio de três aspectos: a composição textual, incluindo as relações entre os participantes e a audiência; o tema e o estilo.

Na caracterização dos *blogs*, o autor define que, quanto à função, estes servem basicamente como diários pessoais, de temática subjetiva e com linguagem informal, embora reconheça que haja *blogs* com características diferentes, o que o leva a confessar que incluiu, com certo receio, esse gênero entre os analisados, contudo,

ponderando mais adiante que, por possuir história, função e estrutura própria, os *blogs* podem sim ser caracterizados como gênero, embora tenham grande variedade em sua composição.

Numa abordagem baseada em Maingueneau (1998 e 2001), em seu conceito de *condições de produção do discurso*, Komesu (2005) caracteriza os *blogs* como gênero por terem finalidade reconhecida, que seria a “busca do outro” e o “fazer e ser visto”, por terem um estatuto de parceiros reconhecido - autor e escrevente - e por terem no computador seu momento e local definidos.

Essa caracterização foi sugerida após a análise de 150 *blogs* escolhidos aleatoriamente. A autora procura classificá-los, agrupando-os em dois grupos quanto ao número de enunciadorees - pessoal e coletivo - subdividindo-os em outros três conjuntos quanto à temática: pessoal, profissional e pessoal-profissional.

É importante salientar que essa classificação da autora parte do princípio de excluir de sua pesquisa *blogs* de cunho institucional, lidando apenas com exemplares que tenham caráter eminentemente pessoal, sendo que aqui o termo “profissional” diz respeito tão somente aos temas a serem abordados.

Mais recentemente, Miller (2007) também procurou refletir sobre os *blogs* em um artigo publicado em parceria com Dawn Shepherd. Nesse trabalho, os autores ponderam que o *blog* é o resultado do contexto sócio-cultural pós-moderno no qual há uma inversão das fronteiras entre o público e o privado, conclusão similar à de Komesu (2005), possibilitado pelo contexto histórico-social, pelas potencialidades próprias das novas tecnologias e fruto também da evolução de diversos outros gêneros precedentes. Tudo isso em conjunto, segundo os autores, produz uma ação retórica recorrente (*blogagem*) estabilizada numa forma convencional de expressão, o gênero *blog*.

Acreditamos que, embora valiosos, estes três trabalhos dão-nos apenas uma visão parcial do objeto pesquisado, visto todos restringirem suas pesquisas a apenas um dos diversos tipos de *blogs*: o *blog* pessoal, ainda que todos tenham reconhecido a existência da multiplicidade de formas e propósitos dos *blogs*. Dessa forma acreditamos serem necessários ainda investimentos em mais pesquisas que dêem conta da multiplicidade de *blogs* que podemos encontrar na internet: *fotoblogs*, *videoblogs*, *blogs* jornalísticos, pedagógicos, publicitários etc.

Visto isso, podemos retomar nossa pergunta inicial: **são os *blogs* um só gênero ou uma série (colônia ou constelação) de gêneros?** Nossa hipótese, baseada na centralidade dada ao propósito comunicativo como definidor de um gênero (SWALES 1990; ASKHAVE E SWALES, 2001; 2004 e BHATIA, 1993; 1997; 2001; 2004), é a de que, por atenderem, cada um desses tipos de *blogs*, a propósitos comunicativos distintos uns dos outros, eles constituem gêneros diferentes, sendo, portanto, os *blogs* na verdade um agrupamento de gêneros distintos.

Dessa forma, nosso objetivo foi estudar os *blogs* como uma constelação (ARAÚJO, 2006) de gêneros distintos, entendendo que, para mais do que a proposição de tipologias, nossa intenção será mais compreender o que é e como se forma um possível grupo de gêneros, atentando às circunstâncias histórico-culturais que subjazem a isso, desde o ponto de vista da compreensão de gênero como artefato sócio-culturalmente construído.

Das propostas de estudo de constelações destacamos, pela importância, as pesquisas de Bhatia (1993; 1997; 2001; 2004), Swales (1998; 2004) e Araújo (2006), os quais apresentaremos resumidamente a seguir a fim de que possamos visualizar, de forma panorâmica, os trabalhos em que nos baseamos para compormos nossa proposta de análise de constelações de gêneros.

Bhatia (2001) argumenta que alguns gêneros, embora possuindo audiências e organização retórica distintos, organizam-se em grupos, irmanados que são por possuírem um mesmo propósito comunicativo geral. Assim, por exemplo, gêneros como sinopses de livros, resenhas de livros, anúncios, malas diretas e inscrições para empregos formariam uma colônia (ou constelação)⁸ de gêneros por possuírem como propósito comunicativo geral vender algum produto.

Focando nos anúncios, Bhatia (2001) ainda pondera que, mesmo estes apresentam-se de forma muito variada se comparados, por exemplo, diversos tipos de anúncios, como anúncios de computadores, de viagens, de livros etc. Segundo Araújo

⁸ Bhatia (2001) usa indistintamente os termos “colônia” e “constelação”, referindo-se ao mesmo fenômeno. Contudo, aqui para separarmos melhor os pontos de vista diferentes de Bhatia (2001) e Araújo (2006), usaremos para Bhatia o termo mais comumente usado para sua proposta: colônia de gêneros, enquanto que para Araújo (2006) usaremos constelação.

(2006), nesse caso, baseando-se em obra anterior de Bhatia (1993), cada tipo de anúncio desse constituiria o que Bhatia chama de subgênero, conceito que pretenderia dar conta de variações sutis como estas nos propósitos comunicativos de um gênero.

Essa proposta de Bhatia foi alvo de críticas por pesquisadores como Sousa (2005) e Araújo (2006), que não deixaram de notar que as aproximações feitas por Bhatia, na verdade, mesclam diversos tipos de critérios distintos, como composição textual, canal e propósito comunicativo. Além disso, esses autores criticam ainda a concepção de subgênero, pois consideram que a adoção deste termo poderia induzir equivocadamente à idéia de hierarquia ou sobreposição entre os gêneros, optando, ambos, por referirem-se indistintamente apenas a gêneros. Araújo (2006) ainda questiona o que seria uma colônia para Bhatia, o grupo formado pelos gêneros ou pelos subgêneros?

Um outro importantes pesquisador sobre o tema é o americano John M. Swales. Suas ponderações sobre tal conceito veem desde sua obra de 1998, mas será em 2004 que Swales se dedicará mais especificamente a refletir sobre o tema.

Swales (2004), baseando-se em resenhas de outros autores, propõe que haja, pelo menos, quatro formas distintas de organização constelar de gêneros. A primeira, citada pelo autor, são as hierarquias de gêneros, em que o grupo de gêneros é organizado hierarquicamente. Por exemplo, o alto prestígio do artigo de pesquisa na lingüística se comparado a outros gêneros da mesma constelação como anais de congresso ou pôsteres, por exemplo. Segundo o autor, cabe ressaltar que tal organização hierárquica varia de área para área, assim, por exemplo, na área da botânica de sua Universidade, Swales (1998; 2004) identificou que outros gêneros como a monografia e a flora são mais prestigiados que o artigo, raro entre os especialistas em botânica de Michigan. Uma questão que se impõe aqui é o que há de comum entre esses gêneros que possa irmaná-los de tal forma a constituírem uma constelação?

Uma segunda forma de organização constelar proposta por Swales, baseando-se em Räisänen (1999), são as cadeias de gêneros. Nesse caso os gêneros apresentam entre si uma sequencia cronológica de ocorrência. É o caso, por exemplo, de “um convite formal para uma conferência em um colloquium” (SWALES, 2004, p. 18). Esse convite implica em uma série de gêneros encadeados de forma que há uma esperada sequência

cronológica entre eles: “a aceitação (talvez por email), a apresentação em si e, talvez, uma carta de agradecimento, possivelmente a anexação de um check.” (SWALES, 2004, p. 18). Outros gêneros também podem ser mobilizados nesse evento comunicativo: handouts, slides de Power point, demonstrativo de despesas etc). Vale ressaltar que o autor também vislumbra alguma hierarquia aqui, visto considerar que a apresentação em si é o gênero mais “formal”, “oficial” dessa cadeia. (p.18).

A terceira forma de organização constelar proposta por Swales (2004), baseando-se em Devitt 1991), são os conjuntos de gêneros. Segundo o autor os conjuntos de gêneros são “uma parte do total da rede de gêneros que um indivíduo – ou mais especificamente uma classe de indivíduos – toma parte, repetida e produtivamente, como parte de sua prática ocupacional ou institucional. “ (p. 20). Um estudante de graduação tem, por exemplo, seu conjunto de gêneros ampliado à medida que cresce seu desenvolvimento acadêmico, desde uma apresentação de seminário, até a publicação de artigos científicos, escrita de monografias e teses. Mais uma vez o autor salienta que há uma hierarquia perceptível dentro dos conjuntos de gêneros de acordo com o grau de desenvolvimento do conhecimento do pesquisador.

Nesse ponto, voltamos à pergunta feita no primeiro tipo de constelação proposto por Swales (2004): o que há de comum entre esses gêneros que possa irmaná-los de tal forma a constituírem uma constelação? Se for o simples fato de pertencerem a uma mesma área do conhecimento e entendendo que aqui também o autor vislumbra uma organização hierárquica, acreditamos ser tautológica a divisão entre hierarquias e conjuntos de gêneros.

Dessa forma, acreditamos que seria mais produtivo pensarmos nesse conceito do ponto de vista institucional, verificando que gêneros compõem o conjunto de gêneros de instituições como Universidades, jornais ou mesmo comunidades discursivas, refletindo a hierarquia e o poder específico de cada gênero dentro do conjunto, embora isso fuja ao escopo de nosso trabalho.

O último dos tipos de constelação propostos por Swales (2004), dessa vez baseando-se no conceito de intertextualidade de Bakhtin ([1953] 2000), são as “redes de gêneros”. Nesse tipo de constelação há o que o autor chama de “intertextualidade genérica” (Devitt, 1991). Nesse caso, segundo o autor, há a composição de um gênero a

partir de outros gêneros antecedentes. É o que acontece quando, por exemplo, é publicado um artigo científico a partir de uma tese anteriormente publicada ou a apresentação da mesma tese em uma conferência. Nesse caso esses três gêneros formariam uma rede por terem o mesmo antecedente: a tese.

Acreditamos que nesse caso há uma relação problemática entre o que se entende por gênero no sentido Bakhtiniano de “tipos relativamente estáveis de enunciados” e texto, entendido como um exemplar, ou realização de um gênero. Nesse sentido, acreditamos que o que há nos exemplos citados por Swales relativos ao que ele chama de “redes de gêneros é uma relação intertextual, no sentido da presença de um intertexto (KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2007) entre todos. Contudo, acreditamos que não podemos extrapolar tal relação intertextual ao conceito de gênero que é mais amplo, uma vez que esse tipo de relação não é constitutiva dos gêneros relatados: não é necessário a um artigo de pesquisa basear-se em uma tese, monografia ou algum outro trabalho anterior, por exemplo.

Em resumo, acreditamos que a proposta de Swales (2004) para a caracterização de constelação de gêneros é, embora em alguns pontos interessante e reflexiva, tautológica, por sempre ser possível verificar uma relação hierárquica entre os gêneros de qualquer conjunto. Além disso, acreditamos que faltou relacionar o conceito de constelação ao de comunidade discursiva do próprio autor que, parece, ter deixado-o de lado nessa obra.

Um outro importante trabalho sobre constelação de gêneros é o estudo dos da constelação dos *chats* de Araújo (2006). Segundo o autor, na verdade aquilo a que se nomeia *chat* seria não um gênero único, mas uma situação sócio-comunicativa na qual se agrupa uma constelação de gêneros distintos, visto cada um atender a um propósito comunicativo próprio relativo à sua função social dentro da esfera como: o *chat* aberto, *chat* educacional, *chat* com convidado, *chat* reservado dentre outros.

Essa diversificação dos *chats*, segundo o autor, baseando-se em Bakhtin ([1953] 1997) seria o resultado do processo de transmutação pelo qual os gêneros da conversação face a face sofreram em sua passagem para a esfera digital, sendo que seria a própria evolução da esfera digital o fator desencadeador da formação dos novos

gêneros *chat* em resposta às novas necessidades comunicativas oriundas desse processo de complexificação da esfera.

Ainda segundo Araújo (2006), todos os gêneros que compõem a constelação dos *chats* seriam atravessados pelo traço comum da hipertextualidade, sendo isso o que os irmanariam em uma formação constelar de gêneros distintos. Uma pergunta que consideramos cabível nesse aspecto é se seria apenas o fato de serem todos gêneros hipertextuais o único elemento a se considerar para o englobamento dos diferentes *chats* em uma formação constelar. Nesse sentido, acreditamos que se poderia avançar um pouco mais se fossem cruzados os dados obtidos na caracterização de cada um dos gêneros da constelação de forma a depreender-se o que seria comum a todos e responsável pela nomeação de todos como *chat*.

Cotejando Bhatia e Araújo, percebemos que optar por uma ou outra concepção tem a ver com a visão metodológica de análise a que se proponha realizar. Assim, para os que procuram uma visão mais macro, levando-se em conta situações comunicativas distintas e visando generalizações maiores, acreditamos que a proposta de Bhatia adapta-se melhor. Já para os que, como nós, buscam ajustar suas lupas a uma situação comunicativa mais específica, em nosso caso a ação de *blogagem* (MILLER, 2007), pensamos ser a proposta de Araújo mais apropriada, visto poder dar conta de níveis de descrição bem mais pormenorizados, evitando generalizações e trazendo ganhos maiores na descrição de gêneros específicos.

Contudo, acreditamos que o percurso teórico-metodológico de Araújo (2006) possa ser ajustado mais propriamente ao nosso objeto, visto o próprio autor já conceber em sua proposta o ajuste de seus eixos temáticos e categorias de análise às conveniências de cada objeto de estudo.

Dessa forma, também pensamos como Araújo (2006) que o estudo de constelações deve constituir-se de três os eixos temáticos para o estudo: o contexto de uso, a função social e a estrutura composicional dos gêneros.

Também como Araújo (2006), escolhemos para cada eixo temático uma categoria de análise, sendo que, em nosso caso, estas serão constituídas pelos conceitos de comunidade discursiva, propósito comunicativo e hipertexto.

Para a primeira categoria - comunidade discursiva (doravante CD) - optamos pela reformulação do conceito original de Swales (1990; 1992; 1998) por Lima (2008)⁹ que, analisando a constituição da comunidade discursiva *blogueira*, propôs, em suas sugestões de continuação de seu trabalho, que os *blogs*, apesar da estreita relação que mantém com essa comunidade, parecem ser utilizados por mais de uma comunidade discursiva, no caso, possivelmente as comunidades discursivas jornalística, acadêmica, publicitária, dentre outras que utilizam os *blogs* como parte de seu elenco de gêneros.

Contudo, temos a acrescentar ainda nossa suposição de que cada CD, ao passar a utilizar o *blog* como parte de seu elenco de gêneros, passa a constituí-lo com um propósito comunicativo específico, segundo o uso com que venha a ser utilizado pela CD.

Assim, se tomarmos o propósito comunicativo como o critério central para definição de gênero (SWALES 1990; 2004; ASKHAVE E SWALES, 2001 e BHATIA, 1993; 1997; 2001; 2004), provavelmente chegaríamos a diversos gêneros formados a partir de propósitos comunicativos próprios, segundo a função que exercem nas CDs que o utilizam, o que parece ir ao encontro da ponderação de Miller e Shepherd (2007) já vista anteriormente, para quem os *blogs* parecem evoluir para múltiplos gêneros distintos como resultado das exigências de autoria e público a que têm sido submetidos: jornalistas, professores, adolescentes, etc.

Nesse ponto temos ainda a acrescentar nossa intenção de comprovar empiricamente a suposição de Swales (1990; 2004) e Bhatia (1993; 2004), segundo a qual o propósito comunicativo específico influencia na constituição do gênero, sobretudo, no que diz respeito à sua estrutura composicional¹⁰. Dessa forma, procuramos analisar como o propósito comunicativo específico de cada gênero da constelação dos *blogs* influencia na estrutura composicional dos gêneros, a partir da

⁹ CF. Nosso capítulo de fundamentação teórica.

¹⁰ Vale salientar que temos plena consciência de que o propósito, como explica Swales (1990; 2004) e Bhatia (1993; 2004) influencia também nas escolhas de estilo e conteúdo do gênero. Contudo, dadas as restrições, sobretudo no tocante à limitação de páginas, desse trabalho, optamos por fazer um recorte nesse aspecto, visto ser impossível tratar adequadamente desses outros dois pontos tanto na fundamentação teórica como na metodologia. Não obstante, temos a intenção de analisar também esses outros aspectos caso prossigamos com esse trabalho a ser desenvolvido.

análise dos mecanismos hipertextuais específicos presentes em cada gênero da constelação.

Ao final, procuramos traçar um perfil composicional próprio a cada gênero descrito, ao passo que, ao cruzarmos os dados obtidos nessa descrição, procuramos chegar a uma estrutura composicional mínima comum a todos os *blogs* e que supomos ser o cerne unificador dos gêneros em sua forma constelar, capaz de estabelecer a competência metagenérica (BENTES, KOCH, NOGUEIRA, 2003) pela qual seus usuários nomeiam a todos como *blog*, a despeito das diferenças entre cada gênero da constelação.

Com tudo isso, pensamos trazer com esta pesquisa ganhos acadêmicos, tanto empíricos como teóricos, que justifiquem a relevância de tal empreendimento. Assim, empiricamente, procuramos traçar um panorama mais completo sobre aquilo que Miller e Shepherd (2007) chamam de “ação de *blogagem*”, que, ao contrário dos autores, pensamos constituir-se não por um único gênero - o *blog* pessoal - mas por uma constelação de *blogs* definidos por propósitos comunicativos específicos.

Procuramos ainda, avançar teoricamente ao trazermos à comprovação empírica a proposição de Swales (1990; 2004) e Bhatia (1993; 2004) segundo a qual o propósito comunicativo influencia na composição de um gênero, proposição essa da qual não temos notícias de pesquisas empíricas que a possam comprovar, o que consideramos uma lacuna importante a ser preenchida para a teoria de gêneros de base sócio-discursiva e, portanto, um ganho teórico importante a que nos propomos realizar.

Por fim, temos ainda a destacar nossa proposição de mais um caminho possível para a análise de constelações de gêneros, partindo do conceito de comunidade discursiva, e procurando relacioná-lo mais propriamente ao conceito de propósito comunicativo, tal como sugestionado em Swales (1990).

Por tudo isso, acreditamos oferecer uma pesquisa relevante, que procura refletir sobre o novo contexto de comunicação propiciado pela *internet*, o que cada vez mais tem se tornado uma necessidade para a moderna teoria de gêneros (Cf. MARCUSHI, 2004 E MILLER, 2007), dada a expansão exponencial das mídias digitais e as inovações advindas desse novo contexto de interação humana.

2. Propondo um novo caminho para análise de constelações de gêneros: o caso dos blogs

2.1. Problematizando o objeto

Com base na escolha de nossas categorias de análise: comunidade discursiva, propósito comunicativo e hipertexto, delineamos nosso objetivo geral que foi o seguinte:

- Caracterizar a ação de *blogagem* (MILLER e SHEPHERD, 2007)¹¹ como uma constelação de gêneros (ARAÚJO, 2008), tomando como critério central o conceito de propósito comunicativo específico (SWALES, 1990; 2004, ASKHAVE E WALES, 2001 e BHATIA, 1993; 1997; 2001; 2004) a partir do qual identificamos os diferentes gêneros compositores da constelação de *blogs*, verificando, por fim, como o(s) propósito(s) influencia(m) no plano composicional hipertextual de cada gênero da constelação.

Nossa pressuposição de pesquisa foi de que:

- Se, tendo como critério para definição de um gênero a realização de propósito(s) comunicativo(s) específico(s), então, é possível que da caracterização das distintas comunidades discursivas que fazem uso dos *blogs* cheguemos a distintos propósitos realizados por esses gêneros nomeados em geral como *blog*, mas que por possuírem propósitos comunicativos específicos constituem-se numa formação constelar de gêneros distintos, contudo, atravessados por elementos comuns referentes ao mecanismos hipertextuais disponibilizados, o

¹¹¹¹ Cabe ressaltar que fazemos referência aqui a Miller e Shepard (2007) pelo fato que é dele o termo “ação de blogagem”. Contudo, nosso entendimento do que seja a “ação de blogagem” é bem mais ampla do que a dos autores originais, visto eles considerarem apenas um dos tipos de blog: o blog pessoal. Ao decorrer de nossa exposição esclareceremos melhor essa questão.

que os irmana e possibilita o reconhecimento de todos pela mesma denominação comum de *blog*.

Para que nosso objetivo maior fosse logrado, delineamos um percurso teórico-metodológico baseado nas três categorias de análise: propósito comunicativo, comunidade discursiva e hipertexto. Dessa forma, chegamos ao conjunto de objetivos específicos de nossa pesquisa que compõem em sua forma sequencial as etapas metodológicas que compuseram nosso estudo, a saber:

- traçar o perfil de, pelo menos, mais duas das distintas comunidades discursivas que façam uso dos *blogs*, além dos *blogueiros* já descritos por Lima (2008).
- categorizar os diferentes gêneros da constelação dos *blogs* com base na apreensão de seus propósitos comunicativos específicos.
- analisar como os propósitos específicos influenciam a constituição do plano interna de cada gênero da constelação dos *blogs*.

Esses objetivos específicos conduzem-nos a questões específicas para as quais propomos suposições de trabalho que conduziram nossas investigações. Seguem-se então a relação das questões específicas relacionadas a nossas suposições.

- **De que maneira poderíamos caracterizar outras comunidades discursivas que usam *blogs* além da comunidade *blogueira* já descrita por Lima (2008)?**
 - Se tendo como critério para caracterização de uma comunidade discursiva o atendimento aos traços elencados por Lima (2008) é possível que outros grupos como jornalistas e acadêmicos também constituam comunidades discursivas que usam os *blogs* como parte de seu elenco de gêneros.
- **De que forma a apreensão dos propósitos comunicativos pode servir para a caracterização da constelação dos *blogs*?**
 - Se, tendo o(s) propósito (s) comunicativo(s) como critério central para a identificação de um gênero e se, de fato, os *blogs*, cumprem propósitos comunicativos distintos uns dos outros e específicos ao uso que deles fazem as distintas CDs, então é provável que os *blogs* constituam-se em uma forma constelar de gêneros distintos.

- **Até que ponto o(s) propósito(s) comunicativo(s) específico(s) influencia(m) a estrutura composicional de cada um dos gêneros da possível constelação dos blogs?**
 - Se, de fato, o(s) propósito(s) comunicativo(s) influencia(m) na formação da estrutura composicional de um gênero, tal como supõem Swales (1990; 2004), Askhave e Swales (2001) e Bhatia (1993; 2004), então é provável identificarmos como os propósitos comunicativos específicos dos *blogs* influenciam na estrutura interna (plano composicional, temas e estilo) de cada um dos gêneros da constelação, verificando, por fim, as similitudes e diferenças entre todos.

Faz-se necessário agora expormos de que forma metodologicamente esse caminho proposto pôde tornar-se possível explicitando nossos procedimentos de análise e opções metodológicas a seguir.

2.2. Caracterização da pesquisa

Quanto aos objetivos, esta pesquisa caracterizou-se como: exploratória, descritiva e explicativa (GIL, 2002), uma vez que pretendeu, na exploração de um *corpus* selecionado, descrever os *blogs*, caracterizando-os como uma constelação de gêneros digitais, fundamentada em comunidades discursivas distintas que fazem uso dos blogs como parte de seu elenco de gêneros. A partir disso, buscamos descrever a estrutura composicional de cada gênero da constelação, explicando, por fim, como os propósitos comunicativos específicos de cada gênero influenciam em suas características composicionais e funcionais.

1.1. Delimitação do Universo

O universo de pesquisa é constituído da chamada *blogosfera*, ou seja, a coletividade dos blogs hospedados em algum servidor da *web* (*world wide web* ou rede de alcance mundial). Como situamo-nos dentro da análise em linguística em língua portuguesa, resolvemos delimitar esse universo somente aos blogs escritos nessa língua.

1.2. Amostra

Nossa amostra constituiu-se de 150 *blogs* em língua portuguesa, divididos em três grupos: 50 *blogs* pessoais, 50 *blogs* jornalísticos e 50 *blogs* acadêmicos. Buscando refletir a experiência de usuários comuns da grande rede, essa amostra foi coletada ao acaso a partir da navegação em sites de busca como “uol” e “google”. Dessa forma, cremos poder refletir melhor a diversidade do meio evitando ficarmos com apenas exemplares prototípicos dos gêneros.

1.3. Procedimentos de análise

Nosso procedimento, atendendo aos objetivos deste trabalho e a escolha das categorias de análise, foi dividido em três etapas, baseando-nos em um modelo de análise de gêneros que vise partir do estudo de seu contexto de uso tal como proposto por Askehave e Swales (2001) e Swales (2004).

Na primeira etapa, procuramos traçar o perfil das comunidades discursivas acadêmica e jornalística que fazem uso do *blog* como um dos seus gêneros. Para isso, apoiamo-nos na proposta de Lima (2008) de reformulação na aplicação do conceito de comunidade discursiva, segundo a qual há sete passos para a caracterização de um grupo como uma CD. Acreditamos que esse primeiro procedimento faz-se necessário dada a importância que a moderna teoria sócio-retórica de gêneros dá ao contexto, do qual são provenientes os propósitos comunicativos dos gêneros, e está de acordo com o tipo de procedimento escolhido, que procura analisar um gênero a partir de seu contexto de uso (ASKHAVE E SWALES, 2001 E SWALES 2004).

Para que seja possível a consecução de cada um dos passos elencados por Lima (2008), buscamos situações de fala espontâneas dos membros das comunidades discursivas (CD) acadêmica e jornalística através de visitas em seus *blogs* copiando as telas que nos possibilitem flagrar de forma espontânea cada um dos critérios previstos para a descrição de uma CD segundo Lima (2008).

Nosso segundo passo foi depreender os propósitos comunicativos dos *blogs*, identificando com que função sócio-comunicativa estes gêneros são usados nas CD's analisadas. Para tanto, buscamos situações de fala espontânea dos membros de cada CD através de visitas em seus *blogs* de forma que pudéssemos identificar com que

propósito a CD, da qual o membro faz parte, faz uso do *blog* como gênero, copiando as telas que nos possibilitem a consecução desse objetivo específico.

Desse segundo passo, tomando como propósito comunicativo o definidor de um gênero, identificamos os diferentes gêneros que formam a constelação de *blogs*, depreendendo a função social que cada gênero desempenha na constelação e seus contextos de uso.

No terceiro passo, utilizamos dos gêneros identificados no passo anterior para analisarmos como os propósitos comunicativos específicos influenciam na composição hipertextual de cada um dos gêneros da constelação. Esse terceiro momento de nossa análise foi dividido em três etapas, conforme descritas a seguir.

Em uma primeira etapa, elencamos as ferramentas dispostas em cada exemplar encontrado (trackback, blogroll, ferramentas sociais etc.). A partir daí fizemos um levantamento numérico sobre a ocorrência total das diversas ferramentas disponibilizadas pelos exemplares em cada grupo específico da amostra, chegando ao final a uma pequena tabela em que é mostrado o percentual de ocorrência de cada ferramenta dentro do total de exemplares. Com isso, buscamos demonstrar a estrutura mais prototípica do gênero, baseando-nos na maior ocorrência das ferramentas encontradas.

A segunda etapa consistiu em identificarmos os temas mais comuns para cada gênero da constelação. Para tanto, resolvemos delimitar nossa amostra, nesse caso, para as últimas 5 (cinco) postagens de cada exemplar investigado. A partir daí fizemos mais uma vez, um levantamento numérico sobre os temas tratados, chegando ao final a uma pequena tabela em que é mostrado o percentual de ocorrência de cada tema dentro do total de exemplares e segundo cada gênero da constelação. Com isso, buscamos demonstrar os temas comuns segundo sua ocorrência na amostra pesquisada.

Por fim, a terceira etapa constituiu-se de um levantamento numérico sobre o estilo de cada gênero da constelação. Para tanto, resolvemos delimitar, nesse caso, nossa pesquisa a três elementos: o posicionamento do autor (subjeto ou impessoal), o grau de formalidade do texto (formal ou informal) e a ocorrência de hipertextualidade (imagens, sons ou vídeo, além da linguagem verbal).

Para cada um desses elementos investigados foi realizado um levantamento numérico e por fim, foi elaborada uma tabela resumitiva da ocorrência de cada um desses elementos dentro da amostra pesquisada. Com isso buscamos chegar a algumas marcas estilísticas próprias a cada gênero da constelação.

Por fim, procuramos cruzar os dados referentes à descrição dos distintos gêneros da constelação, de forma a percebermos o que é comum a todos e o que garante a competência metagenérica (BENTES, KOCH, NOGUEIRA, 2003) na identificação de seus usuários como *blog* ante os diferentes tipos apresentados, sendo considerado isso como o fator que une a todos em um mesmo conjunto que para nós constitui-se numa constelação de gêneros distintos.

Posto tudo isso, falta-nos discutirmos melhor as categorias de análise escolhidas para nosso objeto e o que entendemos por constelação de gêneros, o que passamos a fazer a seguir.

3. Explicitando as categorias de análise

Para que passemos a discutir melhor sobre nossas categorias de análise e como elas se relacionam com o conceito de constelação de gêneros é preciso antes discutirmos o que é uma constelação de gêneros, o que passamos a fazer baseando-nos nos estudos de Bhatia (1993; 1997; 2001; 2004), Swales (1998; 2004) e Araújo (2006), através dos quais chegaremos a nossas próprias reflexões sobre o que entendemos como sendo uma constelação de gêneros.

3.1. O que é uma constelação de gêneros?

3.1.1. Bhatia (1993; 1997; 2001; 2004)

Para começarmos, vejamos o conceito de gênero de Bhatia (1993, p.13):

é um evento comunicativo reconhecível, caracterizado por um conjunto de propósitos comunicativos identificados e, mutuamente entendidos pelos membros da comunidade profissional ou acadêmica na qual regularmente ocorre. Muitas vezes, ele é altamente estruturado e convencionalizado com restrições sobre as contribuições permissíveis em termos de sua intenção, posicionamento, forma e valor funcional. Essas restrições, contudo, são freqüentemente exploradas pelos membros especialistas da comunidade discursiva, a fim de alcançar intenções particulares dentro da estrutura dos propósitos socialmente reconhecidos.

Bhatia foca a noção de gênero no conhecimento convencionalizado dos seus usuários, ponderando que um gênero é o resultado de práticas sociais que foram sendo convencionalizadas pelas comunidades discursivas. Para Bhatia, o propósito comunicativo é o responsável pela caracterização e estruturação de um gênero. Assim, para o autor, a estruturação e convencionalização de um gênero é o resultado superficial do acúmulo de experiências de membros de uma comunidade discursiva.

Há ainda segundo o autor uma tendência dos gêneros à inovação ou à imbricação como resposta às necessidades reais dos produtores/consumidores dos gêneros que

procuram a todo instante novas estratégias mais eficientes para atingir seus objetivos, como, por exemplo os publicitários que devido

a demanda por práticas comunicativas se torna cada vez mais complexa, os profissionais experientes começam a responder às novas situações retóricas utilizando estratégias estabelecidas e, mais frequentemente, muitas estratégias inovadoras para atingir uma variedade de objetivos complexos (BHATIA, [1997] 2001, p. 106).

Essa tendência à inovação dos gêneros está relacionada diretamente a uma outra característica dos gêneros apontada por Bhatia ([1997] 2001): a versatilidade dos gêneros. Essa versatilidade é o resultado das diversas demandas retóricas a que são submetidos os vários gêneros diariamente. Isso, com frequência, conduz os gêneros a mudanças estruturais e até mesmo a inovações quanto a seu propósito comunicativo, o que, segundo o autor, cria especificações genéricas para determinados contextos e acaba por resultar na formação de constelações de gêneros na medida em que pode perceber-se uma sobreposição do propósito comunicativo principal comum a todos os integrantes da constelação.

Para ilustrar isso, o autor recorre a vários exemplos de gêneros promocionais, como anúncios, cartas promocionais, inscrições para empregos, sinopses de livros, panfletos comerciais, panfletos turísticos entre outros. Ao citar esses gêneros, Bhatia assevera que todos

apresentam um alto grau de superposição no propósito comunicativo a que procuram atender e essa é a principal razão por que são vistos como parte de uma constelação de gêneros intimamente relacionados, servindo a um propósito promocional comum (p. 104).

Visto isso o autor vislumbra a possibilidade de estudo dos gêneros desde um ponto de vista mais geral, focando no propósito geral de toda constelação genérica ou desde um ponto de vista mais específico, focando apenas em dos gêneros da constelação. Com isso, o autor propõe a figura 1, abaixo, como ilustração dos níveis de descrição dos gêneros promocionais, destacando as duas possibilidades de estudo.

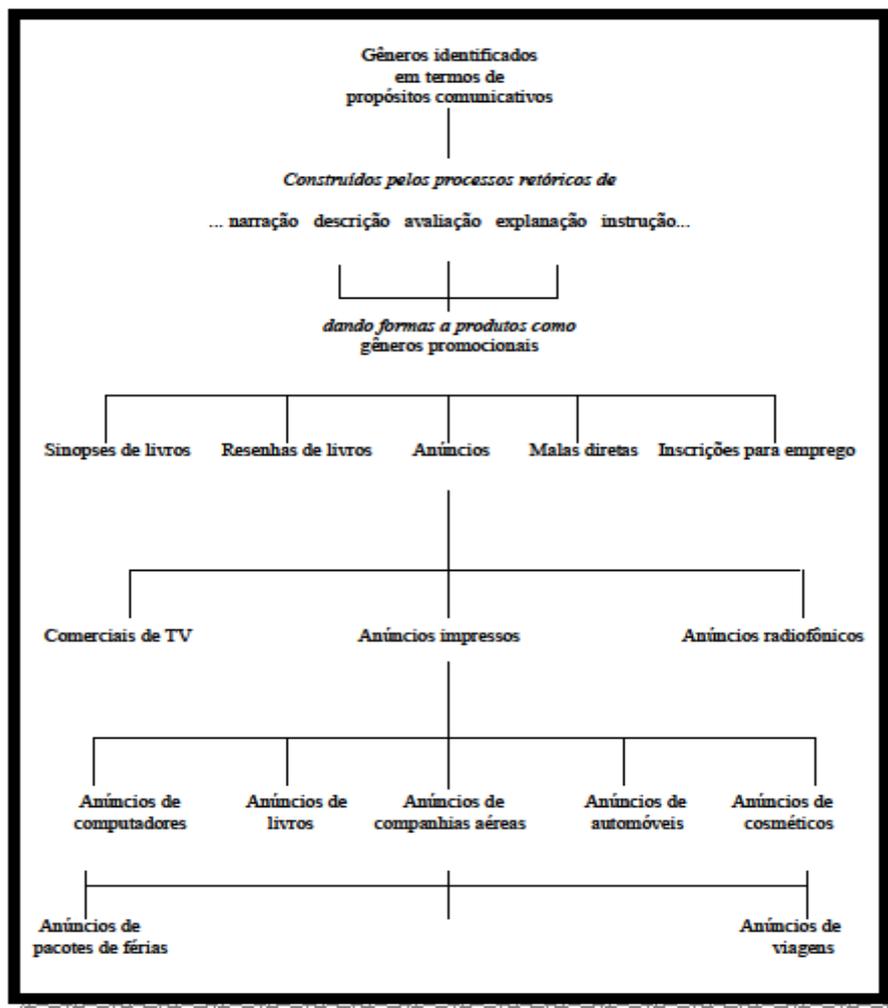


FIGURA 1 – CONSTELAÇÃO DOS GÊNEROS PROMOCIONAIS EM BATHIA (2001)

(Fonte: Bhatia (2001, p. 104)¹²

Segundo Bhatia, subjacente a todos esses gêneros está o propósito geral comum que é o de vender algum produto o que, segundo o autor, une-os em uma constelação de gêneros promocionais.

Descendo um pouco mais na árvore proposta por Bathia, o autor foca no gênero anúncios. Parece, segundo Araújo (2006) que o autor foca a distinção inicial entre os diversos tipos de anúncio no suporte (TV, papel e rádio), demonstrando a grande quantidade de variações a que estes gêneros estão sujeitos: anúncios de computadores, anúncios de livros, anúncios de companhias aéreas, anúncios de automóveis, anúncios

¹² Desde já damos os devidos créditos às traduções das figuras das obras de Swales e Bhatia a Araújo (2006).

de cosméticos, etc. os quais ainda que realizados em suportes distintos conservam o mesmo propósito geral comum.

Nesse ponto, Araújo (2006) faz uma importante pergunta que aqui retomamos: Mas será que esses tipos de anúncios se configuram como variações de um mesmo gênero ou se constituem em gêneros distintos que se organizam em uma outra constelação? Segundo o próprio Araújo (2006) a resposta a essa indagação está em um trabalho anterior de Bahtia (1993), no qual o propósito comunicativo também é eleito como o critério privilegiado para o reconhecimento de um gênero.

Nas palavras de Araújo (2006, p. 41, 42), Bahtia (1993) defende:

que a alteração no propósito comunicativo significa mudança de gênero. É exatamente desse aspecto que nasce o conceito de **subgêneros**, cuja criação, como explica o autor, tem a finalidade de dar conta das pequenas e sutis variações de propósitos comunicativos. Isso permite pensar que há uma equivalência entre o propósito comunicativo e um gênero do discurso e entre o subpropósito comunicativo e um subgênero, já que “qualquer mudança maior no(s) propósito(s) comunicativo(s) é provável que produza diferentes gêneros; enquanto as mudanças ou modificações menores ajudam a distinguir os subgêneros” (BHATIA, 1993, p. 13).

Dessa forma, cada um dos tipos de anúncios relatados seriam subgêneros do gênero “maior” anúncio visto possuírem um mesmo propósito geral, especificado devido às suas temáticas. Uma pergunta que consideramos cabível é se de fato o tema é algo tão importante que mereça ser destacado dessa forma?

Esse tipo de abordagem, segundo Araújo (2006) cria dois percursos metodológicos possíveis de pesquisa:

No primeiro, o analista tem a opção de concentrar o seu estudo na constelação dos gêneros promocionais, formada pelos gêneros sinopses de livros, resenhas de livros, anúncios, malas diretas e inscrições para empregos. De acordo com o autor, o propósito comunicativo é o eixo organizador da constelação desses gêneros, de modo que se algum gênero não atender a esse critério pode ser, naturalmente, expurgado do agrupamento constelar. Ao optar pelo segundo caminho, o analista estuda os diversos graus de sobreposição dos propósitos comunicativos, conduzindo sua análise para um gênero específico da constelação: o anúncio. Segundo o meu ponto de vista, no entanto, este último caminho metodológico força a inferência segundo a qual os diferentes tipos de anúncios, que, seguindo o raciocínio bhatiano, seriam subgêneros daquele, na verdade parecem constituir sozinhos uma outra constelação genérica. (ARAÚJO, 2006, p.43).

De fato, concordamos com Araújo sobre a sobreposição de agrupamentos a que fica sujeita a proposta de Bhatia se entendida dessa forma. Contudo, acreditamos que o problema talvez esteja na importância dada à temática como constitutiva dos “subgêneros”, o que acaba por metodologicamente criar uma infinidade de sobreposições de agrupamentos genéricos uma vez que todo gênero está sujeito às mais diferentes temáticas e visto o tema ser apenas um, e talvez não o mais importante, constituinte do gênero.

Em um outro trabalho seu em que é abordada a questão das constelações genéricas, Bhatia (1999) volta a refletir sobre a organização dos gêneros promocionais. Como resumo a suas idéias, o autor propõe a figura abaixo que procura dar conta das relações entre os gêneros promocionais de cunho profissional:

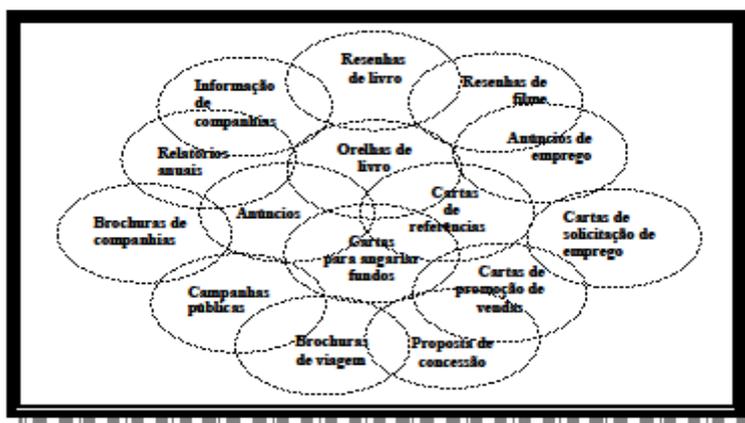


FIGURA 2 – NÍVEIS DE DESCRIÇÃO GENÉRICA DE BATHIA (1999)

Fonte: Bhatia (1999, p. 29)

A figura parece tentar demonstrar as relações existentes entre os distintos gêneros da constelação de gêneros promocionais cujo propósito comunicativo comum seria o de promover ou vender um produto tal como proposto por Bhatia.

Araújo (2006) tece diversas críticas a essa proposta representada pela figura acima. Em primeiro lugar, segundo Araújo (2006), há problemas em relação à “vizinhança” entre os gêneros da figura devido às aproximações entre, por exemplo, os gêneros informação de companhias e resenha de livro ou ainda entre relatórios anuais e anúncios.

Ainda de acordo com Araújo (2006) “há uma certa distância de ordem composicional, estilística, temática e, principalmente, de propósito comunicativo (p.43)” entre os gêneros aproximados na figura. De fato, a figura acima ainda parece-nos mais problemática que a anterior já comentada, visto Bhatia englobar em um mesmo conjunto gêneros que possuem características muito distintas.

Um outro problema apontado por Araújo (2006) é a possibilidade de alguns dos gêneros citados constituírem sozinhos outras constelações, devidos às suas múltiplas variações. É o caso, por exemplo, do gênero carta que pode realizar-se de várias maneiras: cartas para angariar fundos, cartas de solicitação de empregos, cartas de promoção de vendas e cartas de referência, Assim, Araújo (2006, p. 43) afirma que “em meu modo de entender, a carta, em si, tal como também defendo para o anúncio e, em especial para o *chat*, já poderia ser considerada uma constelação, uma vez que existem algumas realizações distintas desse gênero”.

Isso leva Araújo (2006, p.44) a ponderar que

Em minha opinião, o autor cria, assim, um problema metodológico que suscita muitas indagações: **a que constelação se refere Bhatia? À constelação de gêneros ou à constelação de subgêneros?** *Addendo*, o fato de “todas as variações somente se tornarem gêneros diferentes no momento em que começam a indicar uma diferença substancial nos propósitos comunicativos” (BHATIA, [1997] 2001, p. 104), incita a sugestão de que os exemplares que formam a constelação de gêneros, representada pelas figuras anteriores, não assumem o *status* genérico. Em outras palavras, as resenhas de livros e de filmes, as cartas de promoção de vendas e de referência, os relatórios, etc., não se constituem, segundo essa ótica, gêneros distintos, visto que todos são atravessados pelo mesmo propósito comunicativo. Considero razoável esse entendimento na medida em que, para Bhatia, tais exemplares só seriam gêneros caso apresentassem, cada um, um propósito comunicativo distinto.

Concordamos com Araújo no tocante a possibilidade de uma formação constelar do gênero carta. Contudo, acreditamos que isso se deve a variações não somente na temática do gênero, tal como nos parece suscitar os exemplos de carta de Bhatia. Em nossa visão, uma constelação é formada a partir de mudanças no propósito do gênero e não na estrutura ou na temática e consideramos desnecessário o conceito de subgênero para dar conta de mudanças temáticas dos gêneros, visto consideramos que isso só nos traria mais problemas metodológicos pela infinidade temática a que estão sujeitos os gêneros todos.

Consideramos, contudo, que é fato que qualquer relação que se estabeleça entre gêneros é problemática e reconhecemos a inventividade do pensamento Bhatiniano. Ainda assim, pensamos como Askehave & Swales (2001, p. 207) para quem “a ligação feita por Bhatia de textos promocionais de diferentes tipos de audiência, em um mesmo gênero, cria mais problemas do que resolve”. Visto isso, passemos a mais uma proposta de identificação e análise de constelações de gêneros: proposta por Swales (1998; 2004) e que comentaremos a seguir.

3.1.2. Swales (1998; 2004)

Baseando-se em seu estudo anterior (1998) Swales (2004) propõe, a partir de resenhas de outros autores, algumas espécies de constelações genéricas organizadas segundo critérios distintos. Dessa forma, o autor comenta quatro tipos de constelações genéricas que passaremos a comentar a seguir.

3.1.2.1. Hierarquias de gêneros

Segundo Swales (2004) as diversas áreas acadêmicas do conhecimento atribuem importâncias distintas aos gêneros utilizados em suas interações. Dessa forma, segundo o autor, “nem todos os gêneros acadêmicos têm igual valor aos olhos de seus usuários e, além disso, esses valores parecem variar de acordo com as diversas áreas que compõem o universo da pesquisa” (SWALES, 2004, p. 120).

Com base em um estudo etnográfico e nas informações obtidas de três informantes da área de Botânica da Universidade de Michigan, Swales (2004) chegou à conclusão que, ao contrário da área de Linguística Aplicada da qual o autor faz parte, os botânicos daquela instituição não atribuem ao artigo científico o mesmo prestígio, sendo a monografia (monograph) e a flora (flora), os gêneros mais prestigiados no herbário de Michigan.

Nas palavras do autor:

Uma monografia é uma complexa e detalha descrição de um grupo específico de plantas (ou outro organismo vegetal como fungos, por exemplo). Ao contrário, uma flora é uma descrição de todas as plantas que existem, ou soube-se que existiram, em uma área geográfica particular. Dos

dois gêneros, a monografia goza de um prestígio ligeiramente maior porque é mais “analítica”. (SWALES, 2004, p. 13, 14 [grifos do autor]).

Há ainda um terceiro gênero que é o “tratado” o qual consiste, segundo o autor em “um fragmento publicado de uma monografia ou uma *flora*” (p. 14). Com base nisso, Swales propõe a seguinte figura na qual é demonstrada a hierarquia de gêneros utilizados pela área de botânica da Universidade de Michigan:

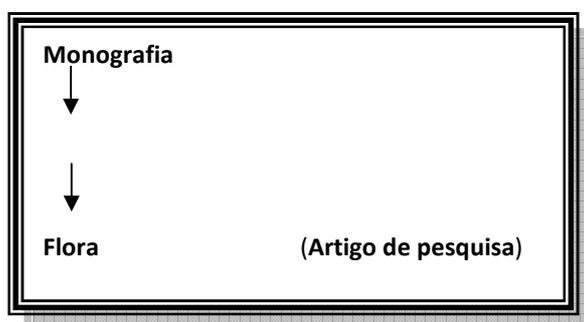


FIGURA 3 – HIERARQUIA DE GÊNEROS NA BOTÂNICA DE MICHIGAN

Fonte: Swales (2004)

Em uma resenha sua de Räsänen (1999)¹³, Swales (2004) identifica ainda que em uma outra área: segurança contra acidentes de automóveis (p. 14), um outro gênero: *conference presentation paper* (artigo de conferência) ocupa o lugar de maior prestígio. Isso, segundo o autor, devido à necessidade de maior rapidez na apresentação de resultados nesta área, se comparada ao estudo mais minucioso da botânica, por exemplo.

Foi com base nessa resenha de Räsänen (1999) que Swales (2004) chegou a sua segunda exploração da categoria constelação de gêneros, o que passaremos a discutir em seguida.

¹³ RÄISÄNEN, C. The conference forum as a system of genres. Gothenberg, Sweden: Acta Universitatis Gothoburgensis, 1999.

3.1.2.2 Cadeias de gêneros

Swales (2004) entende que além de ser possível uma organização constelar de gêneros de forma hierárquica, há ainda a possibilidade dessa organização ser feita segundo uma ordem cronológica específica a alguns eventos comunicativos, especialmente nos casos em que um gênero é necessário para a realização de outro(s).

Assim, por exemplo, “um convite formal para uma conferência em um colloquium” implica em uma série de gêneros encadeados de forma que há uma esperada sequência cronológica entre eles. Segundo o autor no caso do convite em questão há a seguinte ordem cronológica: “a aceitação (talvez por email), a apresentação em si e, talvez, uma carta de agradecimento possivelmente anexando um check.” (p. 18). O autor ainda salienta a possibilidade de ocorrência de alguns outros gêneros nesse evento comunicativo: handouts, slides de Power point, demonstrativo de despesas etc). Vale ressaltar que o autor também vislumbra alguma hierarquia aqui, visto considerar que a apresentação em si é o gênero mais “formal”, “oficial” dessa cadeia. (p.18).

A esse tipo de cadeia genérica Swales (2004) chama de “gêneros restritos” (occluded genres), gêneros específicos a papéis administrativos e avaliativos do mundo de pesquisa, ou seja, fora do alcance de estudantes e aprendizes.

Esse, segundo o autor, é um exemplo mais simples de cadeias de gêneros. Um exemplo mais complexo é exposto em forma de figura que dá-nos uma visão da cadeia de gêneros relacionada à apresentação em conferência (*conference presentation paper – CPP*) relatada por Räisänen.

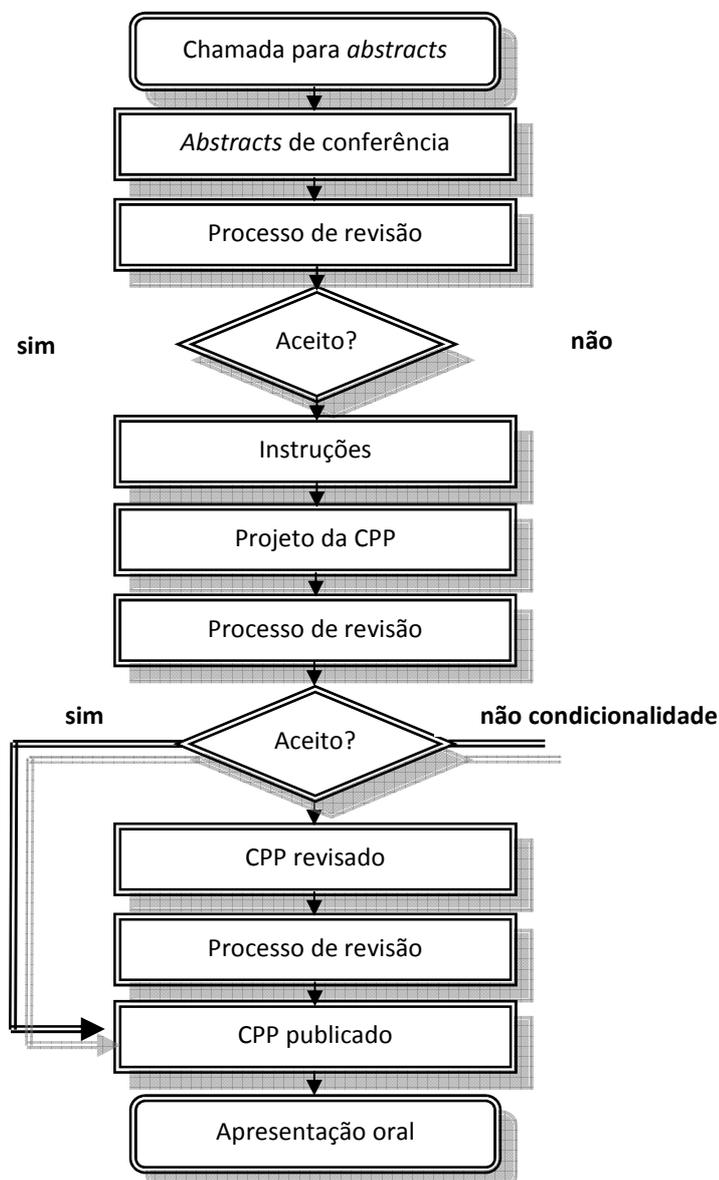


FIGURA 4 – EXEMPLO DE CADEIA DE GÊNEROS

Fonte: Räisänen (1999, apud SWALES, 2004, p. 19).

Nesse exemplo vemos a organização de um evento comunicativo em forma dos gêneros mobilizados para tal. Assim, esse evento é disparado pelo gênero: **chamada para abstracts**, o qual desencadeia os abstracts a serem inscritos. Em seguida, a comissão realiza uma avaliação que suscitará o envio de cartas de aceite (ou não) aos inscritos. Em seguida são enviadas as instruções para a confecção dos artigos e o envio de projetos de CPP que novamente serão avaliados e resultará no envio de novas cartas de aceite (ou não). Haverá ainda a revisão por parte do conferencista e uma nova revisão antes da publicação até que se chegue ao gênero base de tudo isso: a **apresentação oral** do conferencista.

3.1.2.3. Conjuntos de gêneros

Um terceiro tipo de constelação para Swales (2004) são os conjuntos de gêneros, originalmente propostos por Devitt (1991). Segundo o autor os conjuntos de gêneros são “uma parte do total da rede de gêneros que um indivíduo – ou mais especificamente uma classe de indivíduos – toma parte, repetida e produtivamente, como parte de sua prática ocupacional ou institucional. “ (p. 20)

Dessa forma, um estudante de graduação tem seu conjunto de gêneros acadêmicos expandido conforme seu percurso acadêmico indo desde uma discussão e apresentação em seminário, passando pelo controle parcial ou inteiro de uma aula até a apresentação em conferências, em fóruns cada vez mais importantes, do ponto de vista dos gêneros orais. Quanto aos gêneros escritos, um estudante normalmente vai desde artigos de pesquisa, pôsteres, textos para conferências, chegando inclusive a uma Dissertação e Tese.

Mais uma vez o autor salienta que há uma hierarquia perceptível dentro dos conjuntos de gêneros de acordo com o grau de desenvolvimento do conhecimento do pesquisador. Assim, segundo o autor:

Na medida em que estudantes de graduação e pesquisadores iniciantes desenvolvem seus conhecimentos sobre suas circunstâncias disciplinares e departamentais, eles ganham um conjunto de conhecimentos mais exato e matizado (nuanced) sobre seus conjuntos de gêneros e sobre os gêneros individuais inclusos que os compreendem [...] Dessa forma, eles aprendem a experimentar com opções e a reconhecer suas forças e fraquezas em relação aos gêneros e assim começam a desenvolver algo de individual em sua escrita. (SWALES, 2004, p. 21).

3.1.2.4. Redes de gêneros

O último tipo de constelação de gêneros relatado por Swales (2004) diz respeito ao que ele denomina “redes de gêneros”, conceito que se relaciona diretamente ao de “intertextualidade” tal como proposto por Bakhtin (([1953] 2000).

Nesse tipo de constelação há o que o autor chama de “intertextualidade genérica” (Devitt, 1991). Nesse caso, segundo o autor, há a composição de um gênero a partir de outros gêneros antecedentes. Segundo o autor (2004, p. 22),

apresentações podem se transformar em artigos de pesquisa, assim como artigos de pesquisa podem se transformar em apresentações (especialmente aquelas “no prelo”). Artigos publicados podem ter a sua origem ou dado continuidade as Dissertações e mais adiante artigos podem estar dispostos em Dissertações. Artigos, apresentações e ensaios podem ser retrabalhados para formar material de um livro, enquanto seções curtas de um livro poderiam ser depois desenvolvidas em artigos extensos.

Um exemplo desse tipo de constelação é a série de gêneros que se sucederam e deram origem a seu livro de 1998 *Other floors, other voices*, que ele tenta explicitar em quadro reproduzido a seguir:

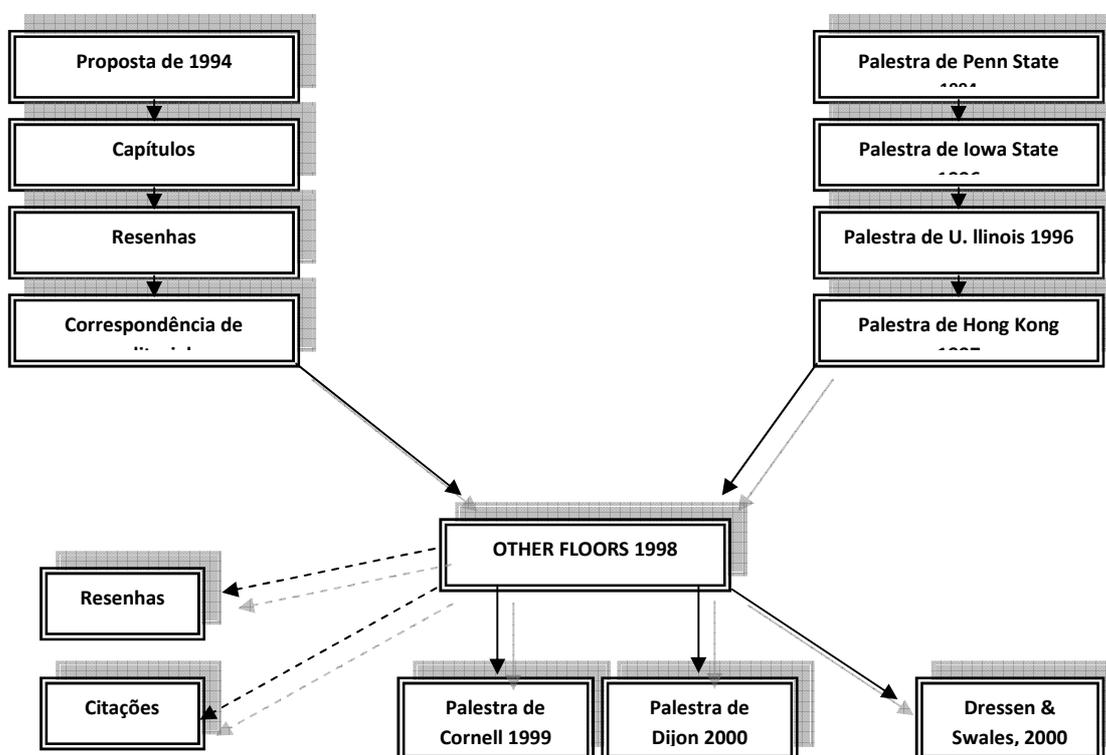


FIGURA 5 – EXEMPLO DE REDES DE GÊNEROS

Fonte: Swales, (2004, p. 24)

A figura tenta dar um panorama da “intertextualidade pessoal do autor” que deu origem a seu livro de 1998. Tal livro, segundo o autor, é o resultado de vários outros gêneros anteriores que se correlacionam pelo tema em comum: um relato etnográfico centrado nos gêneros textuais utilizados no prédio em que se situa seu departamento de linguística aplicada da Universidade de Michigan (EUA).

A figura acima está organizada em dois blocos à esquerda e à direita que, segundo o autor, correspondem a duas cadeias de gêneros já que os gêneros que formam tal sequência estão interligados de forma cronológica à esquerda baseando-se na proposta editorial e à direita na série de Apresentações que o autor participou e que tiveram como tema essa sua pesquisa em questão. Cabe ressaltar que tal rede continua a crescer mesmo depois da publicação do livro com, por exemplo, palestras que se sucederam a publicação da obra.

Em resumo, acreditamos que a proposta de Swales (2004) para a caracterização de constelação de gêneros é, embora em alguns pontos interessante e reflexiva, tautológica, por sempre ser possível verificar uma relação hierárquica entre os gêneros de qualquer conjunto. Além disso, acreditamos que faltou relacionar o conceito de constelação ao de comunidade discursiva do próprio autor que, parece, ter deixado-o de lado nessa obra.

Para finalizarmos nossas resenhas, passaremos a um outro importante trabalho sobre constelações: o de Araújo (2006).

3.1.3. Araújo (2006)

Baseando-se em concepções bakhtinianas ([1953 1997]) como esfera da comunicação e transmutação, o autor propõe uma revisão do conceito de colônia de gêneros de Bhatia, delineando três eixos temáticos que dariam conta do estudo daquilo a que ele chama de constelações de gêneros: a esfera de comunicação a que pertence o gênero, as marcas de sua formação genérica e as suas funções sociais dentro da constelação.

Desses três eixos temáticos, o autor extrai uma categoria de análise para cada um, levando-se em conta as propriedades de seu objeto de estudo. Assim, para a esfera de comunicação, levando-se em conta o domínio discursivo digital a que pertencem os *chats*, o autor optou por estudar o caráter hipertextual dos *chats*; já para o estudo da formação genérica, o autor optou pelo conceito bakhtiniano de transmutação; enquanto para a função social a categoria de análise utilizada foi o propósito comunicativo.

Segundo o autor, baseando-se na análise dos *chats* dentro desse percurso, pode-se concluir que na verdade aquilo a que se nomeia *chat* seria não um gênero único, mas

uma situação sócio-comunicativa na qual se agrupa uma constelação de gêneros distintos, visto cada um atender a um propósito comunicativo próprio relativo à sua função social dentro da esfera. Com base nesse seu caminho teórico-metodológico, Araújo identificou a existência de vários gêneros da constelação dos *chats* como: o *chat* aberto, *chat* educacional, *chat* com convidado, *chat* reservado dentre outros.

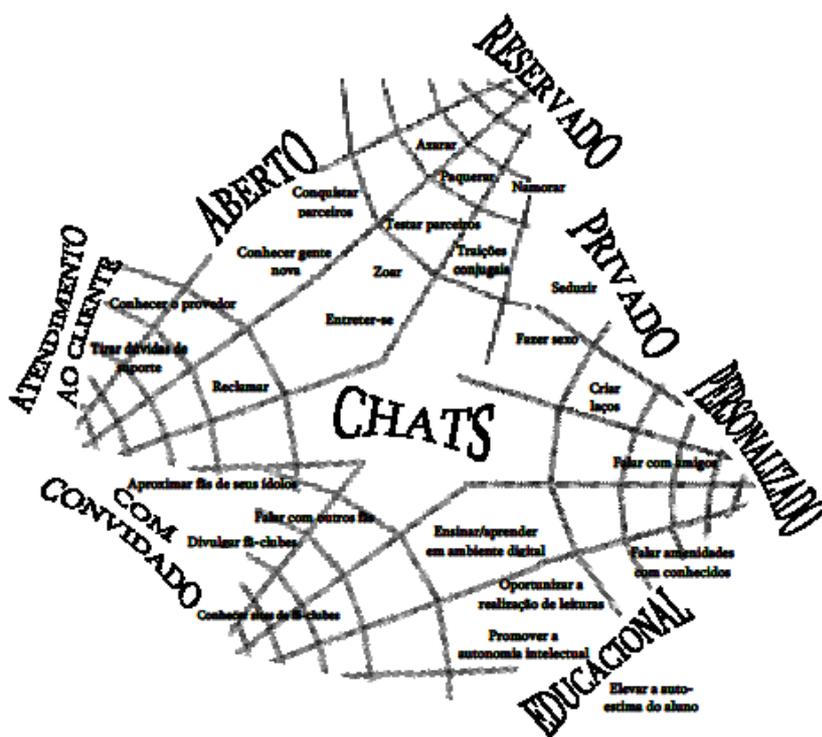


FIGURA 6 – TEIA DE PROPÓSITOS DOS CHATS

Fonte: Araújo (2006)

Essa diversificação dos *chats*, segundo o autor, baseando-se em Bakhtin ([1953] 1997) seria o resultado do processo de transmutação pelo qual os gêneros da conversação face a face sofreram em sua passagem para a esfera digital, sendo que seria a própria evolução da esfera digital o fator desencadeador da formação dos novos gêneros *chat* em resposta às novas necessidades comunicativas oriundas desse processo de complexificação da esfera. Uma pergunta que consideramos pertinente nesse tocante é: que novas necessidades comunicativas são essas e de onde elas advêm?

Ainda segundo Araújo (2006), todos os gêneros que compõem a constelação dos *chats* seriam atravessados pelo traço comum da hipertextualidade, sendo isso o que

os irmanariam em uma formação constelar de gêneros distintos. Uma pergunta que consideramos cabível nesse aspecto é se seria apenas o fato de serem todos gêneros hipertextuais o único elemento a se considerar para o englobamento dos diferentes *chats* em uma formação constelar. Nesse sentido, acreditamos que se poderíamos avançar um pouco mais se fossem cruzados os dados obtidos na caracterização de cada um dos gêneros da constelação de forma a deprender-se o que seria comum a todos e responsável pela nomeação de todos como *chat*. Posto isso, vejamos quais são nossas ideias acerca do que seja uma constelação de gêneros.

3.1.4. Nossa visão do que seja uma constelação de gêneros

Para nós uma constelação de gêneros diz respeito a um conjunto de gêneros que se irmanam por serem frutos de uma ação retórica semelhante, mas que é composta por múltiplos gêneros, cada um tendo um propósito comunicativo distinto um do outro. Assim, por exemplo, temos a ação retórica de *blogagem* que é constituída por múltiplos gêneros: *blogs* pessoais, *blogs* pedagógicos, *blogs* jornalísticos etc. Essa multiplicação de gêneros é possibilitada pelo fato de que com o desenvolvimento do meio e do próprio gênero, distintas comunidades discursivas passam a utilizar um determinado gênero como parte de seu elenco de gêneros. É lógico que cada comunidade discursiva possui seus próprios objetivos e, por consequência, procuram adaptar o gênero a isso, o que acaba por provocar um uso distinto do gênero, o qual passará a ter um novo propósito comunicativo que, se tomado como definidor de um gênero, passa a compor então um gênero distinto do original, mas que continua, logicamente, a manter alguns traços de irmandade.

Em uma tentativa de tornar mais visível essa idéia, compomos a seguinte figura que tenta exemplificar nossa suposição sobre a constelação de *blogs* com a qual pretendemos trabalhar.

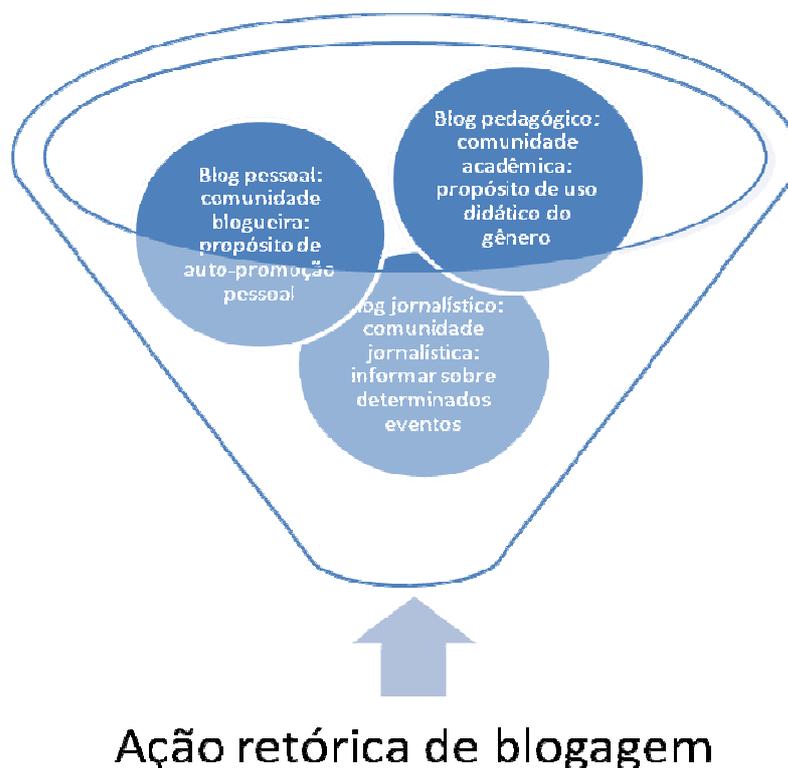


FIGURA 7 – CONSTELAÇÃO DE BLOGS

(FONTE: LIMA, 2008)

Como podemos perceber na figura, temos uma ação retórica chamada *blogagem* (MILLER, 2007) que é composta da publicação e manutenção de um *blog* através de atualizações (novos *posts*), mudanças no *layout*, disposição de novos *links* etc. Essa ação, própria do gênero *blog* pessoal originalmente parte do elenco de gêneros da comunidade *blogueira*¹⁴, tal como descrita por Lima (2008), passou, a partir do

¹⁴ Nosso conceito de blogueiro comunga da idéia de Lima (2008, p. 106-107) para quem: “Baseado em nossa abordagem etnometodológica, assumimos uma visão mais restrita da caracterização de um blogueiro, entendido por nós não como todo aquele que publica um *blog*, mas sim: **um (ou mais de um, no caso de *blogs* coletivos) indivíduo que possui um *blog* de cunho pessoal hospedado em algum servidor utilizando-o com certa freqüência com vistas a auto-promoção e a divulgação de idéias pessoais.**”

Dessa forma excluímos de nossas pesquisas pessoas que publicam *blogs* ligados a instituições (jornais, empresas etc) ou de cunho pedagógico uma vez que, nesses casos pensamos serem outros os objetivos, quais sejam, o de veiculação de informação de cunho jornalístico, publicidade, *marketing* institucional ou no último caso, auxílio para a aprendizagem, o que pensamos ligarem esses tipos de *blogs* a outras possíveis comunidade, quem sabe jornalística, empresarial, de professores etc. (Grifos do autor)

desenvolvimento desse gênero, a ser praticada por membros de outras comunidades discursivas, atraídos pelas facilidades do gênero *blog* pessoal. Logicamente cada comunidade discursiva procurou adaptar esse gênero original a seus objetivos, o que acabou por gerar novos propósitos comunicativos e, por consequência, novos gêneros, visto considerarmos o propósito como critério central para a definição de um gênero. Dessa forma, criou-se um conjunto de gêneros nomeados geralmente por *blog*, mas que, em nossa suposição, constituem gêneros distintos por possuírem propósitos comunicativos distintos, mas interligados por formarem parte de uma ação retórica semelhante.

É com base nessa nossa concepção de constelação de gênero que escolhemos as já referidas categorias de análise de nosso trabalho: comunidade discursiva, propósito comunicativo e hipertexto as quais passaremos a discutir a seguir.

3.2. Comunidade Discursiva

O conceito de comunidade discursiva advém do ramo de análise de gêneros que busca ancorar seus estudos nos aspectos sociais que fundamentam e acabam por constituir o gênero. Como todos os conceitos que envolvam um possível agrupamento abstrato de pessoas, o conceito de comunidade discursiva é criticado por buscar homogeneizar aquilo que por si só é heterogêneo. Contudo, acreditamos que, como artifício metodológico, tal conceito é de suma importância para a compreensão do gênero tal como ele de fato é: um instrumento de uso social para as interações humanas. Dessa forma, ao escolhermos tal conceito como uma de nossas categorias de análise, buscamos privilegiar o entendimento do meio em que circulam os gêneros para melhor entendê-los. Posto isso, vejamos alguns outros teóricos que antes de nós pensaram e/ou aplicaram tal conceito a objetos de pesquisa desde o trabalho seminal de Swales (1990).

3.2.1. O que é comunidade discursiva para Swales (1990; 1998)?

O conceito de comunidade discursiva (doravante CD) é uma das peças-chave para a teoria de gênero de Swales, já que, para o referido autor, um texto não pode ser

completamente entendido e interpretado fora de seu contexto de uso, isto é, baseando-se tão somente nos elementos lingüísticos que o constitui. Isso porque, os gêneros, para Swales (1990), são frutos do(s) propósito(s) do(s) grupo(s) que os formaram.

Vejamos então o conceito de gênero apresentado pelo autor na referida obra:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros especializados da comunidade discursiva e dessa forma passam a constituir o fundamento do gênero. Esse fundamento modela a estrutura do discurso e influencia e limita a escolha de conteúdo e estilo¹⁵. (1990, p.58)

Como se pode perceber, o autor concebe gênero como uma semiotização de eventos comunicativos. Assim, um gênero é o fruto de um propósito comunicativo, uma necessidade particular de comunicação. Logicamente, essa necessidade não pode ser sentida por um, ou mesmo, poucas pessoas, é necessário que um grupo a sinta e convençione elementos que sirvam como meio de supri-la. São as necessidades, as peculiaridades desse grupo que darão forma ao gênero, que serve como um meio semiotizado de suprir determinadas necessidades comunicativas recorrentes e estabilizadas em uma “forma relativamente estável” (BAKHTIN 1997).

Visto dessa forma, é indispensável para o estudo de um determinado gênero, a caracterização do(s) grupo(s) que o utiliza, uma vez que, são as necessidades desse grupo que dão forma e estabelecem seus contextos de uso. Certamente, não foi Swales o primeiro a se utilizar desse pensamento, e nem mesmo desse conceito de comunidade discursiva¹⁶, contudo, a relevância de suas pesquisas nessa área está certamente, não somente na procura de definir critérios que possam estabelecer um grupo como sendo ou não uma comunidade discursiva (CD), como também na importância que o autor atribui à CD como contextualização de uso do gênero, entendido como uma ação social (MILLER, 1984).

¹⁵ As traduções feitas dos trabalhos de Swales são de nossa responsabilidade.

¹⁶ Cf. Swales (1990; 1992)

Sendo assim, para Swales (1990, p.9):

comunidades discursivas são redes sócio-retóricas que se formam afim de atuar em torno de um conjunto de objetivos comuns. Uma das características que os membros estabelecidos dessas comunidades possuem é a familiarização com gêneros particulares que são usados em causas comunicativas desse conjunto de objetivos.

Na definição acima, o termo “sócio-retórico” parece ser fundamental para o entendimento do conceito de comunidade discursiva de Swales. Para o autor, as comunidades funcionam como uma espécie de nascedouro de ações tipificadas, que passam a semiotizarem-se na forma de gêneros, os quais passam a ser sustentação verbal das necessidades do grupo, usados para consecução de objetivos específicos. Dessa forma, os gêneros atuam também nas relações de poder no grupo, na medida em que são controlados pelos membros mais experientes, que possuem o conhecimento mais elevado sobre sua constituição e seus contextos de uso. Contudo, apesar de dar centralidade ao gênero em seu conceito de CD, Swales não relaciona as pontas do triângulo a que parece supor, formado por: **comunidade discursiva, propósito comunicativo e gênero**. Relações essas que, acreditamos, precisam ser mais bem definidas para que haja mais propriedade no inter-relacionamento desses elementos, o que tentaremos ao longo de nossa exposição conseguir fazer.

Swales (1990, p. 08) ainda define uma CD como “um grupo heterogêneo que compartilha objetivos e interesses ocupacionais ou recreativos”, o que a distingue de uma comunidade de fala¹⁷ que para o autor é “um grupo sociolinguístico homogêneo de pessoas que compartilham região geográfica e *background*. Apesar de apresentar uma CD como heterogênea, o autor reconhece que há, pelo menos, um conjunto de características comuns com as quais podemos definir ou não um grupo como sendo uma CD. A primeira definição de critérios para a descrição de uma CD foi estabelecida por Swales em 1990, para quem:

1. uma CD deve ter um acordo em relação a seus objetivos públicos comuns.

¹⁷ Segundo Labov (1972, p.54) uma comunidade de fala é um “conjunto de falantes empregando as mesmas formas”, ou ainda “um grupo de falantes que têm em comum um conjunto de atitudes sociais para com a língua”.

2. uma CD deve ter mecanismos que promovam a intercomunicação entre seus membros.
3. uma CD deve utilizar mecanismos que promovam a participação e o *feedback*.
4. uma CD deve compartilhar o conhecimento de um ou mais gêneros.
5. uma CD deve possuir um léxico específico.
6. uma CD deve procurar manter um equilíbrio entre os membros “*experts*” e os membros iniciantes.

Essa primeira tentativa de Swales de estabelecimento de parâmetros para definição de uma CD foi bastante criticada¹⁸ principalmente pelo fato de que o autor parece conceber uma CD como algo acabado, hermético, portanto, incapaz de incorporar novos gêneros, novos objetivos e um novo léxico, diferindo assim de sua conceituação de CD como algo “heterogêneo”, como o autor havia mencionado antes. Foi com base nessas críticas que o analista de gêneros procurou reformular o seu conceito de CD, alterando alguns dos critérios para o seu estabelecimento. Assim, em um trabalho posterior, Swales (1992) passou a defender que uma CD se caracteriza por:

1. possuir um conjunto de objetivos formulados publicamente e estabelecidos em parte, ou no todo por seus membros;
2. possuir mecanismos de intercomunicação entre seus membros (encontros, jornais, correspondências entre outros)
3. usar mecanismos de participação de forma a atender propósitos específicos como: canalização das informações, manutenção do sistema de crenças e valores, aumento do espaço profissional etc.
4. utilização de uma seleção crescente de gêneros que visem a realização comunicativa de seus objetivos e como instanciação de seus mecanismos de participação. Estes freqüentemente formam conjuntos ou séries.
5. uma aquisição, ou mesmo busca de termos específicos;
6. possuir uma estrutura hierárquica explícita ou implícita que visa, sobretudo, orientar os processos de admissão e progressão no grupo.

¹⁸ O próprio Swales (1992) disponibiliza um resumo das críticas feitas a sua conceituação de comunidade discursiva.

Com essa reformulação, o autor dá margem a uma visão mais dialética de uma CD, visto vê-la não mais como algo acabado e hermético, mais sim como algo em evolução, capaz de expandir seu léxico, utilizar novos gêneros e reformular seus objetivos. Não obstante esses avanços, em ambos os casos, o conceito ainda peca no que diz respeito aos seus limites. O próprio Swales (1992) chega a questionar-se, sem, contudo propor solução, sobre quais os limites a serem observados por quem desejasse estudar a chamada comunidade discursiva acadêmica. O que poderia ser descrito como uma CD acadêmica? Todos os *campi*? Cada *campus* separadamente? Cada área de conhecimento? Cada departamento? Ou ainda, será necessário cumprir todas as características propostas ou só uma parte delas?, Neste caso, quais seriam as mais importantes?

Outro problema pode ser identificado em cotejando os critérios 2,3 e 4, visto o autor não delimitar bem o que diferenciaria um dos outros. Tomemos como exemplo o já clássico caso da comunidade discursiva dos filatelistas de Hong-Kong citado pelo próprio autor (1990, p. 27 e 28) e da qual o mesmo participa.

Em sua breve exposição da comunidade, o autor cita como mecanismos de intercomunicação: um jornal enviado aos membros a cada dois meses, reuniões, correspondências e telefonemas. Quanto aos outros dois critérios seguintes: mecanismos de participação e gêneros, o autor carece em sua descrição de clareza, retomando os mesmos elementos e arrolando outros sem nomear os critérios de que fazem parte. Segundo Lima (2008, p.24) a redundância nessa descrição se deve

à própria natureza dos três critérios apontados, visto, em nosso entendimento, dizerem respeito a idéias semelhantes, sobretudo na perspectiva de gênero como mecanismo de ação social (MILLER, 1984), na qual se situa o autor.

Dessa forma, os elementos descritos atuam tanto como meios de intercomunicação, como de participação no grupo, sendo que tanto o jornal como a correspondência, citados, são também gêneros. O autor chega, ao que parece, em sua revisão de 1992 (p.11) a vislumbrar a possibilidade de unirem-se, pelo menos, os critérios 3 e 4 ao mencionar que os gêneros também servem “como instanciação de seus (da comunidade) mecanismos de participação”.

Ainda como mencionado anteriormente, deveria o autor, melhor inter-relacionar a escolha e composição dos gêneros aos propósitos da CD que o utiliza. Se de fato um gênero não é propriedade de uma CD, como foi primeiramente posto por Swales (1990) e amplamente criticado, até que o autor (1992) finalmente abandonasse a idéia, o gênero, e diríamos mais, todos os mecanismos de participação e intercomunicação do grupo, são escolhidos e moldados segundo os objetivos e necessidades da CD que os utiliza, como próprio reconhece o autor em sua concepção de gênero ao dizer que “esse fundamento ((os) propósito(s) comunicativo(s) do grupo) modela a estrutura do discurso (incluindo gêneros) e influencia e limita a escolha de conteúdo e estilo” (1990, p. 58). Visto dessa forma, se de fato é o propósito comunicativo o que fundamenta e molda a estrutura do gênero e do discurso do grupo, não bastaria aqui elencar os gêneros e demais mecanismos de participação e intercomunicação do grupo, também é preciso avaliar como os objetivos (propósitos) do grupo influenciaram na composição das escolhas e plano composicional desses elementos, o que não foi mencionado pelo autor em sua exposição desses critérios, ausência essa que visamos suprir com nosso trabalho.

A partir de então, em suas obras posteriores (2001 e 2004), o autor não avança mais no conceito, deixando inclusive de mencioná-lo nos modelos propostos para a análise de gênero nas referidas obras, ocupando essa vaga com termos abstratos como “contexto” e “situação comunicativa”.

Dessa forma, o conceito de comunidade discursiva parou no tempo, no caso 1998, última das obras de Swales que procura avançar em sua caracterização. De lá para cá, há alguns poucos estudos que procuraram aplicar o conceito swalesiano de comunidade, fato este que encorajou Lima (2008), que resenharemos a seguir, a propor uma reformulação desse conceito trazendo novas perspectivas ao seu uso, que consideramos parte essencial para a análise de qualquer gênero.

3.2.2. Comunidade discursiva para Lima (2008)

Nossa intenção aqui é expormos de forma resumida as propostas teórico-metodológicas de reformulação do conceito de comunidade discursiva de Swales (1990; 1992; 1998) de Lima (2008). O caminho que o levou a suscitar tais idéias pode ser

conferido mais propriamente nos capítulos 1 e 2 da referida obra, para os quais desde já remetemos nosso leitor.

Como já explicado anteriormente, o conceito original de Swales apresentava um grave problema quanto a sua amplitude, problema esse já exposto pelo próprio Swales (1992) ao indagar-se o que seria uma comunidade discursiva acadêmica, todos os *campi*? Cada *campus* separadamente? Cada área de conhecimento? Cada departamento?

Essa inquietação do próprio autor fez Lima (2008) buscar uma resposta a essa pergunta e ao refletir acerca da estrutura própria de comunidades complexas como a acadêmica e a que lhe serviu de objeto de investigações: os “blogueiros”, o autor chegou à conclusão que na verdade esses grupos maiores são organizados em função de múltiplos sub-grupos, orientados cada um por objetivos particulares, mas inter-relacionando-se todos por uma gama de traços comuns que vão desde um objetivo maior, partilhado por todos os sub-grupos até outras características como gêneros, valores e léxico também comuns a todos.

Além disso, esses grupos menores organizam-se também de forma hierarquizada num todo maior que os identifica como pertencentes a um mesmo grupo maior e não como diversos grupos independentes entre si. Dessa forma, Lima (2008) optou por subdividir o conceito original de Swales em dois:

Comunidade discursiva global: redes sócio-retóricas amplas formadas a partir de múltiplos sub-grupos organizados hierarquicamente e inter-relacionados entre si por um ou mais objetivo(s), gêneros, valores e léxico comuns.

Comunidades discursiva local: um grupo menor pertencente a uma comunidade global com quem compartilha objetivos, valores, léxico e gêneros, mas que apresenta em sua constituição traços próprios relativos a essas categorias, o que o identifica como sendo um grupo menor formado a partir de objetivos, valores, léxico e gêneros específicos podendo também ter sua hierarquia própria, mas sempre situando-se também no todo hierárquico maior da comunidade global a que pertence. (LIMA, 2008, p. 51)

Ainda segundo o autor:

Cabe aqui salientar que as nomenclaturas: comunidade global e comunidade local procuram refletir o caráter *latu* e *strictu* de cada grupo, respectivamente, não designando, portanto, “global” ou “local” na acepção de lugar geograficamente estabelecido. (2008, p.52)

Para uma melhor visualização dessa proposta, Lima (2008) propôs a seguinte figura resumitiva de suas ideias sobre a relação entre comunidade discursiva global e suas comunidades locais.

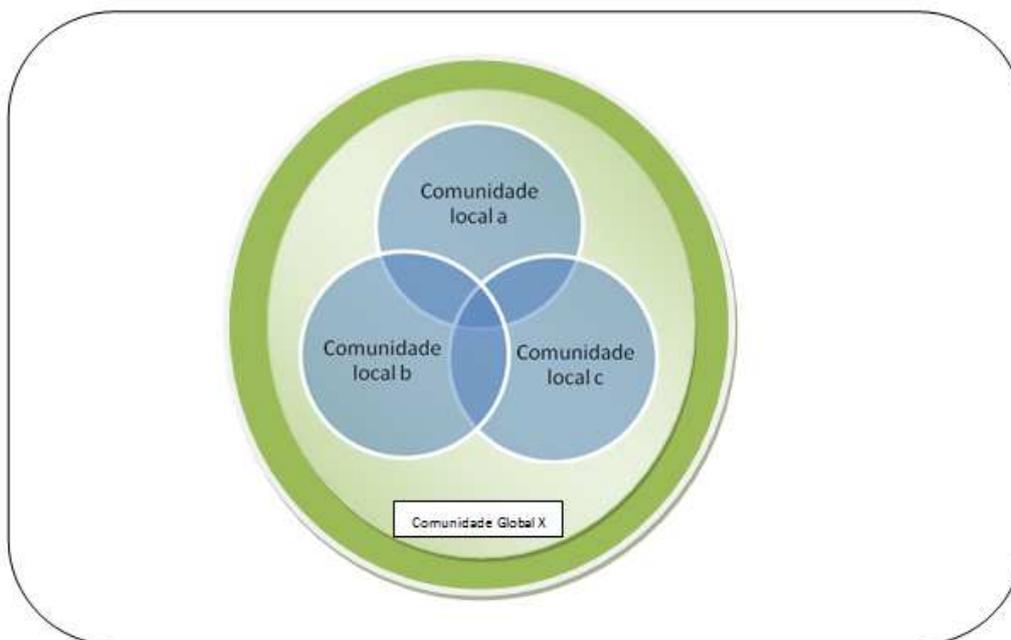


FIGURA 8 - RELAÇÕES ENTRE COMUNIDADE GLOBAL E SUAS COMUNIDADES LOCAIS

Fonte: Lima (2008, p. 53).

Como se pode perceber, a comunidade global é representada pelo círculo verde claro dentro do qual haverá tantas comunidades locais quantas possam ser identificadas como partilhadoras dos mesmos objetivos, valores, léxico e gêneros comuns a todos os integrantes do grupo maior. Além de relacionarem-se com o todo maior, cada comunidade local relaciona-se com outras também locais tanto no tocante às

características gerais do grupo como mesmo em relação a características particulares, como, por exemplo, gêneros ou léxico específicos.¹⁹

Lima (2008) em sua análise identificou os blogueiros como uma comunidade global, formada por múltiplas comunidades locais, entre elas a comunidade local “bar do escritor” descrita pelo autor.

Cabe ainda ressaltar que também a comunidade global não está à solta no espaço, ela também deve pertencer a um outro contexto maior do qual é tributário (círculo maior da figura). No caso dos blogueiros, objeto de pesquisa de Lima (2008, p. 53)), o autor pondera que “esse círculo maior é a blogosfera que se enquadra por sua vez no ciberespaço, entendido como em Levy (1999) como o espaço de comunicação mundial advindo da interconexão de computadores online, e do qual a CD é tributária no tocante a muitas de suas características”.

Dadas essas ponderações, Lima (2008) propõe uma série de “passos” ou critérios para a descrição de uma CD local ou global, realinhando os critérios originalmente propostos por Swales (1990). Assim, foram englobados em um mesmo passo, os critérios 2, 3 e 4 originalmente propostos por Swales (1992) e que dizem respeito aos mecanismos de intercomunicação, participação e o elenco de gêneros da comunidade respectivamente, acrescentando outros três elementos que dizem respeito ao contexto em que se insere a CD, ao processo de admissão de um novo membro e do conjunto de normas e valores da CD.

Dessa forma, em conjunto a proposta teórico-metodológica para descrição de uma CD de Lima (2008), desdobra-se em 7 passos a serem seguidos para descrição de CDs em geral, vistos a seguir.

- **Descrever contexto em que a CD se insere:**
- **Descrever o processo de admissão**
- **Das normas e valores**
- **Dos objetivos**

¹⁹ Para uma melhor visualização disso remetemos nosso leitor para o capítulo 7, onde falaremos da comunidade local “bar do escritor”.

- **Do elenco de gêneros e outros mecanismos de participação**
- **Do léxico**
- **Da hierarquia**

Cabe ressaltar que devido às perspectivas de nosso trabalho, ateremo-nos apenas na descrição das comunidades globais acadêmica e jornalística, procurando evidenciar os propósitos comunicativos com os quais seus membros utilizam os *blogs* como parte de seus elencos de gêneros. Visto isso, é tempo de procurarmos explicitar o que entendemos por propósito comunicativo, um conceito tão profícuo quanto problemático para a análise de gêneros, como veremos a seguir

3.3. Propósito Comunicativo

A noção de propósito comunicativo tal como proposta em Swales (1990, 1992, 2004), Askhave e Swales (2001) e Bathia (1993, 1997, 2004) parte da visão bakhtiniana de gênero como uma ferramenta semiotizada e elaborada a partir das necessidades sócio-discursivas de um grupo social.

Bathia (1993) entende que o propósito comunicativo é um conceito multidisciplinar, que engloba, além da lingüística, a psicologia e a sociologia. Assim temos três teorias que visam estudar a mesma categoria, o que nós dará três perspectivas diferentes de abordagem do propósito comunicativo.

Psicologicamente, propósito pode ser entendido como algo da forma “intenção do autor”, o que, em nossa visão, deixa reticências quanto ao poder dado ao autor, nessa concepção e à forma como seria possível ao analista captar essas “intenções”.

Lingüisticamente, o propósito é entendido como algo imanente ao texto, o que daria espaço para o analista identificá-lo partindo do próprio texto, pelas marcas deixadas pelo autor(es). Contudo essa visão pode ser improdutiva como visto em Askhave e Swales (2001) e Swales (2004), para quem seria necessário, nesse caso, uma redefinição (*repourposing*) desses propósitos, comparando-os com o uso efetivo do texto.

Sociologicamente, podemos dizer que o propósito comunicativo, fruto das necessidades sócio-interativas, é a base para o surgimento e construção de um gênero.

São os propósitos que orientam a estrutura composicional, as escolhas de conteúdo e o estilo de um gênero. Por isso, para Swales (1990, p.58), o gênero “compreende uma classe de eventos comunicativos cujos membros compartilham um conjunto de propósitos comunicativos”.

Na mesma perspectiva, Bathia (1993, p.13) diz que, quanto à natureza e função, o gênero “é caracterizado essencialmente pelo(s) propósito(s) comunicativo(s) que pretende realizar”, embora influenciado também por outros fatores como conteúdo, forma, audiência e meio. Daí a perspectiva de que um propósito comum não implica necessariamente uma rigidez estrutural na construção de gêneros. Essa maleabilidade, constitutiva dos gêneros, em si não invalida a identificação destes, através de seus propósitos comunicativos específicos, como já previsto nos estudos de Askhave e Swales e Bhatia, anteriormente citados.

Contudo, esses propósitos comunicativos, tal como exposto por Swales (1990) e Bathia (1993), não foram desenvolvidos, restringindo-se somente a noções gerais de privilégio e centralidade do conceito na análise de gêneros. Em Askhave e Swales (2001, p.197) os autores reconhecem que esses propósitos “são mais evasivos, múltiplos, intrincados e complexos do que foi originalmente imaginado”.

Pode-se, porém estabelecer, como premissa geral, de que, nessa concepção, os gêneros são sempre tomados como um meio para se realizar algo no interior das práticas sociais. Assim o propósito comunicativo pode ser visto como aquilo que os gêneros realizam na sociedade, percebendo-se, contudo, que o propósito de um gênero pode não ser único e nem tampouco predeterminado.

Dessa forma, não se deve compreender propósito de uma forma psicológica como “intenção do autor”, nem apenas como algo imanente ao texto, visto ser um processo, fruto das interações sociais.

Portanto, será da perspectiva, do propósito como função social desempenhada por um gênero para um determinado grupo, que procuraremos identificar o(s) propósito(s) comunicativo(s) específico(s) dos *blogs*, através da depreensão de falas dos próprios membros de cada CD em seus contextos espontâneos de interação, através de seus próprios *blogs*, identificando por fim como os propósitos comunicativos influenciam na constituição hipertextual de cada gênero da constelação, para o que faz-

se necessário agora demonstrarmos o que entenderemos como hipertexto em nossa pesquisa.

3.4. O hipertexto e a enunciação digital

Controverso desde sua origem, o conceito desde que passou para o campo da lingüística tem sido fruto de muito debate, gerado do conflito de idéias entre dois grupos antagônicos: de um lado aqueles que consideram que o hipertexto em si não traz nenhuma novidade que não seu suporte digital (cf. MARCUSCHI, 1999, 2000; KOCH, 2002; POSSENTI, 2002, entre outros), e do outro lado os que consideram que, pela simbiose de múltiplos modos de enunciação (visual, verbal e auditivo) e pela cascata de informações proporcionada pelos *links*, o hipertexto constitui um novo modo de enunciação a que Xavier (2002) chamou *modo de enunciação digital* (cf. XAVIER, 2000, 2002, 2004, 2007; VIEIRA, 2001; BRAGA 2003, 2004; KOMESU, 2001, 2004, 2005b; ARAÚJO, 2003; 2004; ARAÚJO E BIASI-RODRIGUES, 2005).

Talvez a grande falha dos que procuram negar a existência do hipertexto como uma nova forma de enunciação esteja no fato reducionista de se concentrarem em umas poucas características como os *links* e a não-linearidade, características essas que, sabidamente, já estavam presentes nos textos impressos, daí a já difundida declaração de Koch (2002) para quem “todo texto é um hipertexto”.

Ao contrário, Snyder (1998, p,126) propõe uma conceituação de hipertexto mais englobante quando diz que em sua ótica:

Hipertexto é um modo de enunciação que existe apenas online em um computador. Uma estrutura composta de blocos de textos conectados por *links* eletrônicos que oferece diferentes caminhos aos usuários. O hipertexto fornece um meio de conseguir informação de uma maneira não linear com o computador, automatizando o processo de conectar um pedaço de informação a outra. Quando a estrutura acomoda não somente textos, mas também som digitalizado, gráficos, animação, vídeo e realidade virtual, ela é às vezes referida como hiperídia. [...] Mas o hipertexto é meu termo preferido. Utilizo-o para representar tanto a estrutura quanto o conteúdo desse tipo de tecnologia de informação.

Essa visão também é compartilhada por Xavier (data, p.?), que considera hipertextos

apenas os dispositivos “textuais” digitais multimodais e semiolinguísticos (dotados de elementos verbais, imagéticos e sonoros) que estejam *on-line*, isto é, os que estejam indexados à internet, reticuladamente interligados entre si e que possuam um domínio URL ou endereço eletrônico na World Wide Web.

Essa última visão de hipertexto é a que particularmente nos atrai. Sobretudo por conceber o hipertexto como um modo diferente de enunciação próprio do meio digital, facilitador do aparecimento de novos gêneros, transmutados e adaptados ao novo meio e a esta nova forma de linguagem.

Entendido dessa forma, não há, acreditamos, como descrever um gênero digital sem que se passe pela análise dos diferentes recursos hipertextuais oferecidos, que, aceitando a proposta de Swales (1990), devem estar relacionados aos propósitos comunicativos do gênero e, portanto, está sujeito às convenções próprias de cada CD, pelo que faz-se necessário investigar como o propósito comunicativo com o qual são utilizados os *blogs* por cada CD influencia em sua organização hipertextual.

Contudo, acreditamos que, apesar de haver adequações quanto à organização hipertextual de cada gênero face aos propósitos comunicativos, em se tratando de uma constelação, haverá igualmente algo que os irmane a todos e seja responsável pelo reconhecimento dos distintos padrões por uma mesma denominação geral. Dessa forma, acreditamos que um padrão mínimo hipertextual é responsável pelo reconhecimento como *blog* por seus usuários, mesmo em se tratando de gêneros tão distintos uns dos outros.

Cumprido assim esse caminho traçado por nós, baseando-nos na proposta de análise de gêneros a partir de seus contextos de uso (ASKHAVE E SWALES, 2001, SWALES, 2004), acreditamos que, ao final de nossa pesquisa, disporemos de dois elementos definidores da constelação dos *blogs*. Por um lado, baseando-nos nos distintos propósitos comunicativos de cada gênero e em seus padrões hipertextuais, teremos uma tipologia de alguns dos gêneros que compõem a constelação dos *blogs*.

Por outro lado, do cruzamento dos dados obtidos para a identificação dos gêneros dessa possível constelação, teremos o que seja considerado um padrão mínimo responsável pela competência metagenérica com a qual os usuários reconhecem como

blog os diversos gêneros desse possível agrupamento constelar. Feito isso, teremos cumprido nosso objetivo, sem que, contudo, tenhamos a pretensão de esgotarmos o assunto, tal são as muitas possibilidades e desafios advindos desse novo contexto de interação humana proporcionado pela internet.

Feitas todas essas ponderações, gostaríamos de finalizar deixando uma vez mais explícita a tese com a qual trabalhamos nossa análise.

Nosso intuito principal é reavaliarmos o poder descritivo do conceito de constelação de gêneros e sua aplicabilidade aos *blogs*. Nossa suposição parte do princípio de que o propósito comunicativo deve ser tomado como critério básico para definição de um gênero. Dessa forma, em nossa visão, os *blogs* são gêneros distintos por possuírem propósitos comunicativos diferentes uns dos outros.

Isso é causado, em nossa suposição, pelo fato de que com o passar do tempo e o desenvolvimento do ciberespaço, os *blogs*, devido a muitas de suas facilidades, passaram a servir como gênero a outras comunidades discursivas, além da comunidade *blogueira*. Logicamente, cada comunidade procurou adaptar tal gênero aos seus objetivos, o que ocasionou o surgimento de novos propósitos aos *blogs* e consequentemente a diferenciações desse gênero também em sua estrutura composicional e temática.

Estando clara essa nossa tese, passemos então a comentar sobre alguns aspectos em relação ao conceito de gênero que utilizamos em nosso trabalho, a aplicabilidade das teorias de gênero ao meio digital e ainda sobre a os *blogs*. Terminada essa última seção teórica, partiremos para a demonstração da aplicabilidade de nossa tese a três comunidades discursivas escolhidas por nós para serem nossos objetos de pesquisa: a comunidade discursiva *blogueira*, a jornalística e a acadêmica, nessa ordem.

Capítulo 4

Os gêneros digitais e os blogs

4.1. A análise de gêneros textuais

Apesar de a questão remontar à tradição aristotélica em sua obra *Arte Retórica* (s/d), a conceituação, terminologia e métodos de abordagem de gêneros textuais (discursivo ou de discurso) é algo ainda controverso.

Tomemos como ponto de partida o conceito de gênero discursivo apresentado por Bakhtin (1997, p. 279):

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos), concretos e únicos que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – , mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.

Bakhtin assume um conceito dialógico de língua como dependente do contexto específico de enunciação. Assim, a língua tomada como algo abstrato e alheio ao falante (Saussure), dá lugar a um conceito de língua mais dinâmico, social, dependente das condições de produção e da intenção dos indivíduos.

Em outra de suas obras Bakhtin chega a dizer que “só se pode falar de fórmulas específicas, de estereótipos no discurso da vida cotidiana quando existem formas de vida em comum, relativamente regularizadas, reforçadas pelo uso e pelas circunstâncias” (BAKHTIN, 1981, p.125).

Parece-nos que estas *formas de vida em comum relativamente regularizadas* diz respeito ao que Bakhtin (1997) chamaria de *esferas da atividade humana*, já que esse conceito não é explicitado pelo autor.²⁰

Estas esferas, como práticas institucionalizadas de comunicação, fazem surgir os gêneros, relativamente estáveis, quanto à temática, ao estilo e à organização composicional, já que sujeitos a uma certa regularidade e às características próprias de cada esfera. Assim, segundo Bakhtin (1997, p. 279): “cada esfera elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso o que denominamos gêneros do discurso”.

Estes gêneros, sujeitos às necessidades sócio-interativas, próprias de cada esfera, vão diferenciando-se e tornando-se mais complexos à medida que a esfera em que se desenvolve fica mais complexa.

Assim, Bakhtin propôs uma classificação de gêneros em *primários* e *secundários*. Os primeiros são produzidos *em circunstâncias de uma comunicação verbal e espontânea*, referem-se, portanto, ao cotidiano imediato, à situação imediata em que são produzidos, enquanto os segundos *aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita* (1997, p. 281), distanciando-se da situação imediata e cotidiana de sua produção.

Os gêneros secundários, *o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico etc*, são o resultado da transmutação de gêneros primários de uma esfera para outra mais complexa. Por isso, os secundários guardam características dos primários.

Contemporaneamente, os estudos de Bakhtin têm influenciado um número considerável de pesquisadores, que podem, grosso modo, serem divididos em, pelo menos três tendências (FREEDMAN E MEDLEY, 1994, apud. CATUNDA, 2004). A escola de Genebra que procura dar ênfase à aplicação pedagógica da análise de gêneros, a escola de Sidney que focaliza os aspectos funcionais e multimodais dos gêneros e uma linha americana que visa mais à descrição de gêneros, sobretudo acadêmicos e profissionais. Linha esta com a qual, desde já, nos alinharemos, sem, contudo, deixar de lado as contribuições dos pesquisadores de Genebra e Sidney.

²⁰ Cabe aqui ressaltar que há uma certa flutuação terminológica em Bakhtin, é possível encontrar também, aparentemente o mesmo conceito chamado de esferas de comunicação e esferas de utilização da língua.

Do vasto número de pesquisadores, dentro e fora dos Estados Unidos, que se filiam a essa “linha americana” de estudo de gêneros, dois deles se destacam: Carolyn Miller, John M. Swales e Vijay Bhatia.

A contribuição de Miller (1994a [1984]) está no vanguardismo com que concebeu gênero como uma “ação retórica tipificada (1994a [1984], p. 24)”, indo além das questões da forma e de taxonomias tão comuns até então. A autora concebe gênero como o resultado da dialética estabelecida entre os aspectos social, histórico e retórico, visto que este seria uma resposta a situações sócio-interativas recorrentes.

Ainda segundo a autora, “o gênero espelha a experiência de seus usuários, e é a materialização desta experiência, por meio da ação ali levada a cabo, de sua forma e sua substância (1994a [1984], p. 24)”. Dessa forma, Miller dá vital importância ao estudo do contexto do qual advém o gênero, sendo para isso relevante o estudo do quadro social em que se insere seus produtores, para o que a autora desenvolve o conceito de comunidade retórica, como sendo um mecanismo advindo do sistema social que regula as ações comunicativas. O indivíduo sempre inserido em uma das diversas comunidades retóricas tenderia a reproduzir noções padronizadas das quais advém os gêneros.

Essa importância dada ao estudo do contexto do qual advém o gênero também será vital para Swales (1990, p.58) cuja definição sustenta que:

um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros especializados da comunidade discursiva e dessa forma passam a constituir o fundamento do gênero. Esse fundamento modela a estrutura do discurso e influencia e limita a escolha de conteúdo e estilo.

Depreende-se do conceito de Swales que um gênero está fundamentado em seu *propósito comunicativo*, compartilhado e reconhecido por todos os membros de uma *comunidade discursiva*. Dado isto, o gênero se define por sua estrutura esquemática, seu conteúdo, seu estilo e por sua *audiência pretendida*, que nada mais são que atualizações de seu propósito comunicativo básico.

Voltado para a prática empirista, Swales propôs um modelo de análise de gêneros acadêmicos, o qual foi posteriormente estendido e adaptado para a análise de outros tipos de gênero. Este modelo denominado CARS (*Create a Research Space*), teve por objetivo identificar a organização retórica de gêneros acadêmicos a partir da

análise de um *corpus* que fosse suficiente para apreensão das unidades temáticas recorrentes, bem como para a análise da distribuição dessas unidades.

Contudo, Swales (1990, 1992) não descreve com precisão a metodologia, preocupando-se mais em apreender a estrutura dos gêneros analisados. É nesse sentido, que Bhatia dá sua significativa contribuição à análise gêneros ao propor um conjunto de procedimentos que, ainda que não necessitem ser exaustivamente seguidos, como diz o próprio autor, servem como orientação para as pesquisas sobre gêneros específicos.

Os sete procedimentos, aqui resenhados, postulados por Bhatia (1993) são:

1. localização de um dado gênero em um contexto situacional;
2. levantamento da literatura existente sobre o assunto;
3. refinamento da análise contexto-situacional;
4. seleção do corpus;
5. estudo do contexto institucional;
6. níveis de análise lingüística;
7. informação de especialistas da comunidade discursiva.

Na verdade, estes procedimentos dividem-se em três etapas: a primeira, explanatória que vai do 1º ao 4º item, a segunda que diz respeito ao desenvolvimento propriamente dito da pesquisa, 5º e 6º itens, culminando na terceira e última fase, 7º. Item, que diz respeito a apresentação dos resultados da pesquisa.

Cabe-nos aqui ressaltar que estes procedimentos servirão de base para nossa análise do gênero blog, e serão mais propriamente delineados e explicados no nosso capítulo de metodologia.

Para Bhatia (1993, p.13) um gênero:²¹

É um evento comunicativo reconhecível, caracterizado por um conjunto de propósitos comunicativos identificados e, mutuamente entendidos pelos membros da comunidade profissional ou acadêmica na qual regularmente ocorre. Muitas vezes, ele é altamente estruturado e convencionalizado com restrições sobre as contribuições permissíveis em termos de sua intenção, posicionamento, forma e valor funcional. Essas restrições, contudo, são frequentemente exploradas pelos membros especialistas da comunidade discursiva, a fim de alcançar intenções particulares dentro da estrutura dos propósitos socialmente reconhecidos.

Bhatia redefine o conceito de gênero de Swales, reforçando o papel dos membros da comunidade discursiva no reconhecimento, identificação e aceitação dos objetivos para convencionalização de um gênero particular. Para Bhatia, o propósito comunicativo é o responsável pela caracterização e estruturação de um gênero. Por isso, mudanças significativas nos propósitos comunicativos podem resultar na criação de um subgênero, ou até mesmo, de um outro gênero, embora aqui o autor não explicita bem esse juízo.

Assim, para o autor, a estruturação e convencionalização de um gênero é o resultado superficial do acúmulo de experiências de membros de uma comunidade discursiva.

É a partir do entendimento de gênero como um artefato social, historicamente situado e relativamente estável (BAKHTIN, 1979), com propósitos comunicativos específicos (SWALES, 1990, 1992, 2001, 2004 e BHATIA, 1993, 1997a, 1997b, 2004) e servindo a uma comunidade discursiva própria (SWALES, 1990, 1992) que buscamos caracterizar os gêneros que compõe a constelação dos blogs.

²¹ Tradução nossa. Aqui temos o original:

A genre is recognized communicative event characterized by a set of communicative purposes identified and interchangeably understood by the member of the professional or academic community in which they often happen. Many times, they are very well-built and established, with restrictions about the allowed contributions to your intension, point-of-view, frame and functional value. These restrictions however, are often exploited by the specialized member of the discursive community so that they could reach their own intensions in the structure of the social recognized purposes.

Em si, a própria constituição dos blogs como gênero é tema de intensos debates entre teóricos, divididos entre os que veem nos blogs um propósito e uma estrutura próprios e os que creem que os blogs nada mais são do que suportes para a veiculação de gêneros diversos. Pondo-nos desde já entre os primeiros, cremos ser necessário refletirmos um pouco sobre as características dos gêneros digitais em geral e dos blogs como gênero em particular, buscando refutar as opiniões contrárias.

4.2. Os gêneros digitais e os Blogs

O surgimento, e conseqüente massificação, dos computadores e da internet propiciou o aparecimento de um conjunto de gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital.

Esses gêneros, embora muitos possuam similares em outros ambientes, trazem consigo novos comportamentos linguísticos e sociais que precisam de maiores investigações por parte de pesquisadores.

Marcushi (2005, p.14) chega inclusive a dizer que “seguramente, uma criança, um jovem ou um adulto, viciados na internet, sofrerão sequelas nada irrelevantes”.

Na mesma obra, Marcushi diz que:

três aspectos tornam a análise desses gêneros relevante: (1) seu franco desenvolvimento e uso cada vez mais generalizado. (2) suas peculiaridades formais e funcionais, não obstante terem eles contrapartes em gêneros prévios; (3) a possibilidade que oferecem de se rever conceitos tradicionais, permitindo repensar nossa relação com a oralidade e a escrita. Assim, conclui, esse “discurso eletrônico constitui um bom momento para se analisar o efeito de novas tecnologias na linguagem e o papel da linguagem nessas tecnologias.

O autor procura nessa obra dar uma visão panorâmica sobre os gêneros emergentes nesse contexto da tecnologia digital, mas pondera que

“o grande risco que corremos ao definir e identificar esses gêneros situa-se na própria natureza da tecnologia que os abriga. Seu vertiginoso avanço pode invalidar com grande rapidez as idéias aqui expostas [...] daí perguntar-se (p. 18) quanto de novo vem por aí com a Internet em relação aos gêneros textuais?” (MARCUSCHI, 2005, p. 25)

Embora reconhecendo que os gêneros virtuais tem características próprias, o autor postula que, em sua maioria, são resultado de transmutações de gêneros pertencentes a outras esferas, conforme demonstra o quadro abaixo .

	Gêneros emergentes	Gêneros já existentes
1.	E-mail	Carta pessoal // bilhete // correio
2.	Chat em aberto	Conversações (em grupos abertos?)
3.	Chat reservado	Conversações duais (casuais)
4.	Chat em salas privadas	Encontros pessoais (agendados?)
5.	Chat em salas privadas	Conversações (fechadas?)
6.	Entrevista com convidado	Entrevista com pessoa convidado
7.	E-mail educacional	Aula por E-mail
8.	Aula Chat (aulas virtuais)	Aulas presenciais
9.	Vídeo-conferência interativa	Reunião de grupo / Conferência/ Debate
10.	Lista de discussão	Circulares / séries de circulares ???
11.	Endereço eletrônico	Endereço postal
12.	Blog	Diário pessoal, anotações, agendas

Acreditamos que, afora o fato de ter sido algo um tanto pioneiro no Brasil, o quadro exposto apresenta muitas inadequações. Primeiro, ele concebe diferenciações entre os *Chats* (abertos, reservados, educacionais,... certamente influenciado pelos trabalhos de ARAÚJO (2003, 2005), não fazendo o mesmo para os *blogs*, que assim como os *Chats*, possuem diferenciações como *blogs* pessoais, coletivos, jornalísticos, educacionais etc.

Em segundo lugar, apesar de não conceber a *home-page* como um gênero, pois nos seus dizeres “ela não passa de um ambiente específico para localizar uma série de informações, operando como um suporte e caracterizando-se cada vez mais como um serviço eletrônico”, o autor concebe nessa classificação o *e-mail* como gênero, que também poderia ser visto, tal como a *home-page*, como um suporte feito para receber e armazenar e-mails, não tendo, ele mesmo, função comunicativa.

Contudo, o mais importante é salvaguardar aqui a percepção de que estes gêneros não surgiram instantaneamente com o aparecimento dessa nova tecnologia, mas baseiam-se na apropriação e transmutação de gêneros já pré-existentes o que pode dar-nos boas pistas para caracterização desses “novos” gêneros virtuais.

O autor ainda estabelece, entre os gêneros virtuais, a diferença entre síncronos, como os *Chats*, que possibilitam uma comunicação em tempo real, e assíncronos, como *E-mails*, *Blogs* e Listas de discussão, que estabelecem formas de comunicação que não são em tempo real.

Baseando-se numa concepção de gênero fundamentada em Bakhtin (1979), Halliday (1978), Miller (1984), Swales (1990) e Bronckart (1999), o autor passa então a analisar individualmente esses gêneros, baseando-se *na composição (aspectos textuais e formais, incluindo relações entre os participantes ou a audiência); o tema (natureza dos conteúdos, funções e profundidade) e estilo (aspectos relativos à linguagem, seus usos e usuários)*. (p. 33)

Cabe aqui ressaltar a análise dos *Blogs* (ou *weblogs*) feita pelo autor deixa claro que “a primeira versão [...] não continha este gênero e é com algum receio que o introduzo aqui, pois o seu desenvolvimento nos últimos anos levou-o a uma grande semelhança com a *home-page* que não é um gênero”.(p. 60)

Contudo, mais adiante o autor reconhece que:

Os blogs têm uma história própria, uma função específica e uma estrutura que os caracteriza como gênero, embora extremamente variados nas peças textuais que albergam. Hoje são praticados em grande escala e estão fadados a se tornarem cada vez mais populares pelo enorme apelo pessoal. (p. 60)

De fato, o autor ainda pondera que “a diferença essencial de um blog em relação a um site ou página eletrônica é o fato de poder ser facilmente atualizado na forma de um diário datado e circunstanciado”.(p. 61)

Sem dúvida foi essa a primeira das características dos blogs, que até então tinham basicamente essa função de diário pessoal, mas, como já adiantamos, hoje em dia a difusão dos blogs fez com que passassem a ter outras características e funções que discutiremos mais adiante.

Para Marcushi os *Blogs*:

Funcionam como diário pessoal na ordem cronológica com anotações diárias ou em tempos regulares que permanecem acessíveis a qualquer um na rede. Muitas vezes, são verdadeiros diários sobre a pessoa, sua família ou seus gostos e seus gatos e cães, atividades, sentimentos, crenças e tudo o que for conversável. Trata-se de um Big Brother da internet, dinâmico, interativo e instigante. Quem mantém um blog pessoal com sua intimidade diariamente exposta pode ser visto por todos.(p. 61)

Definindo quanto à linguagem e formalização, continua:

A linguagem dos blogs pessoais é informal na maioria dos casos, mas os k-blogs²² estão evoluindo rapidamente para expressões retóricas mais formais e esmeradas com alto grau de requinte e pretensões literárias. Os blogs são datados, comportam fotos, músicas e outros materiais. Têm estrutura leve, textos em geral breves, descritivos e opinativos. São um grande sistema de colagem em certos casos. A maioria dos blogueiros mantém mais de um blog de acordo com suas flutuações de espírito, mas há os que não mantêm nenhum e escrevem nos blogs dos outros ou em blogs públicos e abertos como livros de recados. Qualquer blog tem uma abertura para receber comentários, pois são interativos e participativos. Não são como e-mails nem como chats, pois cada qual pode pôr no livro do outro o seu recado ou comentário sobre algo que o outro escreveu.

Como já dito, essas são características típicas de um dos tipos de blogs: os blogs pessoais, mas há outros de características bem diferentes com graus de formalidade maior e propósitos outros, como poderemos observar mais adiante.

²² K-blogs (knowledge logging) são blogs mantidos por jornais ou revistas, com vistas às atualizações rápidas de notícias e a uma maior interatividade com os seus leitores.

Em um outro trabalho pioneiro sobre blogs, Primo e Recuero (2003) enfatizam o fato de que os blogs vem ganhando crescente popularidade pela grande facilidade de publicação, uma vez que proporciona que qualquer um, mesmo sem conhecer a linguagem HTML, possa publicar seu blog.

Para os autores, os blogs caracterizam-se ainda por serem organizados cronologicamente (pela data de publicação) e utilizar de muitos links para fontes.

Quanto à constituição formal dos *blogs*, os autores chamam a atenção a duas ferramentas próprias desse gênero. A primeira a **ferramenta de comentários**, que permite que qualquer um que acesse um blog deixe seu comentário sobre os *posts* deixados pelo autor. A segunda, a **ferramenta *trackback*** que permite que outros posts, em outros blogs, que fizeram referência a um texto sejam linkados junto dele, de modo a mostrar ao internauta a discussão que está sendo realizada em torno do assunto também por outros blogs. Para os autores são exatamente essas ferramentas que fazem do blog um sistema que traz uma organização diferenciada para a web.

Essas ferramentas, segundo Recuero (2002), auxiliam na criação de *webrings*:

círculos de blogueiros que interagem através de comentários e trackbacks, construindo uma rede hipertextual dialógica e complexa. Esses webrings podem dar origem a criação de comunidades virtuais, pois representam mais que um grupo de links, um grupo de pessoas que estabelecem relações entre si.,

Essa ferramenta, específica dos *blogs* tem possibilitado a criação de redes de blogs com temáticas afins, como o caso *blog*, apenas citado pelos autores, *Blogueiros de pelotas*²³, que foi criado e constitui ponto de encontro de *blogueiros* da cidade de pelotas, o que em nossa opinião pode nos oferecer pistas para a caracterização de *comunidades discursivas* formadas a partir dessa ferramenta.

²³ <http://www.bloggeirospel.tk>

Para Komesu (2005: 99):

O blog pode ser definido, portanto, como uma página web, composta de parágrafos dispostos em ordem cronológica (dos mais aos menos atuais colocados em circulação na rede), atualizada com frequência pelo usuário. O dispositivo permite a qualquer usuário a produção de textos verbais (escritos) e não-verbais (com fotos, desenhos, animações, arquivos de som), a ação de copiar e colar um link e sua publicação na web, de maneira rápida e eficaz, às vezes, praticamente simultânea ao acontecimento que se pretende narrar.

A autora procura ainda uma classificação dos *blogs*, reconhecendo a dificuldade enfrentada em vista da diversidade de conteúdos temáticos e o hibridismo próprio do gênero que pode englobar traços de outros gêneros como listas de discussão, *home-pages*, e *chats* entre outros. A autora fundamenta-se, em sua classificação, em dois fatores: (p.108):

a) o **número de enunciadores** a quem se atribui a autoria do *blog*, já que se trata de uma atividade de escrita que pode ser praticada de maneira individual (*blog 1*) ou coletiva (*blog n*, onde *n* indica o número de enunciadores do *blog*);

b) o **tema** do *blog*, reconhecido por certa coerência e homogeneidade das informações apresentadas na construção da *cenografia*, isto é, da *inscrição* legitimadora do texto estabilizado, a qual implica, segundo Maingueneau (1995), as condições do enunciador e do co-enunciador, o espaço (*topografia*) e o tempo (*cronografia*) a partir dos quais se desenvolve a enunciação 130 e, conseqüentemente, a atividade verbal do gênero de discurso. Como acreditávamos inicialmente que o escrevente de *blog* se constituía no trabalho da escrita de temas privados e íntimos expostos de maneira pública, via internet, optamos por delimitar os tipos de *blog* de acordo com sua ênfase em um modo *pessoal* (Tipo1) ou *profissional* (Tipo2) de apresentação dos sujeitos e dos temas. Criamos, ainda, uma subdivisão intitulada *blog pessoal e profissional* (Tipo3), a partir da observação do material empírico pesquisado.

Com base nesses critérios a autora propõe, baseada na análise de uma amostra de 150 *blogs* escolhidos aleatoriamente, o seguinte esquema:

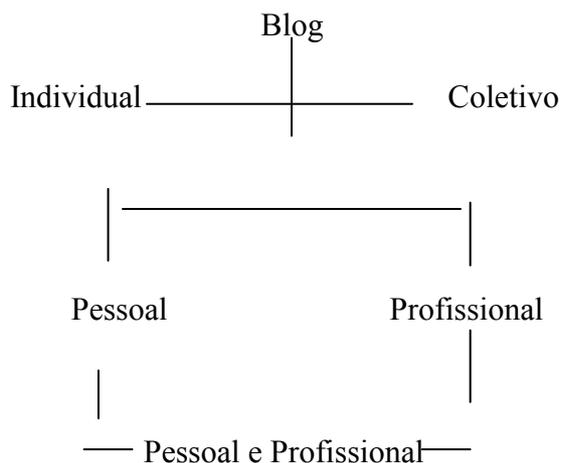


FIGURA 9 - TIPOS DE BLOGS

(Fonte: KOMESU, 2005, P. 109)

Assim para autora:

No **blog pessoal** (Tipo1), o tema predominante é a *esfera íntima* da vida do(s) escrevente(s). Este tipo de *blog* é reconhecido pela ênfase no tratamento de assuntos do cotidiano – as várias atividades diárias, com quem o(s) enunciator(es) conversou(aram), se encontrou(aram), com relatos ancorados principalmente no eixo do presente do(s) escrevente(s) –, e pela discussão de questões existenciais que envolvem a vida, a morte, o relacionamento afetivo (amor e/ou sexo, separação, traição), a solidão, a família, os amigos, os inimigos, as memórias e os projetos. Acreditamos que seja por esse trabalho de escrita íntima marcada na sucessão temporal identificada nos *posts* que a associação entre os *blogs* e o diário íntimo seja tão recorrente, tanto para as instituições que os produzem quanto para seus usuários. Nesse tipo, classificamos 45 (quarenta e cinco) dos *blogs* estudados.

Já o segundo tipo:

O **blog profissional** (Tipo2) versa sobre temas públicos comentados do ponto de vista de uma subjetividade assumida e trabalhada no texto de maneira profissional, como em um trabalho desenvolvido pelo(s) escrevente(s) em seu expediente na internet. Assim classificamos os textos que se propõem a emitir opiniões e comentários sobre os mais diversos assuntos, ou a trabalhar um mesmo e único tema, de modo profissional, a exemplo dos escreventes que aspiram à carreira como colunistas de jornal ou escritores literários, por exemplo. Na tipologia de *blog profissional*, classificamos 4 (quatro) dos *blogs* estudados.

Por último, o terceiro tipo:

Apresentamos, por fim, a definição de **blog pessoal e profissional** (Tipo3), que associa *posts* de conteúdo pessoal, a respeito dos acontecimentos vividos pelo(s) escrevente(s) às notas informativas, devidamente comentadas por ele(s). Nessa tipologia, classificamos 4 (quatro) dos *blogs* estudados.

A autora dedica ainda um capítulo sobre as características composicionais do gênero, partindo duma análise baseada em Maingueneau (1998 e 2001).

Segundo essa proposta os *blogs* se definem como gênero por apresentarem finalidade reconhecida, que para a autora se assenta em dois aspectos: “a busca do outro” e “fazer ver e ser visto” (p. 191).; por terem um estatuto dos parceiros legítimos, que nos *blogs* caracteriza-se pelas funções “escrevente” e “autor”; por terem um lugar e momento legítimos, que seria *o computador munido com a ferramenta para edição do blog*; por possuir suporte material e por apresentar uma organização textual, inacabada, fragmentada e descontínua nos *blogs*.

Como se pode perceber, a autora tem uma análise exaustiva e ao mesmo tempo bem fundamentada. Contudo, sua orientação é basicamente a análise do discurso, preocupando-se em definir, sobretudo, as condições para o surgimento do tipo de enunciação característico dos *blogs* e o papel do autor e do escrevente nesse jogo.

Primo e Recuero (2003), por sua vez, dão mais ênfase aos aspectos composicionais, como as ferramentas *trackback* e de comentários, que possibilitam o

exercício da escrita coletiva digital, já que o gênero em si, *blog*, era tomado apenas como um meio para caracterização do que os autores chamam de *hipertexto cooperativo*.

Marcuschi (2005) dá mais atenção aos aspectos contedísticos do gênero, só tocando muito *en passant* nos aspectos lingüísticos.

Embora, valiosos, tais trabalhos não deixam transparecer a diversidade de formas, temas e propósitos veiculados pelos blogs. Além do mais, falta ainda explicar de onde surge essa diversificação, pontos esses que buscamos aclarar com nosso trabalho.

Isso tudo posto, é hora de passarmos a nossa análise que se estenderá pelos próximos três capítulos. No capítulo 05 discutiremos sobre a comunidade discursiva blogueira e os blogs pessoais, no capítulo 06 analisaremos a comunidade discursiva jornalística e os blogs jornalísticos e no capítulo 07 será a vez da comunidade discursiva acadêmica e dos blogs pedagógicos.

Capítulo 5

A comunidade discursiva blogueira e os blogs pessoais

Nesse capítulo, analisaremos a relação entre a comunidade discursiva blogueira e os blogs pessoais. Basearemos nossa discussão sobre comunidade discursiva blogueira em uma resenha de Lima (2008) e em seguida analisaremos alguns blogs pessoais relacionando o propósito geral da CD blogueira ao propósito do gênero e sua constituição formal.

A partir em sua proposta de reformulação do conceito de Swales (1990;1992;1998) de comunidade discursiva, Lima (2008) buscou descrever a comunidade discursiva blogueira utilizando-se dos setes passos a seguir: do contexto, do processo de admissão, das normas e valores, dos objetivos, dos gêneros e demais mecanismos de participação, do léxico e da estrutura hierárquica.

Vale ressaltar que para Lima (2008, p. 107) e para nós aqui também é considerado blogueiro aquele que possui “um (ou mais de um, no caso de *blogs* coletivos) indivíduo que possui um *blog* de cunho pessoal hospedado em algum servidor utilizando-o com certa frequência com vistas a auto-promoção e a divulgação de idéias pessoais”.

Dessa forma, a comunidade discursiva blogueira distingue-se de outras comunidades pois seu objetivo é a auto-promoção pessoal, o que acaba por definir suas características como grupo desde os seus meios de intercomunicação à seleção de gêneros e membros, como veremos a seguir.

Iniciando o percurso teórico-metodológico proposto por Lima (2008), começaremos por descrever o contexto em que se situa a comunidade discursiva blogueira.

5.1. Do contexto

Segundo Lima (2008), coube a John Barger a concepção do primeiro *blog*, intitulado "*Robot Wisdom weblog*" em 1997 de onde vem a origem do termo *weblog* (*web* = página da internet + *log* = diário de bordo). Para John, um *weblog* era uma página da *web* em que um internauta relata uma lista de *links* sobre páginas visitadas e consideradas interessantes na *internet*. Teria sido Peter Merholz quem decidiu alterar o termo *weblog* para "*wee-blog*", o que acabou com o encurtamento definitivo para *blog*²⁴. Com o passar do tempo os blogueiros passaram a comentar as listas e *links* uns dos outros, formando um pequeno grupo interligados por seus links, o que acabou por constituir um pequeno esboço do que seria mais tarde uma das maiores comunidades da *internet*.

Segundo Lima (2008, p.73)

Desde esse início, conta Rebecca Blood, uma das pioneiras na criação de *blogs*, os membros já tinham consciência de que amplificavam as vozes uns dos outros quando criavam *links* entre si²⁵. Assim, cada blogueiro tinha já desde o início a preocupação e o desejo de tornar-se fonte de *links* para materiais de qualidade.

No ano de 1999 seria lançado o *software blogger* da empresa *Pyra Labs* produzido com o fim de automatizar a criação e uso dos *blogs*, sem a necessidade de conhecimento técnico em linguagem html²⁶, com uma interface que privilegia a facilitação na criação e publicação, tudo a custo zero. Logo, centenas de milhares de pessoas descobriram esse meio fácil de publicação de suas idéias na *web* e instaurou-se uma verdadeira enxurrada de *blogs* espalhados pelo mundo inteiro, formando o que

²⁴ Fonte: wikipédia: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog>. (Acesso em: 18/09/2008)

²⁵ Fonte: wikipédia: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog>. (Acesso em: 18/09/2008)

²⁶ **HTML** (acrônimo para a expressão inglesa *HyperText Markup Language*, que significa *Linguagem de Marcação de Hipertexto*) é uma linguagem de marcação utilizada para produzir páginas na Web. Documentos HTML podem ser interpretados por navegadores. Fonte: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/HTML>>. (Acesso em: 02/10/2008)

convém denominar-se de blogosfera, ou seja, a totalidade de blogs espalhados na internet..

Segundo Komesu (2005) , os *blogs* evoluíram da simples listagem de *links*, para uma espécie de diário pessoal aberto, contendo data e hora e agrupando as mensagens cronologicamente. Daí, eles evoluíram ainda mais e se tornaram uma alternativa popular para a *home-page* tradicional, já que os *blogs* não necessitam, como aquela, de conhecimentos específicos, tais como os de linguagem HTML, por exemplo, conseguindo mesmo assim agregar múltiplas semioses além do texto, tais como imagens (fotos e até animações) e som (músicas sobretudo).

É importante salientar que cada vez mais, os *blogs* têm assumido outras funções, além de servir de diário, sendo inclusive utilizado por grandes empresas e jornais como meio rápido para a atualização das informações, além de já ser utilizado também por alguns professores que veem nessa ferramenta um auxílio à prática pedagógica.

Como se pode perceber, a comunidade discursiva blogueira situa-se como uma comunidade eminentemente recreativa, situada no ciberespaço e é parte da chamada blogosfera.

Contudo, é demasiadamente simplista crermos que é a simples criação de um blog que torna alguém um blogueiro. Para tal é necessário cumprir alguns “ritos de passagem”, típicos de qualquer agrupamento humano, o que veremos a seguir com os tópicos sobre a admissão de novos membros e das normas e valores do grupo.

5.2. Do processo de admissão na comunidade

Como bem salienta Lima (2008) não é publicar um blog que faz de alguém um blogueiro pois como bem propriamente diz Swales (1992, p. 10) “sem intercomunicação não há comunidade”. O que por analogia implica dizer que sem comunicação um indivíduo não pode ser tido como pertencente a uma comunidade.

Essa intercomunicação no caso dos blogueiros é levada a cabo através de duas estratégias: a postagem para atrair visitação e comentários e a linkagem com outros blogs.

Como bem salienta o autor, é só quando o indivíduo se sente “circulando” dentro da comunidade, ou seja com visitas e comentários, que ele se sente de fato um blogueiro. Tal como se pode perceber no exemplo abaixo retirado de Lima (2008, p.76):



FIGURA 10 - EU SOU BLOGUEIRO?

(Fonte: LIMA, 2008)

Pode-se perceber claramente que o autor não se sente um blogueiro pois não mantém seu blog atualizado e não possui visitas frequentes nem tão pouco comentários.

Percebe-se ainda que há a necessidade de que o autor do blog saiba modificar a “skin”, personalizar seu blog, ou seja, que tenha um letramento digital capaz de diferenciar seu blog dos simples modelos disponibilizados de forma que ele se torne “único”, personalizado e, portanto, diferente da infinidade de outros blogs existentes.

Segundo Lima (2008, p. 82)

alguns requisitos mínimos devem ser respeitados para que um indivíduo adquira o sentimento de “pertença” à comunidade, quais sejam: atualizar periodicamente seu *blog*, ter o *blog* visitado e comentado também de forma periódica, possuir *links* que dêem acesso a outros *blogs* de forma que deiticamente o *blog* seja apontado para dentro da blogosfera e, finalmente, possuir um letramento digital suficiente para ser capaz de personalizar o *blog* tornando-o mais atraente do que os simples modelos já definidos pelo servidor. São, em conjunto, estes os elementos, que apontando para a apropriação dos valores e objetivos da comunidade, fazem com que um indivíduo adquira o sentimento de “pertença” e possa se considerar um blogueiro.

5.3. Normas e valores

Lima (2008) identificou um código de ética blogueiro que circula entre os membros da comunidade discursiva, visando como diz o autor (LIMA, 2008, p.83): “refletir as próprias regras mais tácitas desenvolvidas pela comunidade no sentido de reprimir um possível “vale tudo” na busca por visibilidade”.

Entre as principais “normas” do grupo estão:

- Postar o máximo que puder: manter o blog atualizado o máximo possível, isso porque como os alguns servidores dão rankings sobre blogs mais atualizados e os atualizados mais recentemente, essa pode ser uma estratégia para atrair mais visitantes;
- Não copiar posts alheios sem citar a fonte;
- Visitar outros blogs e comentá-los, outra estratégia para circular no meio, visto que em geral o comentário em outro blog passa a servir de link para o próprio blog também;

Como se pode perceber, essas normas em geral estão orientadas segundo o objetivo maior do grupo: a auto-promoção pessoal. Contudo, esse objetivo é apenas o objetivo maior, há ainda objetivos secundários do grupo, o que poderemos comentar melhor no tópico a seguir sobre os objetivos do grupo.

5.4. Dos objetivos do grupo

Segundo Swales (1992, p. 10):

Uma comunidade discursiva tem um conjunto de objetivos que podem ser reconhecidos. Estes podem ser pública e explicitamente formulados como também genérica ou parcialmente estabelecidos pelos membros. Eles podem ser consensuais, ou podem ser separados mas contíguos.

Como salienta Swales, são os objetivos comuns que fundamentam uma comunidade discursiva, sem que isso seja algo plenamente consensual. Há ainda a possibilidade de esses objetivos serem estabelecidos pelos próprios membros da comunidade, sobretudo em comunidades recreativas, ou serem estabelecidos por entidades outras, no caso das comunidades profissionais. Pode-se ainda ter esses objetivos escritos ou simplesmente formulados por um acordo tácito entre os membros.

Para Komesu (2005) os *blogs (pessoais)* (e os blogueiros consequentemente) “têm como objetivo *“fazer ver e ser visto pelo outro”* (2005, 145), conclusão semelhante a de, Miller que avalia os blogs do ponto de vista do exibicionismo promovido pelo gênero e pondera que (2007, p.21)

A blogagem empenha-se na auto-exposição e, como mencionamos anteriormente, o blog trabalha para unir em uma forma retórica reconhecível as quatro funções da auto-exposição: auto-clarificação; validação social; desenvolvimento de relações e controle social.

Podemos perceber cotejando as duas autoras que ambas estão de acordo quanto ao objetivo maior de um blogueiro: o *“fazer ver e ser visto pelo outro”* ou, nos dizeres de Miller o “empenho na auto-exposição”. Miller aponta ainda outros objetivos a mais: auto-clarificação, validação social, desenvolvimento de relações e controle social.

Lima (2008) identificou, com base em sua pesquisa de cunho etnometodológico, os seguintes objetivos para o grupo: “fazer ver e ser visto (ou desejo de auto-exposição nos dizeres de Miller)”, “necessidade de auto-expressão”, “de validação social”, e “desenvolvimento de relações”.

Miller (2007) pondera que condicionantes sociais como a auto-exposição de intimidades de grandes celebridades como no escândalo Clinton-Lewinsky ou a morte da Laid Diana, além de um *voyerismo* de programas como os *“reality shows”* têm

suscitado um tipo de comportamento, que Komesu (2005) caracterizou como “publicização de si”, que possibilita o aparecimento dos *blogs*.

Para Lima (2008, p. 89)

parece ser a necessidade de auto-expressão o que motiva inicialmente uma pessoa a publicar um *blog*. Em geral, dentro do contexto da globalização, as pessoas imaginam falar para o mundo, ou ao contrário, desabafar, longe das pressões de seu contexto particular, mas certamente todas motivadas pelo alargamento exponencial da blogosfera e pela facilidade de publicação de um *blog*, quase sempre a custo zero. Isso tudo cria um contexto propício para essa necessidade de auto-expressão, via internet, *blog*.

Um dos milhares de exemplo que poderíamos elencar aqui está copiado abaixo:

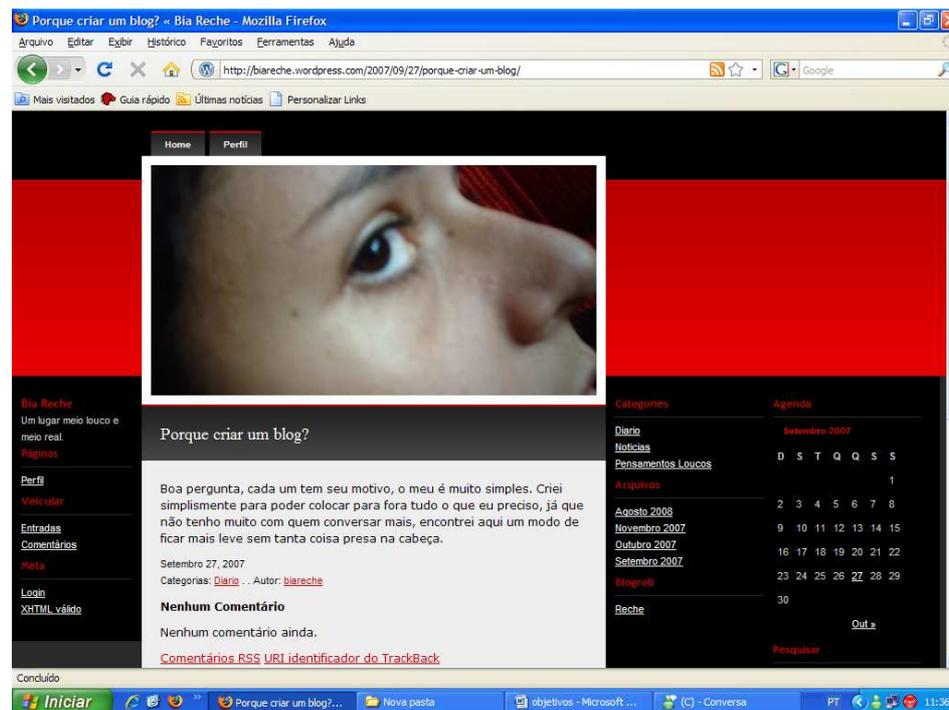


FIGURA 11 – POST: “POR QUE CRIAR UM BLOG?”

(Fonte: LIMA, 2008)

Como se pode perceber, a autora vê como objetivo de seu blog, o “desabafo pessoal”, “colocar para fora tudo o que eu preciso”, o que pode à primeira vista parecer estranho em um ambiente público como a internet. Entra aí um outro objetivo próprio do grupo, a busca pela auto-exposição.

Como nos diz Lima (2008, p. 90), “um blogueiro nunca cria um *blog* se não for para que este seja visitado e comentado por outras pessoas”. Um exemplo disso é a postagem abaixo copiada do blog “fisicomaluco”: “*Blogueiros estão loucos por visitas, que chatice...*” reproduzido na tela a seguir:

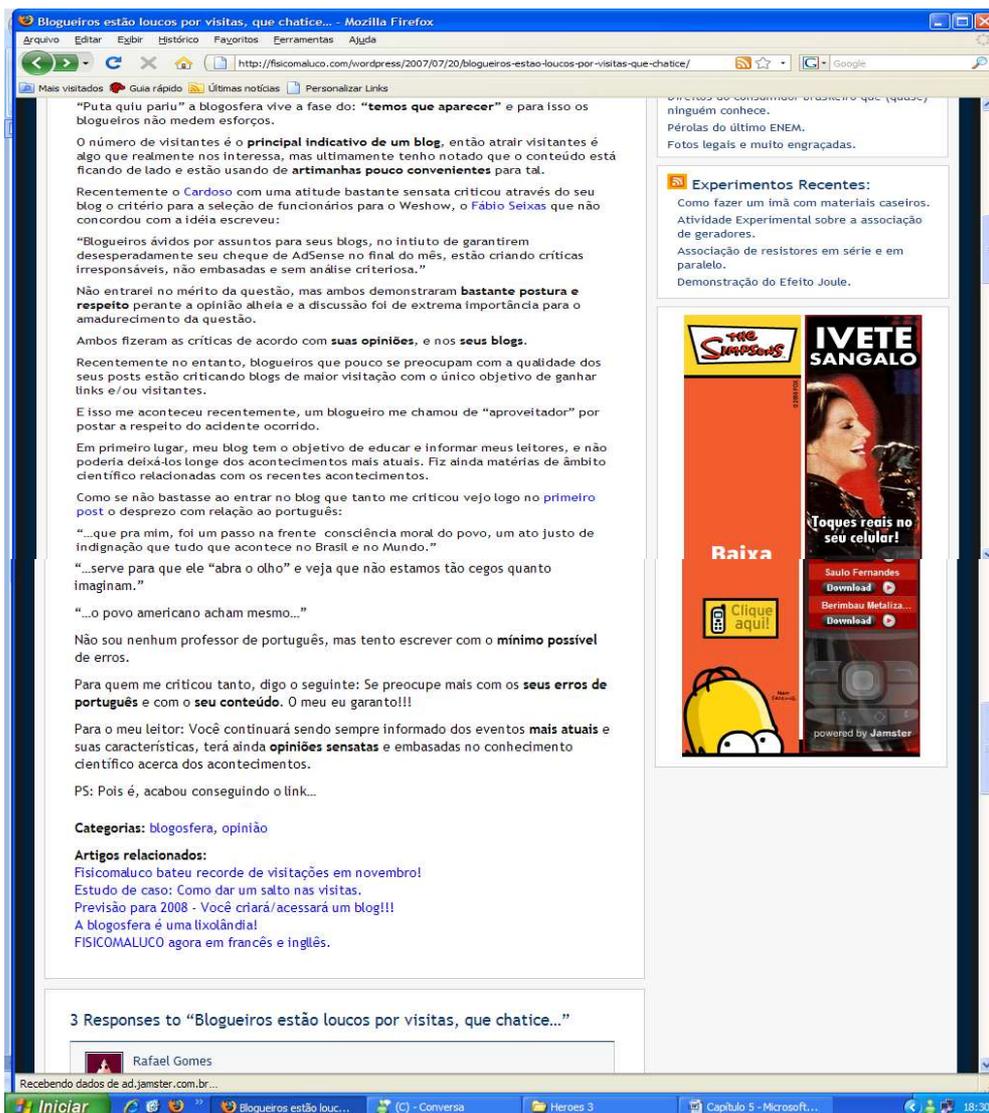


FIGURA 12 – “BLOGUEIROS ESTÃO LOUCOS POR VISITAS

(Fonte: LIMA, 2008)

Podemos perceber que o objetivo do “fazer ver e ser visto” apontado por Komesu e Miller é ratificado nas palavras de um blogueiro já experiente e estabelecido no grupo. Para ele o “temos que aparecer” medido pelo número de visitantes “o

principal indicativo de um *blog*” tem se sobrepujado à qualidade dos temas abordados. Dessa forma, várias “artimanhas” têm sido usadas para esse fim, entre elas polemizar, criticando *posts* de blogueiros muito visitados somente a fim de ganharem visibilidade, o que fere o código de ética blogueiro, como visto no tópico anterior.

Essa busca pela auto-exposição, medida pelo número de visitantes e comentários deixados, é um meio pelo qual se atinge um outro objetivo também igualmente muito caro aos membros: a validação social. Essa validação é medida pelo grau de visibilidade do *blog* na comunidade, ou seja, do grau de auto-exposição do *blog*, através do número de visitas, comentários e *links*²⁷ para outros *blogs*. Em geral quanto maior o número desses três elementos mais famoso fica o *blog*, ou seja, mais validação social é garantida, sendo nesse caso particular o objetivo maior dos membros figurar nas listas de mais acessados, o que garante ao blogueiro um elevado status social dentro da comunidade.

Um membro neófito, como já dito, só se sente de fato um blogueiro quando obtém essa validação social dentro da comunidade, ou seja, quando o *blog* conquista alguma visibilidade dentro da blogosfera através de visitas, comentários ou quando este é *linkado* por outros *blogs* amigos.

Assim, quanto mais linkado um *blog* for por outros e quanto mais links um *blog* tiver, mais inserido na comunidade o membro se vê. Isso nos conduz ao quarto objetivo da comunidade blogueira: a busca pelo desenvolvimento de relações.

Uma das formas encontradas pelos blogueiros para garantir maior visibilidade ao seu *blog* na comunidade é através da linkagem com outros *blogs*.

Em geral, essa linkagem é estabelecida por temas afins. Assim formam-se círculos de *blogs* (*webrings*) que facilitam a atração de público. Veja-se, por exemplo, o *blog* a seguir, cujo tema é a “wicca”:

²⁷ Mais adiante quando comentaremos a organização composicional do gênero *blog*, voltaremos a tratar, de forma mais específica, cada um desses elementos.



FIGURA 13 – BLOG CÍRCULO CULTURAL WICCANO

(Fonte: LIMA, 2008)

Na lista de *blogs* e *sites* à direita, podemos perceber que o tema “wicca” é o único presente. Ao clicar em algum desses *links*, abre-se uma nova página que, por sua vez, o cita como *link* recomendado. Essa atitude, cada vez mais comum, procura estabelecer um “nicho” de *blogs* com temáticas afins, o que certamente tem se constituído em mais uma forma de busca de visibilidade atraindo visitantes que tenham gostos ou pensamentos semelhantes.

Esse conjunto de objetivos orienta, entre outras coisas, a seleção de gêneros a ser utilizados pela comunidade. O que passaremos a discutir a seguir.

5.5. Do elenco de gêneros e demais mecanismos de participação

Como já explicitado anteriormente, Lima (2008) resolveu juntar os critérios 3, 4 e 5 de Swales em um único critério, anulando a divisão proposta pelo autor entre mecanismos de intercomunicação, mecanismos de participação e gêneros. Isso por que, de acordo com o autor, com o qual concordamos, em geral as comunidades estabelecem sua participação principalmente através de gêneros

Creemos não haver dúvidas quanto a centralidade do blog como gênero dentro da CD blogueira. Contudo, pelas próprias características tecnológicas do blog (comum também a quase todos os chamados gêneros digitais) há quase sempre a absorção ocasional de outros gêneros, o que podemos perceber no exemplo abaixo:

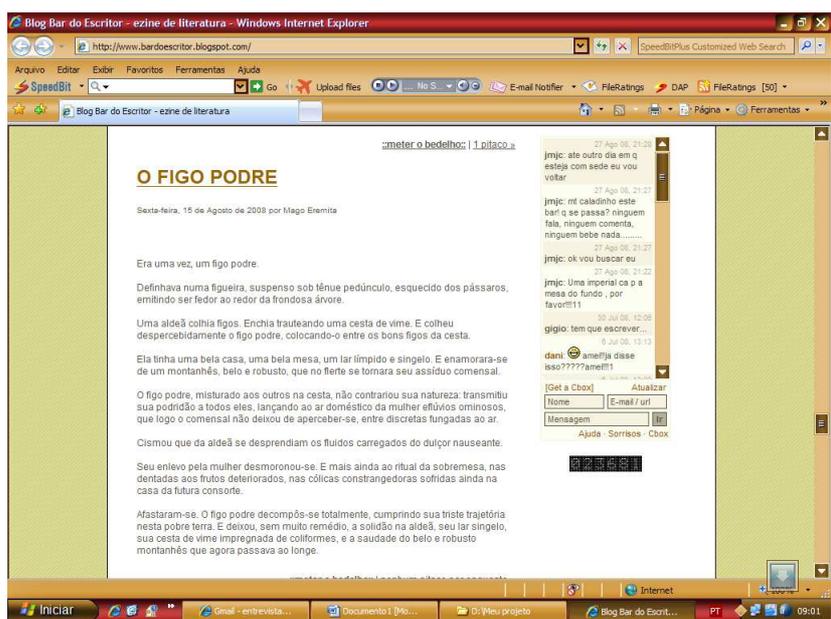


FIGURA 14 – BLOG BAR DO ESCRITOR

(Fonte: LIMA, 2008)

À direita do texto central em (1) podemos ver um pequeno *chat* que pode ser usado pelos blogueiros para conversas síncronas, utilizando-se inclusive de meios específicos desse gênero como *emoticons* e *nicknames* casuais por exemplo.

Outro gênero muito usado em blogs é a enquete, como visto em (1) no exemplo abaixo:

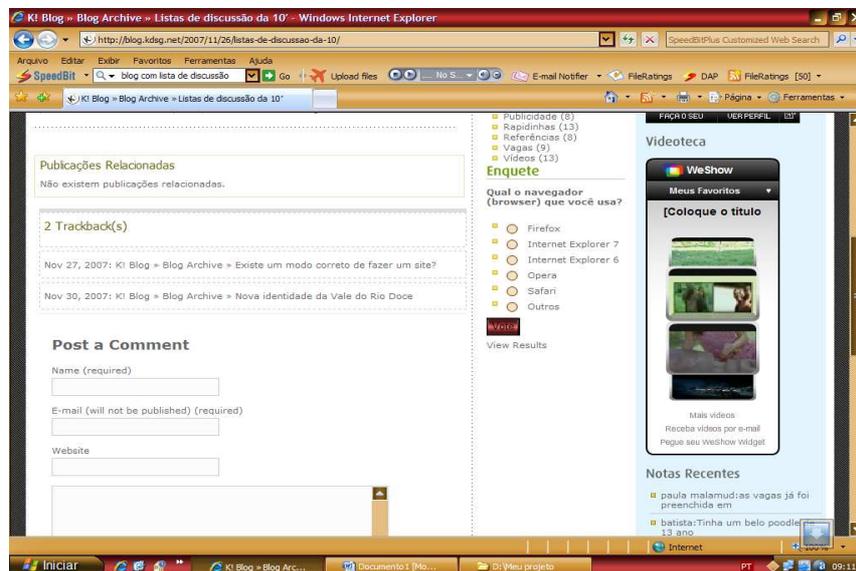


FIGURA 15 – BLOG KI BLOG

(Fonte: LIMA, 2008)

(Figura 27: blog *ki blog*. Fonte: <http://blog.kdsg.net/2007/11/26/listas-de-discussao-da-10/>. Acesso em: 20/09/2008)

O conteúdo para personalizar um blog oferecido pelo hospedador de blogs blogger Brasil (www.blogger.com.br) inclui diversos recursos (*gadgets*) que vão desde listas (filmes favoritos, músicas etc), até links para vídeos do youtube, slides feitos pelo autor do blog entre outros.

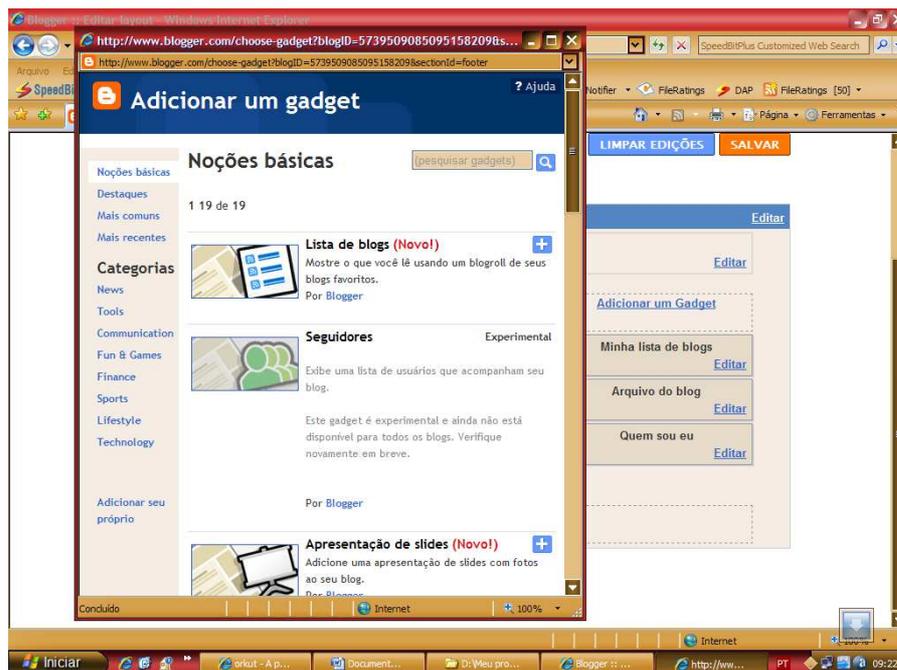


FIGURA 16 – GADGETS BLOGGER

(Fonte: LIMA, 2008)

(Figura 28: *recursos (gadgets) oferecidos pelo servidor blogger*. Fonte: www.blogger.com.br. Acesso em: 20/09/2008)

Dessa forma, podemos dizer que praticamente todos os outros gêneros digitais podem figurar, em casos específicos, no plano composicional dos blogs. Contudo, ao contrário do ponto de vista de autores como (PEREIRA, 2007) que defendem a idéia de que essa característica de absorver gêneros faz dos blogs um suporte e não um gênero em si, acreditamos que essa propriedade não invalida o estatuto de gênero dos blogs visto ser uma característica de muitos outros gêneros já consagrados como a carta e o romance (BAKHTIN, 2000), o e-mail (PAIVA, 2004) e o chat (ARAÚJO, 2004), por exemplo.

Basicamente todos os gêneros conhecidos podem absorver e ressignificar, em casos específicos, outros gêneros. Por exemplo, em uma carta, podemos encontrar uma receita, ou uma notícia etc. Contudo, esses outros gêneros, acreditamos, têm seus propósitos comunicativos subordinados ao propósito comunicativo do gênero em que se situam.

Acreditamos que ao contrário do ponto de vista de autores como (PEREIRA, 2007) que defendem a ideia de que essa característica de absorver gêneros faz dos blogs um suporte e não um gênero em si, acreditamos que essa propriedade não invalida o estatuto de gênero dos blogs visto poder ser uma característica de muitos gêneros classificados como secundários (BAKHTIN,[1953] 2000) que por serem mais complexos são capazes de transmutar outros gêneros, absorvendo-os, sem contudo perder suas características principais.

Dessa forma, acreditamos que os blogs absorvem gêneros como chas, fóruns e outros com fins restritos, relacionados à consecução de objetivos específicos, subordinados ao propósito maior dos blogs, o que ao final das contas não chega a interferir diretamente no status de gênero dos blogs, uma vez que, como já visto, mantém-se seu propósito comunicativo, e além do mais, como já dito por Marcushci (2005), os blogs possuem história, composição e função próprias que não se confundem com as dos outros gêneros por ele absorvidos.

Em geral, esses gêneros servem aos dois propósitos elencados por Swales como próprios aos mecanismos de participação: o incremento da informação e o feedback, na medida em que ampliam os canais de participação dos membros ao passo que também restringem o conteúdo de informação, devido, sobretudo, às restrições impostas pelo propósito comunicativo específico de cada gênero ou as restrições próprias dos demais mecanismo de participação, que servem assim todos para a manutenção do sistema de crenças e valores do grupo.

Há ainda diversos outros meios de intercomunicação entre os blogueiros como, por exemplo, páginas em comunidades virtuais como a comunidade “blogueiras do Ceará” situada no facebook e cuja tela principal copiamos abaixo:

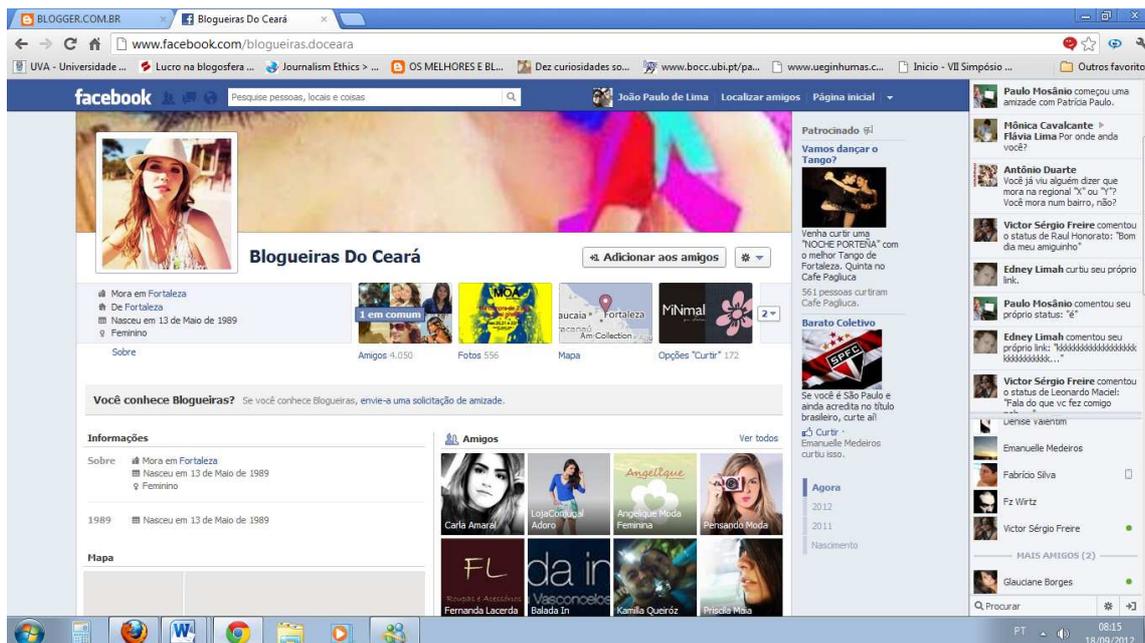


FIGURA 17 - FACEBOOK BLOGUEIRAS DO CEARÁ

(fonte: <<http://www.facebook.com/blogueiras.doceara>>)

Uma outra forma de intercomunicação entre os membros são os encontros nacionais e regionais de blogueiros como, por exemplo, o encontro de blogueiros de São Paulo cuja tela inicial está copiada abaixo:



FIGURA 18 – ENCONTRO DE BLOGUEIROS DE SP

(Fonte: <<http://encontroblogueirossp.wordpress.com/>>)

Importante salientar que essas são mais outras maneiras de a comunidade promover seu crescimento e o *feedback* de informações, tal como dito por Swales (1990; 1992) sobre a importância desse tipo de mecanismos para a CD.

Cabe ainda ponderar que esses outros meios de intercomunicação visam também o crescimento do grupo, chamando a atenção da sociedade, mesmo os que não os conhecem *online* para a existência dessa comunidade, como já dito, uma das maiores da internet atualmente.

Como toda comunidade com alguma história, os blogueiros também desenvolveram ao longo de suas interações um vocabulário próprio (por vezes já chamado de “bloguês”) que também é um fator decisivo em sua identificação, visto ser, no conjunto, diferente do vocabulário de outras comunidades. No tópico a seguir comentaremos um pouco sobre esse vocabulário blogueiro.

5.6 Do léxico

A importância do estudo do léxico para descrição de uma comunidade discursiva está no fato de que ele reflete a especificidade do meio em que ocorrem as interações. Como explica Swales (1990), cada membro, para adquirir um certo grau de conhecimento relevante para sua sobrevivência dentro da comunidade, precisa apropriar-se do léxico que caracteriza o seu grupo social.

Segundo Lima (2008) o léxico blogueiro é fruto parte da apropriação de termos correntes na internet e parte da criação de neologismos próprios da comunidade.

Dessa forma, embora haja predominância do padrão mais formal da língua portuguesa entre os blogueiros, há a possibilidade do uso de um padrão linguístico muito comum no meio digital, o chamado internetês, variação linguística muito usual no ciberespaço e caracterizada por algumas características próprias já definidas por pesquisadores lingüistas como Araújo (2008a;b) e Komesu (2008). Dentre as características apontadas por estes pesquisadores, aqui sumarizados, temos a destacar as seguintes:

- Uso de abreviações que em sua origem está ligada à tentativa de agilizar a interação:

Ex. Vc = você ; hj = hoje etc.

- Aglutinações: Ex. tadoro = te adoro; koe = qual é
- Alongamentos vocálicos que visam à expressão emotiva.

Ex. Te adoroooooooooooooo!;

- Troca do acento agudo por “h”. Ex. jah = já; estah = está

Também podemos encontrar termos de uso geral que quando usados no meio blogueiro adquirem um significado especial como demonstra o comentário de Pedro Cardoso abaixo:

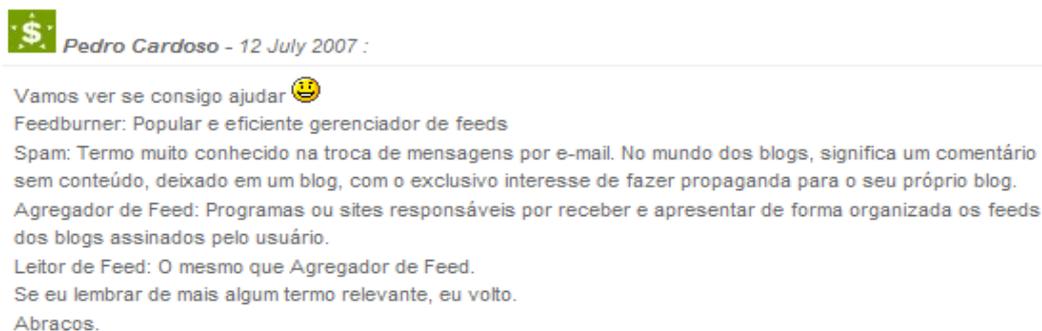


FIGURA 19 – POST BLOGONARIUM

(Fonte: LIMA, 2008)

O termo *spam*, conforme explicação do blogueiro acima, não é bem propriamente do meio específico dos blogueiros, pois está mais ligado à troca de e-mails, sendo que nesse caso *spam* é tido como qualquer e-mail que seja destinado a muitos destinatários ao mesmo tempo com conteúdo propagandístico em geral. No contexto das práticas na comunidade blogueira, no entanto, este termo é ressignificado como “*um comentário sem conteúdo, deixado em um blog, com o exclusivo interesse de fazer propaganda para o seu próprio blog.*”

Além desses, podemos dizer que termos como “comentário” e “post”, por exemplo, também não podem ser ditos específicos dos blogueiros por serem encontrados em diversos outros grupos da internet.

Em geral, os termos que são mais específicos dessa comunidade são formados a partir do nome de seu gênero principal, blog, como se pode perceber na lista abaixo:

:: Blogagem Coletiva ::

Contribuição de **Poliane Latta**: Blogar em coletividade, ou seja, vários blogs se juntam para falar do mesmo tema no mesmo dia!

:: BlogBlogs ::

Contribuição de **Kaká**: rank de blogs brasileiros.

:: Blogosfera ::

Contribuição de **Wagner Fontoura**: Blogosfera, numa definição bastante sintetizada, seria a grande rede social (ou grande comunidade) formada pelos blogs (weblogs) das mais diversas naturezas.

:: Problogger ::

Contribuição de **Manoel Netto**: Pessoa que vive dos rendimentos obtidos com seus textos em blogs. É considerado problogger todo aquele que trata o blog como um negócio e/ou dele se sustenta.

:: Blogroll ::

Contribuição de **Alex**: área reservada em um blog onde é colocada uma lista de links favoritos e recomendados pelo autor como forma de divulgação de preferências de leitura e de publicidade de blogs parceiros ou não.

:: Blogverso ::

Contribuição de **Rafael Reinehr**: termo cunhado pela blogueira Maria Elisa Guimarães para definir o Universo Blogueiro e tudo que diz respeito a ele. É utilizado em substituição à Blogosfera, termo adaptado do inglês "blogosphere", e é termo genuinamente brasileiro.

FIGURA 20 VERBETES BLOGONARIUM

(Fonte: LIMA, 2008)

Outro termo específico da comunidade e de origem bastante interessante é o verbo “kibar” que significa *plagiar, copiar*, e tem origem no título de um blog chamado “kibe loco”²⁸ que se notabilizou em copiar *posts* de outros blogs sem dar-lhes o devido crédito²⁹.

Assim podemos perceber que por situarem-se no ciberespaço, os blogueiros tendem a refletir algumas de suas especificidades ao passo que também contribuem para sua diversificação.

Por fim, o último dos critérios para descrição de uma comunidade acadêmica, a descrição da hierarquia do grupo, vista logo a seguir.

²⁸ <http://kibeloco.blogspot.com/>

²⁹ Fonte: <<http://serfranco.blogspot.com/2008/05/origem-do-termo-kibar.html>>

5.7. Da hierarquia

Swales (1992) define que uma CD tem uma estrutura hierárquica implícita ou explícita que conduz os processos de admissão e ascensão dentro da comunidade discursiva. No caso da comunidade blogueira, segundo Lima (2008) não há uma hierarquia explícita, visto não haver qualquer indício de regulamentação sobre admissão ou ascensão dos membros. Dessa forma, toda a estrutura hierárquica dessa comunidade global estabelece-se implicitamente, embora esteja claro para qualquer blogueiro, mesmo iniciante, o peso dessa hierarquia tanto na iniciação como na ascensão dentro da comunidade.

Segundo Lima (2008) a estrutura hierárquica dos blogueiros é organizada em função do grau de visibilidade que um blog tem no meio, o que é conferido através de agregadores de blogs que mantêm rankings de blogs segundo critérios diversos. Assim teríamos de forma esquemática a seguinte representação da estrutura hierárquica blogueira:

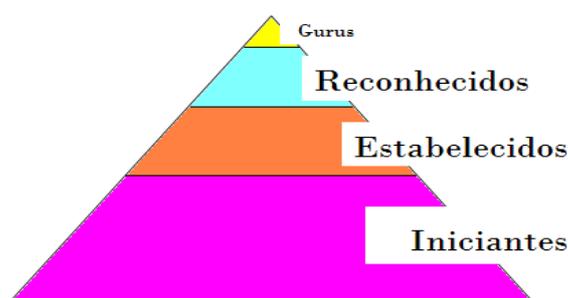


FIGURA 21 – HIERARQUIA DOS BLOGUEIROS

(Fonte: LIMA, 2008)

Como bem salienta Lima (2008, p. 134)

Como se pôde perceber, a hierarquia blogueira é relativa ao grau de visibilidade conquistado pelo blog. Mais uma vez percebe-se a influência dos objetivos da comunidade nos demais elementos característicos do grupo. São os objetivos que moldam os gêneros utilizados, que conduzem o processo de admissão, que estabelecem os valores e normas do grupo e que definem a hierarquia entre os membros.

Pode-se mesmo perceber que os objetivos da comunidade parecem orientar todos as suas características o que nos remete à própria hipótese de que tais objetivos fundamentam o propósito comunicativo do gênero que por sua vez influencia em sua composição estrutural. Vejamos então como isso se dá no caso específico dos blogs pessoais.

5.8. O propósito comunicativo na constituição dos blogs pessoais

Tomando como ponto de partida o conceito de gênero discursivo apresentado por Bakhtin (1997, p. 279):

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos), concretos e únicos que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais - , mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.

Procuramos inter-relacioná-lo à suposição de Swales sobre a influência do propósito comunicativo na constituição dos gêneros, tal como explicitado na passagem a seguir:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros especializados da comunidade discursiva e dessa forma passam a constituir o fundamento do gênero. Esse fundamento modela a estrutura do discurso e influencia e limita a escolha de conteúdo e estilo. (SWALES, 1990, p.58)

Como se pode perceber dessa definição, o autor parece propor uma definição de gênero triangulando-o com os conceitos de comunidade discursiva e propósito comunicativo. Seria dessa forma, a comunidade discursiva a formadora do propósito comunicativo que por sua vez fundamenta o gênero, moldando-o em seu conteúdo e estilo. Se tomarmos propósito comunicativo pelos objetivos da comunidade blogueira, podemos então exemplificar esses objetivos (propósitos) também na forma composicional do gênero blog.

Como já mencionamos, os objetivos da comunidade global blogueira (e por consequência dos blogs) são os seguintes: **fazer ver e ser visto (ou desejo de auto-exposição nos dizeres de Miller)**, **“necessidade de auto-expressão”**, **“de validação social”**, e **“desenvolvimento de relações”**. O que temos observado é que todo o trabalho de construção desse gênero está definitivamente orientado em busca desses objetivos que constituem a comunidade global, senão vejamos, um exemplo de *blog* que nos dá uma boa visão sobre o que estamos falando.

Dessa forma, buscamos a partir da análise de 50 blogs pessoais colhidos aleatoriamente na blogosfera, verificar como tais propósitos influenciam a constituição genérica dos blogs pessoais em relação a sua estrutura, tema e estilo, o que passaremos a comentar a seguir.

5.8.1. O propósito comunicativo na estrutura composicional dos blogs pessoais

Em geral, os *blogs pessoais*, do ponto de vista estrutural apresentam alguns elementos básicos que passaremos a descrever a partir da tela abaixo copiada do blog “bolademeiaboladegude”.

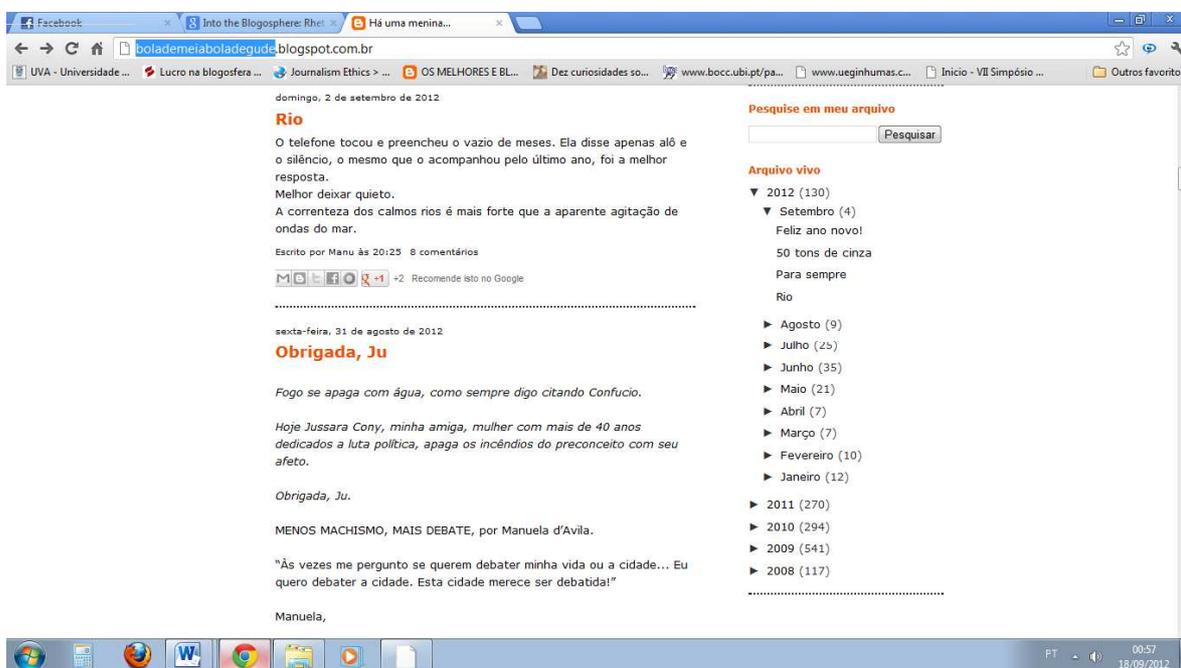


FIGURA 22 - EXEMPLO 01 DE BLOG PESSOAL

(Fonte:)

Centralizado, podemos perceber o mais recente texto publicado. A disposição dos post em geral segue a ordem cronológica inversa, ou seja, do mais recente para os mais antigos com a exposição clara da data de sua publicação.

Se tomarmos como exemplo o post “rio”, podemos ver logo abaixo do texto a ferramenta de comentários onde o visitante pode deixar sua opinião sobre o texto, tal como abaixo podemos ver os comentários sobre o post “rio”.



FIGURA 23 - EXEMPLO 02 DE BLOG PESSOAL

(Fonte:)

Importante ver a marcação em azul do leitor “Ramon Fonseca”. Isso implica que clicando no nome iremos para sua página do blogger onde há o link para seus blogs. Dessa forma, tente-se uma estratégia importante para fazer circular seu próprio blog, comentando os blogs de outros blogueiros.

É essa ferrmaneta que Primo e Recuero (2003, 03) chamam de *trackback* que segundo os autores:

permite que outros posts, em outros blogs, que fizeram referência a um texto sejam linkados junto dele, de modo a mostrar ao internauta a discussão que está sendo realizada em torno do assunto também por outros blogs. Para os autores são exatamente essas ferramentas que fazem do blog um sistema que traz uma organização diferenciada para a web (RECUERO, 2003, p.4).

Esse é um dos meios mais utilizados por blogueiros para fazer circular seu blog pois comentando em outros blogs deixa-se o link que pode ser facilmente acessado por outros usuários, aumentando a chance, portanto, de ampliar o público leitor.

Um outro exemplo é o blog “lobodiego” do qual abaixo copiamos uma parte:



FIGURA 24 - EXEMPLO 03 DE BLOG PESSOAL

(Fonte: <<http://lobodiego.blogspot.com.br/>>)

À direita podemos perceber uma lista de outros blogs, o que costuma-se denominar de blogroll. É possível aqui mais uma vez perceber a influência do propósito comunicativo na constituição do gênero pois este é mais um meio de “fazer circular” o blog e ancorar-se dentro da comunidade discursiva.

Segundo Recuero (2002, p.6), essa ferramenta auxilia na criação de *webrings*:

círculos de blogueiros que interagem através de comentários e trackbacks, construindo uma rede hipertextual dialógica e complexa. Esses *webrings* podem dar origem a criação de comunidades virtuais, pois representam mais que um grupo de links, um grupo de pessoas que estabelecem relações entre si.

Tal como salientado por Lima (2008) isso tem possibilitado a criação de redes de blogs com temáticas afins, como o caso do *blog*, *Blogueiros de pelotas*³⁰, que foi criado e constitui ponto de encontro de “blogueiros” da cidade de pelotas.

Outra ferramenta importante para a difusão do blog pessoal são as ferramentas que buscam conectar o blog a redes sociais diversas como o Orkut e mais recentemente o facebook. É o que podemos perceber tomando como exemplo o já citado blog de “lobodiego”.



FIGURA 25 - EXEMPLO 04 DE BLOG PESSOAL

(Fonte:)

À direita pode-se perceber a ferramenta “google friends connect” que visa criar uma espécie de círculo de leitores ácidos do blog e uma outra ferramenta logo abaixo que visa interconectar o twitter com o blog.

Tais meios visam difundir o blog, ancorá-lo dentro da comunidade e atrair mais e mais leitores, o que relaciona-se diretamente com os objetivos já mencionados da comunidade blogueira.

³⁰ <http://www.bloggeirospel.tk>

Como forma de auto-promoção existe ainda a ferramenta de descrição pessoal como visto no blog abaixo:

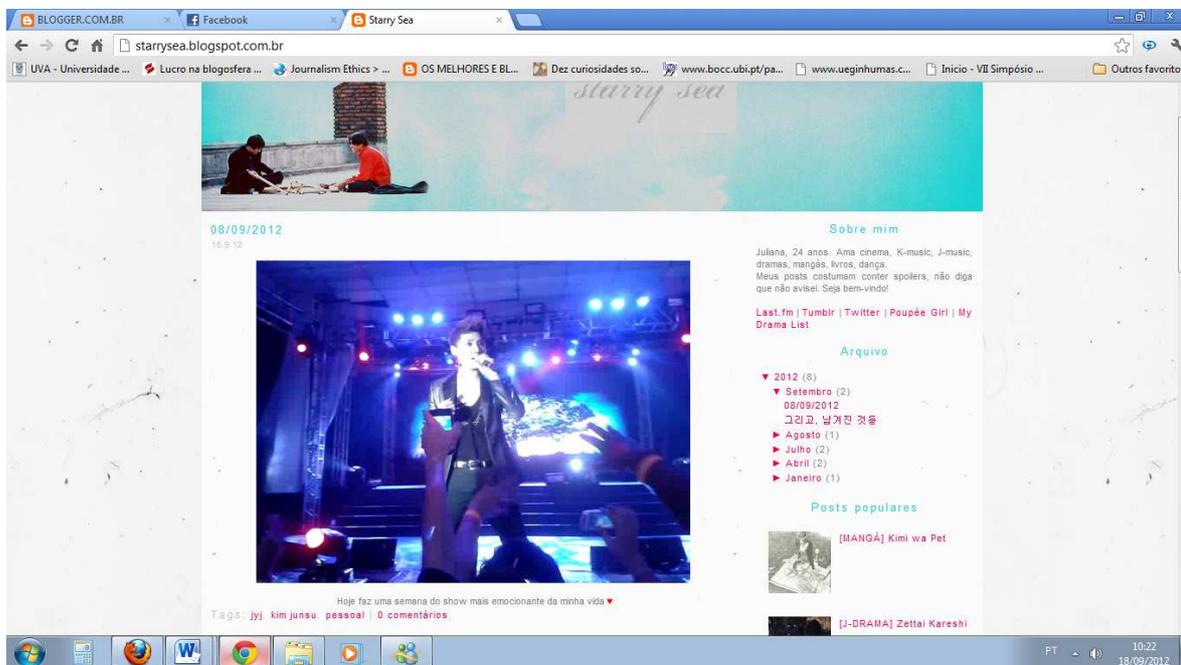


FIGURA 26 - EXEMPLO 05 DE BLOG PESSOAL

(Fonte: <<http://starrysea.blogspot.com.br/2012/07/juro-que-esse-e-um-blog-pessoal.html>>)

Como se pode perceber, a ferramenta “sobre mim” descreve um pouco da autora e visa tornar mais pessoal o blog, permitindo o leitor conhecer um pouco da autora e, quem sabe, entender um pouco mais sobre as motivações de suas postagens.

Uma outra ferramenta bastante comum em blogs pessoais diz respeito ao controle do número de visitantes do blog.

Um exemplo temos no blog abaixo copiado:

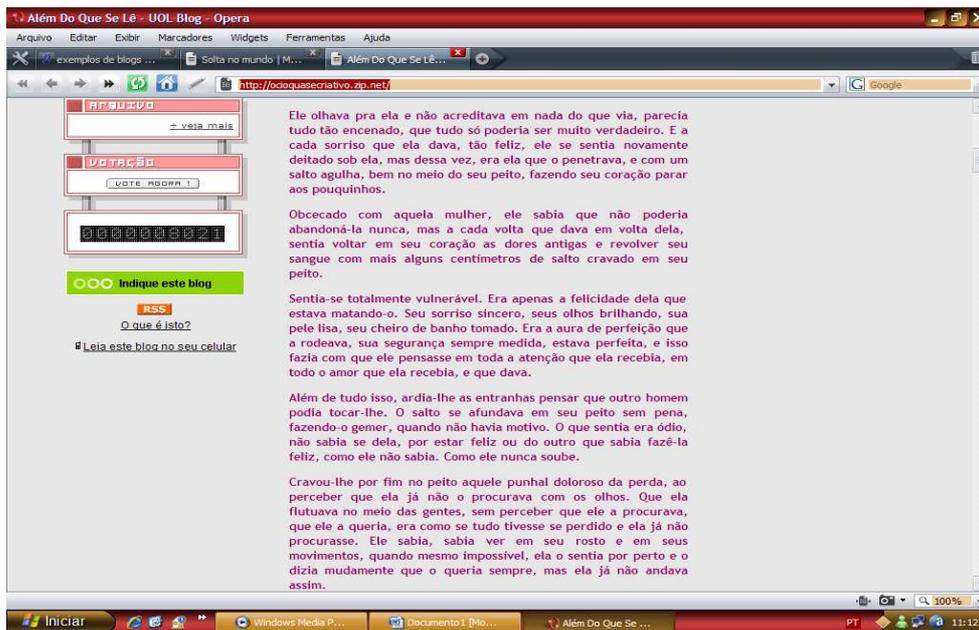


FIGURA 27- EXEMPLO 06 DE BLOG PESSOAL

(Fonte: LIMA, 2008)

À esquerda (1) temos um contador que nos diz quantas pessoas visitaram o blog até aquele instante. Isso permite ao blogueiro controlar o número de visitantes recentes e perceber o nível de audiência de seus posts, o que pode ser importante para o direcionamento das temáticas que obtém maior audiência.

O avanço tecnológico permitiu que essa ferramenta fosse desenvolvida para ferramentas mais complexas. Um exemplo é a ferramenta “live traffic feed” que podemos observar na tela abaixo copiada:

The screenshot shows a Blogger blog page with the following content:

- Page Title:** Esses dias
- Author:** JYJ kim junsu pessoal
- Post Content:**
 - Tags: música | 0 comentários
 - 10.8.12
 - Há duas semanas sai com uma amiga e um milagre aconteceu. Não passei mal. Ficamos o dia inteiro conversando no shopping e não passei nem metade do mal que costumava passar. Costumava, porque no dia seguinte sai para fazer compras e também não passei mal. Não sabia o que era isso há três anos e finalmente consegui entrar em lojas e experimentar roupas e sapatos como uma pessoa normal. No outro dia, segunda-feira, encontrei minha amiga novamente e fomos ver Batman - O Cavaleiro das Trevas Ressurge (The Dark Knight Rises, 2012) e adivinham? Não passei mal de novo. Ano passado nem fui ao cinema e nesse ano só fui para ver Jogos Vorazes (The Hunger Games, 2012). Resumindo, saí três dias seguidos e não passei todo aquele mal horrível de ansiedade. Senti um pouco de mal estar, mas foi tão pequeno perto do que eu costumava ter que não pude sentir nada se não alívio e felicidade por ver que os remédios finalmente estão fazendo efeito. Isso me animou demais e me devolveu a vontade de querer sair de casa.
 - In other news, ingresso para o show do Junsu já está comprado e agora faltam apenas 29 dias para vê-lo ao vivo <3
 - Tags: JYJ kim junsu pessoal | 0 comentários
 - Faltam 44 dias
 - 26.7.12
 - Junsu anunciou um show aqui no Brasil para o dia 8 de setembro. Ver 1/5 do DBSK já é a realização de um sonho, então não consigo pensar na possibilidade de não ir. Eu tenho que ir. Primeiro quero garantir meu ingresso - o melhor que tiver - para depois ver a passagem e a hospedagem, porque sim, o show será em São Paulo só para variar. Mas tudo bem, é o Junsu!
 - O show vai acontecer no Espaço Victory, na Penha, e pelo que vi a casa tem capacidade para 4.500 pessoas. É um bom número. Não imagino K-pop lotando algo maior do que isso quando os ingressos custam no mínimo uns 150 reais e muita gente precisa sair de seu estado para ver o show, o que implica em um gasto enorme para essas pessoas (como eu).
 - Até rolou uma preocupação de os ingressos esgotarem rápido, mas ontem foi anunciada a data do show do BIG BANG no Peru para o dia 14 de novembro, ou seja, o show deles no Brasil será próximo disso e agora muitas pessoas que iriam ao show do Junsu vão dar preferência ao do BIG BANG. Só espero que o show do Junsu não fique muito vazio, que venda pelo menos mais da metade dos ingressos para termos a esperança de um dia ver o JYJ aqui. Se bem que JYJ não vindo me economiza dinheiro e saúde mental, então fico dividida entre realizar mais um sonho ou continuar sã.
 - Tags: JYJ kim junsu pessoal | 0 comentários
 - The grasshopper
 - 18.7.12
 - "Mister, did the grasshopper go somewhere with the wind?
The grasshopper had been thinking where in the wide sky he should be, so he made a decision.
To fly into the blue sky into everyone's hearts."
 - Isso aparece no final da parte do Jae Joong no DVD Three Voices II. Fiquei igual uma louca procurando a fonte desse
- Live Traffic Feed:**
 - bluehost
 - A visitor from Fortaleza, Ceara arrived from google.com.br and viewed "Starry Sea" 1 min ago
 - A visitor from Rio De Janeiro, Rio de Janeiro viewed "Starry Sea" 12 hours 59 mins ago
 - A visitor from Pelotas, Rio Grande do Sul arrived from google.com.br and viewed "Starry Sea: [J-DRAMA] Zettai Kareshi" 13 hours 57 mins ago
 - A visitor from Rio De Janeiro, Rio de Janeiro viewed "Starry Sea" 14 hours 57 mins ago
 - A visitor from Nova Esperança, Parana arrived from google.com.br and viewed "Starry Sea: [MANGÁ] Kimi wa Pet" 16 hours 31 mins ago
 - A visitor from Ponta Grossa, Parana viewed "Starry Sea: [MANGÁ] Kimi wa Pet" 18 hours 4 mins ago
 - A visitor from Rio De Janeiro, Rio de Janeiro viewed "Starry Sea" 1 day 11 hours ago
 - A visitor from Rio De Janeiro, Rio de Janeiro viewed "Starry Sea" 1 day 13 hours ago
 - A visitor from Rio De Janeiro, Rio de Janeiro viewed "Starry Sea" 1 day 14 hours ago

FIGURA 28- EXEMPLO 07 DE BLOG PESSOAL

(Fonte: <<http://starrysea.blogspot.com.br/>>)

Com esta ferramenta pode-se ver os visitantes mais recentes do blog identificando sua origem e a hora em que fez a conexão. Essa ferramenta passa a ser importante na medida em que não só se sabe o número de visitantes, como se pode traçar um perfil básico dos tipos de frequentadores do blog, o que permite ao blogueiro direcionar seus posts segundo seu público, angariando assim mais visitação e comentário.

Em síntese pode-se perceber que essas ferramentas todas inter-relacionam-se ao propósito comunicativo dos blogs e são as mais encontradas nos blogs pessoais. Em busca de uma padrão t pico para a estrutura dos blogs pessoais resolvemos traçar um perfil com base na distribuição estatística dessas ferramentas nos 50 blogs pesquisados, o que apresentamos esquematicamente abaixo:

	Quantidade encontrada	Total	Porcentagem
Ordem cronológica inversa	50	50	100%
Ferramenta de comentários	50	50	100%
Trackback	40	50	80%
Blogroll	50	50	100%
Ferramentas sociais	44	50	88%
Descrição pessoal	39	50	78%
Contagem de visitantes	48	50	96%

Tal gráfico mostra-nos que características como ordem cronológica inversa e ferramentas como as de comentários e blogroll foram encontradas em todos os blogs pesquisados, enquanto que as demais se não tem incidência em todos, têm ao menos alta incidência na amostra, o que nos leva a concluir que de fato, são estes os componentes básicos que figuram na estrutura composicional dos blogs pessoais. Passemos então a comentar agora sobre os temas próprios a blogs pessoais.

5.8.2. Influência do propósito comunicativo na escolha de temas dos blogs pessoais

Segundo Komesu (2005)

No **blog pessoal** (Tipo1), o tema predominante é a *esfera íntima* da vida do(s) escrevente(s). Este tipo de *blog* é reconhecido pela ênfase no tratamento de assuntos do cotidiano – as várias atividades diárias, com quem o(s) enunciador(es) conversou(aram), se encontrou(aram), com relatos ancorados principalmente no eixo do presente do(s) escrevente(s) –, e pela discussão de questões existenciais que envolvem a vida, a morte, o relacionamento afetivo (amor e/ou sexo, separação, traição), a solidão, a família, os amigos, os inimigos, as memórias e os projetos. Acreditamos que seja por esse trabalho de escrita íntima marcada na sucessão temporal identificada nos *posts* que a associação entre os *blogs* e o diário íntimo seja tão recorrente, tanto para as instituições que os produzem quanto para seus usuários. Nesse tipo, classificamos 45 (quarenta e cinco) dos *blogs* estudados.

Para o tratamento estatístico desse ponto, resolvemos utilizar as últimas três postagens de cada blog pesquisado de forma que a amostra aqui constituiu-se de um total de 150 postagens divididas entre os 50 blogs pesquisados.

~

O quadro a seguir mostra-nos a distribuição dos temas encontrados:

Temas encontrados	Quantidade	Porcentagem
Cotidiano pessoal	23	15%
Comentários pessoais sobre outros temas	95	63%
Links de posts de outros blogs	5	3%
Links de posts de outros gêneros discursivos	27	18%
Total	150	

Pode-se perceber que ao contrário do que ocorria quando dos primeiros estudos sobre blogs pessoais, a temática evoluiu desde a forma mais prototípica de um diário para um gênero que visa a divulgação das opiniões pessoais sobre temas diversos.

Relacionando isso ao propósito comunicativo do gênero cremos que isso se deve como uma forma de atrair mais público e diversificar a temática uma vez que provavelmente os temas relacionados a um “diário pessoal” ficaram com o passar do tempo saturados, o que levou os blogueiros a buscar novos temas a fim de lograr seu intuito básico de atrair público e angariar status dentro da comunidade.

Por fim, vejamos como se dá o estilo dos blogs pessoais, última das características genéricas apontadas por Bakhtin e aqui seguidas por nós.

5.8.3. Da influência do propósito comunicativo no estilo dos blogs pessoais

Segundo Marcuschi (2005, p.61) em relação ao estilo dos blogs:

A linguagem dos blogs pessoais é informal na maioria dos casos, mas os k-blogs³¹ estão evoluindo rapidamente para expressões retóricas mais formais e esmeradas com alto grau de requinte e pretensões literárias. Os blogs são datados, comportam fotos, músicas e outros materiais. Têm estrutura leve, textos em geral breves, descritivos e opinativos.

³¹ K-blogs (knowledge logging) são blogs mantidos por jornais ou revistas, com vistas às atualizações rápidas de notícias e a uma maior interatividade com os seus leitores.

Nesse ponto resolvemos tal como no tópico anterior selecionar as últimas três postagens dos 50 blogs pesquisados, totalizando uma amostra de 150 itens. Verificamos o padrão mais subjetivo ou impessoal; mais formal ou informal e o uso da hipertextualidade nos posts. Os resultados estão logo abaixo:

Posicionamento do autor	Quantidade	Porcentagem
Subjetivo	147	98%
Impessoal	3	2%
Total	150	3%

Grau de formalidade	Quantidade	Porcentagem
Formal	128	85%
Informal	22	15%
Total	150	3%

Elementos hipertextuais	Quantidade	Porcentagem
Imagens estáticas	28	19%
Vídeos	12	8%
Apenas som	0	73%
Apenas linguagem verbal	110	0%
Total	150	

Resumindo as três tabelas anteriores, pode-se perceber que quanto ao estilo, os blogs pessoais caracterizam-se por serem gêneros subjetivos, formais e com alto uso da linguagem verbal.

Relacionando-se essas características ao propósito comunicativo do gênero, tem-se que a busca o caráter de auto-promoção característico do blog pessoal leva-o a um estilo mais pessoal em que o autor busca expressar seu pensamento, demonstrando o caráter pessoal disso. O grau mais formalizado da linguagem e a predominância da linguagem verbal podem ser relacionados ao perfil dos blogueiros: em geral pessoas com um bom nível de escolaridade que buscam relacionar-se e trocar experiências com pessoas desse mesmo nível, o que ocasiona, ao contrário do que se pensava anteriormente, a incidência maior de um padrão mais formal centralizado na linguagem verbal dos posts.

5.8.4 Concluindo sobre blogs pessoais

Pode-se concluir com o exposto que enquanto a sua estrutura, os blogs pessoais caracterizam-se por apresentarem alta incidência dos componentes: ferramenta de comentários, trackback, blogroll, ferramentas sociais, descrição pessoal e contagem de visitantes. Em relação à temática tem-se, sobretudo, comentários pessoais sobre temas diversos e em relação ao estilo um padrão mais subjetivo, formal e ancorado na linguagem verbal.

Pode-se perceber que todas essas características estão sob a influência do propósito comunicativo do gênero que por sua vez ancora-se nos objetivos da própria comunidade discursiva.

Dessa forma, nossa hipótese baseou-se na ideia de que mudando a comunidade discursiva que utiliza o gênero, muda-se seu propósito comunicativo e logo suas características. Isso buscaremos demonstrar com a análise da comunidade discursiva seguinte: a comunidade discursiva jornalística, tema de nosso capítulo a seguir.

Capítulo 6

A comunidade discursiva jornalística e os blogs jornalísticos

Ao contrário da comunidade discursiva blogueira, de característica mais recreativa, a CD jornalística tem caráter profissional e as relações, normas e valores são, portanto, em geral registrados em documentos próprios. Tal como supúnhamos, a CD jornalística possui objetivos próprios que acabam por afetar na constituição do blog enquanto gênero discursivo, o que buscaremos demonstrar a partir de agora, primeiramente demonstrando trabalhos anteriores sobre CD jornalística que nos serviram a nossa própria descrição dessa comunidade discursiva, passaremos depois à nossa descrição dessa CD e à análise sobre a influência dos objetivos dessa CD sobre a constituição dos blogs jornalísticos, utilizando basicamente o mesmo método já aplicado na CD blogueira.

6.1. Quem já tratou sobre comunidade discursiva jornalística

Anteriormente a nosso trabalho, outros pesquisadores debruçaram-se sobre a possibilidade de aplicação do conceito de comunidade discursiva aos jornalistas. Suas análises, cada uma a sua maneira, acabaram por servir-nos de frutuosa direção para nosso trabalho e deram-nos, outrossim, importantes subsídios para consecução de nossos objetivos nessa seção. Em seguida, sumariamente, analisaremos, divididos em tópicos específicos, alguns desses trabalhos para ao final darmos nossa própria contribuição para construção desse objeto teórico que consideramos importante em análises textuais que levem em consideração o aspecto social de circulação dos gêneros.

6.1.1. Bonini (2002)

Bonini (2002) tentou aplicar os critérios de comunidade discursiva ao grupo dos jornalistas, chegando à conclusão de que, dentro da perspectiva de Swales (1990; 1992), esse grupo não poderia ser caracterizado como comunidade discursiva visto que:

ao enquadrarmos a comunidade discursiva dos jornalistas nos princípios apontados por Swales (1992), vamos encontrar certas discrepâncias: 1) há um conjunto de objetivos detectáveis, mas que variam bastante de emissores para receptores; 2) não podemos dizer que os mecanismos são exatamente de intercomunicação, mas de comunicação; 3) já que os mecanismos de comunicação não são participatórios, ao menos diretamente, o conjunto de propósitos que os movem não são claramente detectáveis; 4) há uma utilização seletiva e evolutiva destes mecanismos de comunicação, mas obedecendo a critérios vários, incluindo sempre o valor comercial da informação; 5) há um léxico específico para os jornalistas, mas seus leitores não tomam contato com ele e, por outro lado, dependendo da especificidade da comunidade de leitores, há um léxico específico do qual o jornalista se apodera, sem se comprometer com ele, para fazer seu trabalho de transmitir informações; 6) a estrutura hierárquica de entrada e ascensão na comunidade também é muito difícil de ser detectada, se há, uma vez que os jornalistas pertencem a um ambiente institucionalizado com passagem pela academia e os leitores claramente não têm acesso a esse ambiente, a um mesmo *status* comunicacional. (BONINI, 2002, p.154)

Acreditamos que essa inadequação vista por Bonini (2002) deve-se ao fato de que ele concebe a análise do grupo dos jornalistas do ponto de vista das relações que esse grupo estabelece com sua audiência e não das relações mantidas internamente no grupo. Daí o autor concluir que os mecanismos utilizados pelos jornalistas servem mais à comunicação e não à intercomunicação, e que os objetivos são variados em relação aos jornalistas e à audiência, bem como o léxico, que é partilhado pelos membros, mas não pelos leitores. Assim, pensamos que aqui houve uma inadequação quanto ao enquadramento do objeto, que, em nossa opinião deve ser visto internamente e não relacionado à sua audiência, que, por sua vez é muito variada, pertencendo a grupos muito diversos.

Com base nessa suposta inadequação do conceito de Swales, Bonini (2002, p. 156) procura redefinir o conceito, dividindo-o em três subcategorias:

- 1) **protocomunidade discursiva**: não chega a ser uma comunidade, mas há ligação pelo intuito comunicativo no sentido mais simples das máximas de Grice (1980). Produz gêneros primários que, não obstante sua universalidade enquanto gêneros humanos, são permeados por peculiaridades culturais.

- 2) **comunidade discursiva simples:** de sustentação de discurso(s), mediante uma prática comunicativa por aparatos de participação equânime, sustentada por propósito(s) comunicativo(s) comum(s). Produz gêneros secundários

- 3) **comunidade discursiva complexa:** de dispersão de discurso(s), mediante um núcleo comunicativo simples ao qual se ligam indivíduos não diretamente participantes. Produz gêneros terciários [que o autor define como transcomunitários, mas sem se ater mais em sua discussão]. (BONINI, 2002, p. 156 [grifos nossos])

Segundo Bonini (2002), com base nessa sua proposta de análise, haveria sim uma comunidade discursiva jornalística do tipo complexa. Contudo, pelo curto espaço dedicado a essas questões, não é possível fazer um juízo de valor mais adequado às propostas do autor, restando perguntas tais como, o que se entende por “não chega a ser uma comunidade”, para o que ele chama de “protocomunidade”. Ou o que se entende por “participação equânime”, ou “indivíduos não diretamente participantes”? Dessa forma, essas perguntas ficam no ar e ao que parece, pelas generalizações, esse enquadramento de comunidade discursiva mais gera dúvidas do que soluções.

Contudo, concordamos com a visão de que o modelo de comunidade discursiva, tal como proposto por Swales parece não dar conta da complexidade da comunidade jornalística e concordamos ainda de que esse modelo necessita de revisões. Não obstante, a proposta de Bonini (2002) não nos parece solucionar tais problemas, tendo ainda a desvantagem de ser ainda mais genérica, isso ocasionado, talvez, pelo curto espaço destinado pelo autor à discussão dessas questões em seu trabalho, deixando-nos à espera de desdobramentos.

Um outro trabalho que retoma o conceito de Bonini (2002) de comunidade discursiva aplicado aos jornalistas é Kindermann (2003). Contudo, ainda que orientada pelo próprio Bonini, limitou-se a, em poucas páginas, retomar a ideia de seu orientador sobre a CD jornalística, sem fazer de fato uma análise dessa categoria.

Um outro trabalho que também tentou aplicar o conceito de comunidade discursiva aos jornalistas foi o de Souza (2009) que passaremos a discutir a seguir.

6.1.2. Souza (2009)

Souza (2009) embora mencione o conceito de “comunidade discursiva jornalística” (inclusive no título de sua tese) faz apenas o que ela denomina de “esboço de comunidade jornalística” (p. 307), pois prefere, em suas palavras,

caracterizar a comunidade jornalística como um *espaço social*, tomando emprestado a concepção de espaço relacional e posicional de Bourdieu (1997, 2005, 2007). A noção de espaço social também tenta explicar o fato de que a comunidade jornalística pode ser instanciada em diferentes espaços, embora não tenhamos a intenção de delimitá-la geograficamente. Nesse sentido, podemos nos reportar à comunidade jornalística do jornal “Diário do Cuiabá” e à comunidade jornalística do jornal “Estado de São Paulo”, por exemplo. (p. 308)

Creemos que o alcance dado pela autora ao conceito, circunscrevendo-o às distintas empresas jornalísticas que mantêm em circulação periódicos jornalísticos não nos parece adequada a nosso intuito, visto buscarmos regularidades maiores. Deixamos aqui uma hipótese a ser verificada sobre a possibilidade de descrição mais pormenorizada desses grupos utilizando o conceito de Lima (2008) sobre comunidades discursivas locais.

Como bem salienta a autora, a ideia de conjunto, por trás do termo comunidade, não pode supor a ideia de neutralidade nas relações entre os membros. Em suas palavras: “interpretamos a comunidade jornalística, compreendendo essas tensões (entre televisão e jornal escrito, entre jornalistas e especialistas, dentre outras) como um aspecto de natureza constitutiva (p. 308), ponderando ainda que

há uma concorrência que não é velada, seja pelo reconhecimento externo através do índice de audiência, seja pelo reconhecimento interno através do peso simbólico do jornalista e da instituição dentro da comunidade. (p. 308)

De fato, em um meio em que o fator mercadológico predomina como questão de sobrevivência empresarial, a concorrência se faz acirrada não só externamente em relação às distintas empresas jornalísticas, como internamente, dentro da estrutura hierárquica do grupo, como haveremos de demonstrar oportunamente.

Apesar disso, segundo a autora, o que une a comunidade jornalística são em princípio seus objetivos públicos “de informar, comentar e interpretar um

acontecimento, bem como orientar o público-alvo (leitor ou ouvinte). Estes objetivos, por sua vez, são socialmente instituídos” (p. 309)

Para tanto, ainda segundo a autora, os jornalistas, enquanto comunidade, estão em contato com outros profissionais sempre que necessário a consecução desse objetivo. Assim,

para cumprir o objetivo de orientar o leitor, a comunidade jornalística abre espaço para a participação de colaboradores que, na maioria das vezes, são especialistas em uma determinada área do conhecimento. Daí, nos deparamos com dois aspectos complicadores, a saber: como compreender a participação dos colaboradores na comunidade jornalística e como relacionar os objetivos sociais dessa comunidade, considerando os putativos leitores? (p.309)

Isso leva a autora a propor a compreensão em duas dimensões de uma comunidade discursiva: “uma comunidade *stricto sensu* constituída por jornalistas (de formação ou de experiência) e uma comunidade *latu sensu* que é também constituída por colaboradores”. (p. 309)

Creemos que de fato nenhuma comunidade discursiva, mesmo na abstração necessária desse conceito, pode ser vista como fechada ou indiferente aos contatos naturais com outros grupos. Contudo, acreditamos que esse contato de *per se* não altera as regularidades que constituem a base coesiva que une seus membros, portanto, vemos esses contatos como algo *ad hoc* que não necessariamente devem ser incluídos na análise pelo que não consideramos conveniente aqui o conceito de comunidade *latu sensu* tal como proposto pela autora.

Sobre o contato com a audiência, tal como nós, e ao contrário do pensamento de Bonini (2002), a autora acredita que “sobre os leitores fazerem parte da comunidade jornalística, consideramos que inseri-los implicaria na desconfiguração da noção na medida em que os objetivos da comunidade seriam dissipados.” (p. 309).

De fato, reiteramos que uma comunidade discursiva deve ser analisada tendo por base as relações diversas mantidas pelos seus membros entre si: objetivos, gêneros, normas etc.

Passemos então a mais um outro trabalho que buscou aplicar o conceito de comunidade discursiva aos jornalistas. Nesse caso Silva (2007) que, ao contrário dos até aqui vistos, possui uma descrição já um pouco mais bem elaborada.

6.1.3. Silva (2007)

Por fim, temos o trabalho de Silva (2007), que buscou aplicar tal qual o conceito de comunidade discursiva de Swales (1990;1992) aos jornalistas. Segundo a autora é possível identificar os jornalistas como uma comunidade discursiva visto atenderem aos seis critérios de Swales. Nas palavras dela (p. 25-26):

1. Os indivíduos pertencentes a essa comunidade possuem um objetivo público comum [...], transmitir informações;
2. Jornalistas possuem mecanismos de intercomunicação entre si, como os chamados *releases*, que são uma espécie de pauta escrita na assessoria de imprensa de um jornal, a fim de informar os repórteres sobre algo que esteja ocorrendo, possibilitando a ida desses ao local do acontecimento;
3. Jornalistas utilizam seus mecanismos de participação (como reuniões) para fornecer informações e retorno (feedback);
4. Jornalistas utilizam-se de vários gêneros [...] no desenvolvimento comunicativo de seus objetivos;
5. A linguagem jornalística possuem certas especificidades;
6. A comunidade jornalística é constituída por indivíduos especializados, com um grau adequado de conteúdo da área e capacidade discursiva.

Novamente salientamos a redundância dos critérios 2,3 e 4 visto todos lidarem com formas de comunicação interna ou externa que, em nosso ponto de vista, consubstanciam-se em gêneros discursivos o que, em nosso ver, justifica a união desses critérios em um só.

Saliente-se que ficam algumas perguntas a serem respondidas e que consideramos importantes: como se dá o processo de admissão dos membros nessa comunidade? De que forma o objetivo geral da comunidade influencia sobre a escolha dos gêneros discursivos a serem utilizados em suas comunicações?

Há ainda perguntas que, dada a ligeireza da análise ficaram em suspenso: que especialidades são essas da linguagem jornalísticas? Como atuam os especialistas na comunidade?

Contudo, ainda que bastante sumarizada, a aplicação do conceito deixou-nos algumas pistas que foram importantes para nossa própria análise a qual passaremos a discutir a seguir.

6.2. Nossa perspectiva para a descrição da comunidade discursiva jornalística

A seguir buscaremos com base na revisão do conceito de comunidade discursiva de Lima (2008), fazer a descrição da comunidade discursiva jornalística, analisando posteriormente a influência de seus objetivos sobre o propósito comunicativo dos blogs jornalísticos e a influência deste sobre a constituição dos blogs jornalísticos enquanto gênero discursivo.

6.2.1. Do contexto em que a CD se insere

O jornalismo é uma atividade profissional regulamentada pelo Decreto-lei nº 972/69 e decreto nº 83.284/79 e ainda com a lei nº 7.360/85, amparada e regulamentada por diversos meios como a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT - DL-005.452-1943 em seu Art. 302, o Conselho Federal de Jornalismo-CF, a Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais – FENAJ, o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros e os diversos sindicatos espalhados pelo Brasil.

Tais instrumentos legais visam reger a atividade de forma que possa ser garantindo a esses profissionais o livre exercício de sua profissão, considerada de tal forma essencial para a consolidação e exercício da democracia que é, por muitos, denominada de o 4º. Poder, visto sua capacidade de denunciar e fazer valer determinados pontos de vista (cf. GUARESCHI, 2005).

Tais leis regulam ainda a admissão e permanência de uma pessoa qualquer nessa comunidade, o que trataremos a seguir.

6.2.2. Do processo de admissão

O processo de admissão de membros na CD jornalística é hoje tema de muito debate e polêmica. O decreto-lei 972/1969, portanto ainda na ditadura militar, previa entre as condições para o exercício regular da profissão, registro no órgão regional do Ministério do Trabalho e Previdência Social e entre as condições para obtenção desse registro, o diploma superior de jornalismo em curso reconhecido pelo MEC.

Em 2009 foi julgada ação do Ministério Público Federal (MPF) e do Sindicato das Empresas de Rádio e Televisão do Estado de São Paulo (Sertesp) contra essa

exigência e por maioria, o Plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu por sua inconstitucionalidade visto que, segundo o ministro Gilmar Mendes, fere o princípio constitucional da liberdade de expressão.

Contudo, obter o registro parece ser só o primeiro passo para a devida admissão do membro neófito na CD. Como qualquer atividade profissional, o jornalismo exige a entrada do recém-formado no mercado de trabalho, o que costuma ser bastante difícil, tal como relata a jornalista Laissa Khayat em um *post* no blog *protv*, vejamos:

Um estágio desafiador

Estagiar na TV Liberal por quase um ano foi um sonho. Quando optei por jornalismo, a área escolhida desde sempre foi televisão. Queria saber o funcionamento de uma redação, de produção, de edição e vivenciar a correria que tanto ouvia falar. E ter a oportunidade de conhecer tudo isso na TV Liberal foi um privilégio.

É uma emissora afiliada Rede Globo que realmente treina os estagiários para o mercado, por meio de gravações em estúdio, passagens de vídeo na rua e acompanhamento em externas. E o melhor: com relatórios de avaliação para que nós mesmos, estagiários, possamos saber da nossa evolução diante das atividades propostas pelo Pró-TV.

Na TV liberal, iniciei o estágio na ronda, sempre atrás dos factuais e aprendendo o valor da apuração jornalística. Foi um desafio. Saber lidar com a pressão pela informação 'pra ontem' e, ao mesmo tempo, aprender que o melhor não é ter a informação mais rápida e sim de forma correta, bem apurada. E até alguns gritos para chamar a atenção da chefia, sempre envolvida com os repórteres, foram necessários e orientados.

Ali, conheci a tal correria - e até o frio na barriga de sair com a equipe 'muda' e gravar sonoras. Quero dizer, achei que tivesse conhecido, pois comecei o estágio na produção do Jornal Liberal 2ª edição. O que conhecia por correria teve seu significado ampliado. Embora seja um jornal 'curto' - se comparado aos demais da casa -, a cobrança é inversamente proporcional.

O JL 2 me exigiu ritmo nas apurações e poder de síntese muito maiores. Termos técnicos, jargões jornalísticos, aula de editoria, construção de notas, por exemplo, são aprendizagens que o JL 2 me ofereceu, além de ter me ensinado a importância do trabalho em equipe.

Particpei também de algumas reuniões, feitas sempre após o telejornal. Naquele momento, o diretor de Jornalismo dava aula: parabenizava, geralmente; porém, se preciso fosse, puxava a orelha de todos. E, então, veio mais um ensinamento: saber escutar mais e seguir as orientações de profissionais experientes na área.

E chegou o momento que me encheu de alegria: o convite para participar do Núcleo do Círio, ao lado do meu colega de estágio Paulo Garcia. Que responsabilidade! Fiquei tão feliz porque, se for parar para pensar, eu fazia parte de uma equipe de profissionais que produziu uma das maiores

manifestações religiosas do mundo, o Círio de Nazaré, dentro da maior emissora do Pará.

Adorei o desafio e o encarei como um incentivo para mostrar o meu trabalho e fazer jus à atenção dos telespectadores que acompanhariam a nossa cobertura por horas. A audiência e os comentários feitos depois da transmissão soaram aos meus ouvidos como sensação de dever cumprido. Novamente o trabalho em equipe mostrou o valor que tem.

Em seguida ao Círio, foi a vez de conhecer um pouco mais da produção. Produzir pautas e, na maioria das vezes, ajudar na produção de um VT. Ali, aprendi onde tudo nasce: criatividade, apuração e compromisso com a informação. Procurar personagens para ilustrar a matéria também não foi nada fácil, mas me esforcei para conseguir os melhores.

Por fim, conheci a produção do Bom Dia Pará. Um pouco dela, devido ao tempo curto de uma semana apenas. Certamente, não foi tempo suficiente para dominar o BDP e seu funcionamento peculiar, mas serviu de muita aprendizagem. E, por incrível que pareça, é um momento até tranquilo na redação, se ignorarmos os telefonemas incessantes, os quais demonstram a audiência deste telejornal.

Hoje, termino o estágio e sigo em busca de novos desafios. Levo tudo o que na TV Liberal souberam compartilhar comigo: princípios jornalísticos, importância das apurações, olhar humano na produção da informação, saber lidar com as pressões do dia a dia e, sobretudo, o valor do trabalho em equipe, pois na emissora senti a formação de uma verdadeira família, construída a partir do convívio.

Agradeço a todos, sem exceção: aos meus chefes, colegas de estágio, repórteres, técnicos do vivo, equipe da Copa, da limpeza, da portaria, todos. E sou muito grata, especialmente, pela oportunidade, pelo conhecimento compartilhado, pelas orientações, pelos 'puxões de orelha', e a cada um que colaborou para o meu crescimento profissional. Obrigada à TV Liberal pela honra de fazer parte desse time.

(Fonte: <http://www.orm.com.br/blogprotv/capa/default.asp?modulo=767&codigo=570257>>. Acesso em: 31/08/2012)

Pode-se perceber pela fala da jornalista que são muitos os desafios que enfrentam aqueles que querem de fato integrarem-se a CD jornalística, desde a oportunidade de estágio em uma empresa até o ganho de experiência que tornará de fato o aspirante a um membro integrado na CD e que possa pleitear a ascensão hierárquica no grupo.

Nesse contexto, o meio virtual relativiza essas relações ao permitir que esse caminho seja trilhado por outras vias, não necessariamente ligadas a uma empresa jornalística. Isso porque qualquer cidadão pode criar um blog de cunho noticioso e publicar notícias, o que têm gerado muitos debates, levando muitos a admitirem a possibilidade de uma reorganização da atividade jornalística.

Foletto (2009, p.12) pondera que:

Os que proclamam o fim do jornalismo para a próxima semana – no caso brasileiro ainda mais motivados pela recente decisão da suspensão da obrigatoriedade do diploma em Jornalismo para exercer legalmente a profissão no país – se perguntam: se agora qualquer um pode publicar o que (aparentemente) quiser, informar sobre o que está passando em seu quintal (e nos quintais mais próximos) sem intermediários, então para que pode ainda servir o jornalismo?

O tema, ainda é alvo de disputas judiciais, promete estender-se bastante e ganha, no contexto atual, um novo fator polêmico: o emprego noticioso de gêneros digitais como, por exemplo, blogs e twitter em que qualquer pessoa pode, sem muitos conhecimentos, divulgar notícias, opinar sobre fatos, ou seja, exercer um papel de jornalista sem qualquer regulamentação.

Isso faz com que muitos vejam essa atividade como inconciliável com o jornalismo profissional (cf. GRANADO & BARBOSA, 2004) enquanto outros, sobretudo os mais recentes, veem os blogs como uma alternativa à informação “oficial” advinda das grandes empresas jornalísticas (cf. QUADROS, ROSA e VIEIRA, 2005; ESCOBAR, 2006; MENDES, 2007).

Controvérsias à parte, consideraremos blog jornalístico aqui aqueles que têm como autores jornalistas profissionais e/ou aqueles que sejam reconhecidos por boa reputação pela comunidade discursiva jornalística através dos índices de visitação, comentários e linkagem obtidos em sites agregadores de blogs.

Como já visto no pequeno trecho retirado de um post de uma estagiária em jornalismo, o léxico   parte do conhecimento especializado de aquisi o fundamental para os neófitos. Sobre alguns termos desse léxico especializado e suas características passaremos a discutir no t pico seguinte.

6.2.3. Do léxico

No post da jornalista Laissa Khayat visto há pouco, pudemos perceber o emprego de alguns termos como “ronda” e “factuais” que para não membro da CD jornalística podem parecer estranhos. De fato, o vocabulário próprio de um grupo é fator de identidade e serve ainda na admissão e ascensão hierárquica para os neófitos tal

como a já citada jornalista reconhece ao comentar entre as exigências para a carreira de jornalista o conhecimento de “termos técnicos e jargões jornalísticos”.

De fato, como qualquer ramo profissional, a comunidade discursiva jornalística elaborou com o passar dos anos um conjunto de termos técnicos e de uso próprio que hoje constituem parte do saber adquirido e produzido pelo grupo e é, portanto, indispensável em sua intercomunicação.

A importância do estudo do léxico para descrição de uma comunidade discursiva está no fato de que ele reflete a especificidade do meio em que ocorrem as interações. Como explica Swales (1990), cada membro, para adquirir um certo grau de conhecimento relevante para sua sobrevivência dentro da comunidade, precisa apropriar-se do léxico que caracteriza o seu grupo social.

Sendo muitos os termos, resolvemos colher aqueles que consideramos mais usuais pela CD jornalística, tendo por base sua ocorrência reiterada nos blogs jornalísticos, para exemplificar o que dizemos. Tais termos foram retirados do “Pequeno glossário de comunicação jornalística” disponibilizado pela UNESP no endereço <www.faac.unesp.br/graduacao/di/downloads>.

Barriga: Quando o veículo dá uma notícia errada.

Bloco: Parte do telejornal em que a matéria será veiculada. Usa-se o termo "primeiro, segundo, terceiro bloco".

Calhau – Pequeno anúncio do próprio jornal usado para cobrir espaço não utilizado na página. *Botar calhau* significa acelerar o processo de *fechamento* colocando um anúncio em lugar do espaço inicialmente previsto para a matéria

Chamada ou **Chamadinha** – Pequeno texto usado na primeira página para chamar a atenção do leitor para determinado material

Cair: Matéria que não será mais utilizada ou que foi derrubada.

Cozinhar: No jargão jornalístico, é reescrever um texto publicado em outro jornal. O termo, entretanto, só se torna plágio se o veículo que está colhendo informações do outro não dá o crédito ao concorrente.

Drops: Notas rápidas e curtas

Emplacar: Quando uma matéria é aprovada, ou seja, ela emplaca.

Enxugar: Serve para eliminar informações desnecessárias de um texto.

FACTUAIS: notícias obtidas de forma mais espontânea e imprevista.

FOCA: Jornalista novato.

FREE-LANCER: Quem presta serviço jornalístico sem manter vínculo empregatício com o veículo, agência de notícias, de publicidade e/ou de comunicação.

Furo: Fato dado com exclusividade.

Gancho: Um fato de alguma matéria que rende outras notícias.

Iceberg: Texto grande, que ocupa uma página inteira.

Jabá: “Presentes” dados a jornalistas. Pagamento de propina

Lead ou Lide – Abertura de matéria tradicional. Precisa responder a seis perguntas básicas: o que, quem, quando, onde, como e por quê.

MANCHETE: Título do principal assunto da edição de um jornal.

Mastigar: Explicar um fato.

Muleta: Utilizar palavras desnecessárias para esticar o título.

OFF-THE-RECORDS: Declaração que o entrevistado dá com a condição de não tê-la atribuída a si (sentido mais comum). Usa-se muito a expressão "informação em off".

Pauta furada – Informação falsa

Pastel: Colocar de forma errônea os elementos gráficos em uma página.

PESCOÇO: Fechamento antecipado de cadernos que só vão circular no fim de semana. É também chamado de "pescoção".

Pirulito: Texto curto.

Pescoço: Antecipar matérias que serão publicadas.

RONDA: técnica usada em busca de notícias. Consiste em ligar para lugares diversos e, por vezes, vagar em busca de algo noticioso.

SIDE: Texto que complementa texto principal.

SUÍTE: Desdobramentos de uma notícia.

TEASER: Informação que funciona como "isca" para suscitar o interesse da imprensa. Geralmente se traduz por uma nota publicada em coluna.

No noticiário de televisão, o termo é usado para definir uma imagem de maior impacto de uma notícia e que é usada como chamada para o noticiário que irá ao ar mais tarde.

O termo também é usado em publicidade, para definir peças de anúncios colocados para chamar a atenção do público para uma campanha veiculada logo depois.

Vazar: Divulgação de informação supostamente sigilosa.

Vender a pauta – Sugerir determinado tema ao editor

Tais termos na medida em que constituem, com muito outros mais, o léxico específico dessa comunidade, são de indispensável conhecimento para qualquer membro e, como se acontecer em CD's, tornam-se elementos indispensáveis para a integração de um membro neófito nesse grupo.

6.2.4. Das normas, valores e objetivos

O conjunto de normas da comunidade jornalística é colocado bem pelo código de ética dos jornalistas brasileiros³² que pensamos ser a melhor fonte para que cheguemos a um mínimo necessário para entendermos o que pauta (ou deveria pautar) a

³² http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf

conduta dos membros da CD. Dessa forma passaremos a sumarizar tal código no que nos parece ser essencial.

O capítulo 1 do referido código diz respeito àquilo que é mais caro aos membros da CD em questão: a informação, considerada como direito fundamental dos cidadãos. Assim, os dois primeiros artigos versam sobre o assunto, vejamos:

Art. 1º O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros tem como base o direito fundamental do cidadão à informação, que abrange direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação.

Art. 2º Como o acesso à informação de relevante interesse público é um direito fundamental, os jornalistas não podem admitir que ele seja impedido por nenhum tipo de interesse [...]

(Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, 2007. P. 01)

Nas alíneas que seguem aos dois artigos acima é definido ainda que a informação deve ser divulgada de forma “precisa” e “correta”, “independentemente da linha política” ou “natureza econômica das empresas”. Comenta-se ainda que divulgação da informação deve “se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público”. Em uma imprensa que viveu tantos anos fustigada pela ditadura local cabe especial atenção à alínea descrita abaixo:

V - a obstrução direta ou indireta à livre divulgação da informação, a aplicação de censura e a indução à autocensura são delitos contra a sociedade, devendo ser denunciadas à comissão de ética competente, garantido o sigilo do denunciante.

De tudo o que foi dito, podemos abstrair alguns dos valores caros à CD em questão, a saber: **o direito fundamental dos cidadãos à informação, a retidão da notícia e o repúdio à censura.**

O capítulo dois do código refere-se à profissão do jornalista e comenta os parâmetros que devem nortear sua atuação.

O compromisso fundamental do jornalista, segundo o texto, é “com a verdade dos fatos” e para isso, o texto assegura o “direito do jornalista de resguardar sigilo da

fonte”. A esse dever fundamental, atrelam-se os demais deveres para com o Direito Universal dos Direitos Humanos e à democracia, mantendo respeito à “intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão”.

Aqui também podemos abstrair outros valores da comunidade como: **o respeito à privacidade do cidadão e a preservação das fontes como forma de lograr fatos relevantes à cobertura jornalística.**

No capítulo III que trata “Da responsabilidade profissional do jornalista” pode-se perceber mais alguns valores: **o direito ao contraditório, o direito autoral sobre a notícia divulgada, o estrito dever público do jornalista e o auxílio em caso de perseguição a membros da comunidade.**

Por fim, o capítulo IV “Da aplicação do Código de Ética e disposições finais” descreve a atuação do Comissão Nacional de Ética na apuração de denúncias e controle de abusos dos profissionais, também fiscalizados pelos conselhos locais e sindicatos.

Tais normas visam restringir a atuação jornalística, mantendo seu caráter de atuação pública, segundo os objetivos visados pela comunidade, o que passaremos a discutir a seguir.

Com base no conjunto de normas visto acima, acreditamos que o objetivo da comunidade jornalísticas seja de fato aquele já descrito por Souza (2009) de informar, comentar e interpretar um acontecimento, bem como orientar o público-alvo (leitor ou ouvinte).

Como veremos, esse objetivo geral da comunidade jornalística orienta a sua seleção de gêneros discursivos e a forma dos gêneros, o que exemplificaremos oportunamente com os blogs jornalísticos.

6.2.5. Da hierarquia

Um modelo básico da estrutura hierárquica dos jornalistas pode ser visto abaixo:

- Proprietário
 - Diretor-Executivo ou Diretor Administrativo
 - Diretor Comercial

- Diretor de Circulação
- Diretor de Jornalismo ou Diretor de Redação
 - Editor-Chefe
 - Editores
 - Chefe de Reportagem
 - Repórteres
 - Redatores
 - Revisores
 - Diagramadores
 - Ilustradores
 - Fotógrafos
 - Correspondentes
 - Secretário de Redação

(Fonte: ucbweb.castelobranco.br/webcaf/.../Hierarquia___WEBCAF.doc.) Acesso em: 30/08/2012)

Segundo Nogueira (2002, p. 63) “A hierarquia dos profissionais dentro das redações é claramente definida e reconhecida em termos de autoridade e função”. Ainda segundo o autor na base hierárquica dos jornalistas encontram-se os fotógrafos e repórteres e “em movimento ascendente, redatores, chefes de reportagem/pauteiros, subeditores, editores, editores executivos, editor-chefe e diretor de redação.” (p.63).

Acima dos editores, os demais níveis formam o que autor denomina aquário, em suas palavras:

termo que designa tanto os locais quanto os indivíduos que ocupam salas posicionadas estrategicamente dentro das redações, compostas por divisórias com a parte superior em vidro, de onde se pode observar toda a redação mas que possuem uma certa privacidade por contarem com persianas que, se acionadas, impedem que quem está de fora veja o que ocorre lá dentro (p.63)

Segundo o autor, essa configuração hierárquica, que visa a organização eficaz das atividades jornalísticas, têm correspondência no ambiente físico, geralmente dividido segundo as funções e sem quaisquer divisórias. Segundo ele, o espaço da redação deve

ser entendido como um espaço coletivo, onde os interesses individuais e a privacidade de cada um não têm lugar.

Há ainda segundo o autor uma outra espécie de organização das atividades jornalísticas com o estabelecimento de rotinas, formadas a partir de reuniões como a “reunião de pauta, reunião da editoria e reunião de consolidação – a primeira e a última são as mais formais, e possuem geralmente hora certa para começar e terminar; já a segunda varia de editoria para editoria e pode nem ocorrer formalmente”. (p. 64).

Na reunião de editoria, o editor de cada área reúne-se com seus subeditores e, por vezes, repórteres e redatores para informações sobre o andamento das atividades dos repórteres bem como a definições do responsável pelo fechamento da edição do dia.

Na reunião de consolidação, em geral ao final da tarde, escolhem-se as matérias que serão de fato publicadas. Segundo Nogueira (2002, p. 64) “Cabe observar que tanto na reunião de pauta quanto na de consolidação, é o editor-chefe quem dá a última palavra sobre o que está sendo discutido ou apresentado.”

Na reunião de pauta, por volta das 11 da manhã, o editor-chefe e demais editores discutem sobre a publicação do dia anterior, comparando-a com a de concorrentes, e discutem sobre os assuntos a serem publicados na edição do dia. Segundo Nogueira (2002) nessa reunião qualquer participante pode propor assuntos. Para o autor a reunião de pauta “possui o tom de um fórum de debates” (p. 65)

Pode-se perceber que dada a rapidez com que se deve montar um jornal, a hierarquia não só divide os profissionais em relação ao seu status frente o grupo, mas serve também para a organização, segundo a velha perspectiva da distribuição do trabalho.

6.2.6. Do elenco de gêneros

O pioneiro no estudo mais sistemático dos gêneros jornalísticos no Brasil, embora sem ser linguista, foi Luiz Beltrão, que contribuiu com três obras significativas: uma primeira, de 1969, na qual o autor trata dos gêneros informativos, a segunda que trata dos gêneros interpretativos (1976) e a terceira sobre os opinativos (1980).

Para Luiz Beltrão, fazem parte do conjunto de gêneros informativos: a notícia, a entrevista, a reportagem, a história de interesse humano e a informação por imagem. No gênero interpretativo, a reportagem em profundidade. Por sua vez entre

os gêneros opinativos, o editorial, o artigo, a crônica, a opinião ilustrada e a opinião do leitor.

Melo (1994) faz uma revisão do trabalho de Beltrão e acrescenta alguns outros gêneros jornalísticos. Um deles é a nota. Para o primeiro autor, a nota “corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração e por isso é mais frequente no rádio e na televisão” (MELO, 1994,p. 65). Outro gênero incluído em Melo (1994) é a resenha que segundo o autor crítica os lançamentos de obras consideradas de grande importância e, por fim, a Coluna que é uma seção, geralmente assinada, de jornal ou revista, publicada com alguma regularidade e que tem por estilo ser mais livre e pessoal do que o noticiário comum.

Medina (2001) busca, dentro de uma perspectiva da função que exercem os diversos gêneros jornalísticos, redefinir essa classificação tradicional e propõe uma divisão em 6 categorias, especificadas abaixo;

- Gêneros informativos

Nota, notícia, reportagem, entrevista, título e chamada.

- Gêneros opinativos – (totalmente subjetivos,

com opiniões de colaboradores e editores). Editorial, comentário, artigo, resenha ou crítica, coluna, carta, crônica.

- Gêneros utilitários ou prestadores de serviços – roteiro, obituário, indicadores, campanhas, “ombudsman”, educacional (testes e apostilas).

- Gêneros ilustrativos ou visuais –

engloba gráficos, tabelas, quadros demonstrativos, ilustrações, caricatura e fotografia.

Propaganda

- Comercial, institucional e legal.

Entretenimento

- Passatempos, jogos, história em quadrinhos, folhetins, palavras cruzadas, contos, poesia, charadas, horóscopo, dama, xadrez e novelas. (MEDINA, 2001, p. 51)

Para Silva (2011, p. 05)

entendemos como gêneros jornalísticos aqueles textos que fazem parte da comunidade discursiva jornalística e para os quais o jornal escrito e a revista funcionam, essencialmente, como suporte e primeiro lugar de fixação e divulgação de seus conteúdos, e não como serviço ou canal. (p.05)

Para a autora:

Partindo desses critérios, das 32 categorias de texto encontradas nos jornais e revistas, classificamos como jornalísticas: 1) carta ao leitor; 2) cartas dos leitores; 3) chamadas; 4) editorial; 5) entrevista; 6) errata; 7) índice; 8) notícia ou reportagem; 9) “ombudsman”; 10) perfil; 11) texto-legenda; 12) textos informativos. Para todos esses textos, o jornal e a revista funcionam mais como um suporte do que um serviço ou canal, pois são os principais meios de fixação e divulgação dos mesmos; além de serem produzidos por membros da comunidade discursiva jornalística. Como não-jornalísticos, classificamos os textos: 1) artigo (de política, opinião, economia, informática e ciência); 2) boletim meteorológico; 3) classificados; 4) crônica; 5) edital; 6) horóscopo; 7) indicadores econômicos; 8) nota de falecimento/obituário; 9) palavras cruzadas; 10) propaganda; 11) roteiro/programação televisiva ou não (“Filmes da semana”, “Novelas da Semana”, “Filmes de Hoje”, “Exposições”, “Espetáculos de dança e teatro”, etc); 12) charges; 13) tiras ou quadrinhos; 14) resenha ou crítica; 15) receita culinária; 16) sinopses de filme; 17) dicas de filmes e livros; 18) testes; 19) balancetes de empresas; 20) resumo de livro. (p. 05)

Pode-se perceber que tais pesquisas excluem os gêneros digitais que hoje constituem certamente instrumentos muito utilizados pelos jornalistas e que, portanto, não podem ficar de fora dessa descrição, vejamos então alguns teóricos que refletiram sobre esse tema.

6.2.6.1. Cibergêneros jornalísticos

Muitos pesquisadores (CF. MIELNICZUK, 2003; PRIMO, TRÄSEL, 2006) já se interessaram em analisar a influência do ciberespaço (LEVY, 1999) sobre a atividade jornalística. Varela (2007) denomina o estágio atual de “jornalismo 3.0”, caracterizado pela interatividade dos meios. Segundo o autor: “quase não há ninguém que queira se manter informado e ficar calado” (VARELA, 2007, p.53).

Satuf (2008) lembra que a interatividade sempre foi inerente ao jornalismo, mas argumenta que antes a conversação era extra-dispositivo. O que os blogs e novos dispositivos tecnológicos permitem é uma interação que de fato se inscreve no interior do ambiente onde ocorrem as rotinas produtivas. A conversação aparecia como marca, sejam as aspas que caracterizam os dizeres de entrevistados, o tradicional “povo-fala” ou outros modos de apreender discursos vindos “de fora” da rotina produtiva. Agora os diálogos estão dentro do dispositivo. É possível entrar e participar diretamente, não é necessário esperar o contato do jornalista.

Segundo Varela (2007) o jornalismo, na forma atual, define-se como conversação e Satuf (2008, p. 03) pondera que “os leitores continuam consumindo

informação, mas também produzindo significados ao agir diretamente no local de publicação do material jornalístico.”

Uma outra possibilidade de alteração das relações jornalísticas advindas com os blogs é a possibilidade de se formarem redes de blogs com objetivos comuns (CF. HEWITT, 2007; PRIMO E RECUERO, 2003).

Kurtz e Klein (2009, p. 01) admitem que “o estudo dos gêneros do discurso jornalístico está deveras defasado em relação à prática, tendo sua bibliografia mais atualizada não acompanhado a evolução dos tipos de texto existentes”. De fato, embora seja de conhecimento comum que os blogs são parte integrante do conjunto de gêneros utilizados pela CD jornalística, em nossa pesquisa, poucos foram os achados sobre a utilização dos blogs como gênero jornalístico.

Segundo Chaparro (2008) a divisão clássica dos gêneros jornalísticos se dá em textos informativos e textos opinativos, dicotomia proposta pelo inglês Samuel Buckley, editor do jornal Daily Courant. Nas palavras de Chaparro (2008, p. 146)

Embora a dicotomia Opinião/Informação tenha se transformado, pela tradição, em espécie de matriz reguladora de convicções conceituais que organizam e explicam o jornalismo, o modelo de Buckley, como descoberta, nem pretensão científica teve. Já o contexto da justificação, engendrado pelos pensadores do jornalismo, acabou por criar uma “lei” que produziu especialistas, encheu livros e consolidou raízes, tanto nas redações quanto nos meios acadêmicos (CHAPARRO, 2008, p. 146).

Para o referido autor, essa divisão “trata-se de um falso paradigma, pois o jornalismo não se divide [entre opinião e informação] e sim se constrói [com elas]” (CHAPARRO, 2008, p. 146).

Justificando sua opinião, o autor ainda pondera que:

Em face da dinâmica e do grau de complicação das interações que o jornalismo viabiliza no mundo atual, já não é possível explicar e entender a ação discursiva do jornalismo pela dicotomia Opinião X Informação. Qualquer leitura de jornal ou revista de grande circulação deixa evidente que as fronteiras entre Opinião e Informação são destruídas pela inevitabilidade da valoração jornalística, por sua vez influenciada pela interferência interessada e legítima dos vários sujeitos do processo – tanto no Relato quanto no Comentário da atualidade (CHAPARRO, 2008, p. 160).

Para o autor, as duas funções básicas do jornalismo são: relatar e comentar. Com base nisso, o autor recorrerá à estrutura textual para definir melhor sua proposta. Assim, o gênero relato seria constituído por um esquema narrativo, visto ter como foco o ato de

contar um fato qualquer, uma história; Por sua vez, o gênero comentário seria composto basicamente por um esquema argumentativo, uma vez que se procura justificar alguma ideia.

Kurtz e Klein (2009, p. 07) criticam as dicotomias antes propostas e advogam a necessidade de um reordenamento para o que eles chamam de “nova grade classificatória dos gêneros”. Para tanto, os autores propuseram o seguinte quadro:

Fonte primária da opinião	Gênero Leitura	Gênero Reprodução
Editor	Editorial	
Jornalista	Comentário do jornalista	Link
	Clipping comentado	Nota
		Notícia
		Reportagem
		Serviço
Colaborador	Charge	
	Caricatura	
Leitor	E-mail	
	Comentário de blog	
Misto	Artigo	Clipping
	Comentário publicado	Entrevista
	Crônica	
	Resenha	

FIGURA 29 - GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Fonte: Kurtz e Klein (2009, p. 08)

A ideia dos autores é a de que o blog não se trata de um gênero jornalístico, mas uma ferramenta utilizada pelos jornalistas para publicarem seus textos. Dessa forma, investigaram alguns blogs para determinar que gêneros são mais praticados nesse ambiente. Os resultados são mostrados na tabela abaixo:

Blog		1	2	3	4	5	Total
Leitura	Artigo	4	80	0	0	0	84 3,14%
	Caricatura	0	23	0	0	0	23 0,86%
	Charge	0	76	0	0	0	76 2,84%
	Clipping comentado	0	29	2	0	0	31 1,15%
	Comentário do jornalista	31	160	0	1	4	196 7,32%
	Comentário publicado	2	20	1	0	0	23 0,86%
	Crônica	8	88	0	9	0	105 3,92%
	Editorial	0	1	0	0	0	1 0,03%
	E-mail	8	1	0	1	0	10 0,37%
	Resenha	3	0	5	10	2	20 0,74%
	Total	56	478	8	21	6	569 21,27%
Reprodução	Clipping	3	1240	0	1	0	1244 46,52%
	Entrevista	4	2	1	0	0	7 0,03%
	Link	0	261	12	4	0	277 10,35%
	Nota	1	76	10	0	0	87 3,25%
	Notícia	18	303	10	0	0	331 12,37%
	Reportagem	15	40	0	0	1	56 2,09%
	Serviço	0	93	9	1	0	103 3,85%
	Total	41	2015	42	6	1	2105 78,72%
Total	97	2493	50	27	7	2674	

Legenda:

- 1 – Balaio do Kotscho
- 2 – Blog do Noblat
- 3 – Circuito Integrado
- 4 – Palavra de Homem
- 5 – Tv.com

Os dados demonstraram que o “gênero” mais praticado seria o que os autores chamam de “clipping”. Em suas palavras:

esta prática, mais comum, em sua forma física, nas assessorias de comunicação de empresas, se tornou habitual nos blogs, que ao contrário dos meios físicos, não possuem limitação de espaço. O *clipping*, no caso dos *blogs*, é praticado pela reprodução do título da notícia original, subtítulo (se houver) e o primeiro parágrafo do texto original, seguido de link para o texto completo, que será seguido se interessar ao leitor. Em alguns casos, o texto inteiro pode estar reproduzido ou mesmo vários textos de fontes diferentes em um mesmo *post*. (KURTZ e KLEIN, 2009, p. 08)

Os autores salientam ainda que a reprodução de conteúdo advindo de outras fontes é mais comum do que a produção de material próprio, o que os leva a concluir que “Os *blogs*, em geral, possuem tendências maiores ao gênero *leitura* que ao gênero *reprodução*” (p.11).

Tudo isso posto, resta-nos a dúvida: se de fato blogs são uma ferramenta, por que chama-los de gênero *leitura*”? Fica evidente a dubiedade do emprego do conceito de gênero e a própria dubiedade dos autores em classificar os blogs.

Em nossa opinião os blogs não são meras ferramentas como supõe os autores. Ao contrário os blogs são gêneros discursivos que atendem a objetivos próprios e possuem uma estrutura relativamente definível, o que tentaremos mostrar a seguir.

6.2.6.2. História do blog jornalístico

Segundo Bradshaw (2008) o primeiro caso impactante de utilização de um blog com fins jornalísticos deu-se em janeiro de 1998 quando o jornalista Matt Drudge, através de seu blog, *Drudge Report*, publicou que o então presidente americano Bill Clinton, mantinha um caso extraconjugal com uma estagiária da Casa Branca, Monica Lewinsky. A partir daí outros meios de comunicação passaram a divulgar, baseados na notícia seminal de Drudge sobre o que se tornaria um dos maiores escândalos da Casa Branca.

Em 1999, aparece o *blog* do jornalista estadunidense Dan Gillmor na versão para a web do jornal *San José Mercury News*. O que segundo Noguera Vivo (2008) seria o primeiro blog especificamente jornalístico e no ano seguinte, aparece na Inglaterra o *Guardian's Weblog*, blog coletivo do jornal inglês *The Guardian*.

Segundo Foletto (2009) serão, contudo, Os Atentados às Torres Gêmeas de Nova Iorque, em 11 de setembro de 2001 que promoverão uma maior aproximação dos blogs ao meio jornalístico. Para Bradshaw (2008), em sua lista sobre os maiores momentos dos blogs jornalísticos, foi nesse momento “enquanto sites de notícias estavam em colapso devido à demanda global, [que] uma rede de blogs passa adiante notícias e listas de sobreviventes³³”.

Nas palavras de Foletto (2009, p. 40):

a partir desta data os testemunhos pessoais sobre determinados acontecimentos, situações ou lugares encontrados em *weblogs* passaram a ganhar maior importância como informação de relevância jornalística, o que se dá em grande parte devido à situação caótica que se tornou a busca por qualquer tipo de informação sobre o que estava acontecendo nos locais dos atentados e também porque, do outro lado, havia pessoas no local que desejavam compartilhar suas histórias

³³ while news websites collapse under the global demand, a network of blogs [pass on news](#) and [lists of survivors](#)

Ainda segundo Foletto (2009) é a partir daí que os blogs, até então vistos de forma pejorativa pelo meio jornalístico, passam a ser reconhecidos como alternativas para publicação de conteúdos outrora restritos às empresas jornalísticas.

Com os conflitos armados, sobretudo os resultantes da contraofensiva americana aos atentados de 11 de setembro, intensifica-se o uso de blogs como alternativa às “notícias oficiais” divulgadas pelo governo americano à imprensa mundial. Surgem então os chamados warblogs que segundo Recuero (2003, p. 03)³⁴ são blogs que

“ têm como foco central a questão da Guerra, sob as suas mais diversas formas. E o mais importante: Muitos desses blogs são escritos por pessoas que não possuem formação jornalística. (Embora outros façam parte de veículos oficiais, como jornalistas que estão cobrindo à guerra.)”

Dessa forma, esses blogs especializados tornaram-se fontes para aqueles que, insatisfeitos com as notícias oficiais, buscavam outras opiniões e visões sobre o que ocorria.

Segundo Recuero (2003), um dos mais famosos warblogs é o de um suposto iraquiano que escreve com o pseudônimo “Salam Pax” em um blog intitulado “Where is Raed?”³⁵ onde mesclam-se relatos pessoais e notícias sobre o dia-a-dia da Guerra do Iraque II.

Ainda segundo Recuero (2006), outro importante warblog da época foi o do jornalista Christopher Albritton. Intitulado “*Back to Iraq 2.0*” tinha como objetivo angariar recursos via doações para que o jornalista pudesse viajar ao Iraque e relatar os acontecimentos desde uma “visão independente”. O que de fato aconteceu com o financiamento de seu irmão.

Um blog da época também famoso foi o de um combatente americano que identifica-se como Will, intitulado “*A minute Longer – A soldier’s tale*”³⁶ que relata as experiências pessoais do soldado no front.

³⁴ <http://www.pontomidia.com.br/raquel/warblogs.pdf>

³⁵ http://dear_raed.blogspot.com.br/

³⁶ <http://www.rooba.net/will/>

Houve ainda os blogs de empresas jornalísticas como o “*Reporter’s Log*” ligado a BBC de Londres.

Segundo Forletto (2009, p. 42) foi a partir de então que “muitas empresas passaram a estimular a criação de *weblogs* para seus colunistas, que adaptavam a dinâmica e o estilo dos *blogs* aos seus critérios jornalísticos”. Surgem então os vários blogs de jornalistas profissionais ligados a grandes empresas que passaram a incentivá-los a utilizar esse novo gênero já visto como um meio eficaz de contato com o público.

Ainda segundo o autor, paralelo à essa adoção dos blogs pelas grandes empresas jornalísticas surgem os primeiros blogs jornalísticos independentes criados por jornalistas e/ou pesquisadores acadêmicos interessados em novas perspectivas de cobertura jornalística ou eventos regionais. Começa então os que alguns denominam *webjornalismo* ou *ciberjornalismo* que segundo Díaz Noci (2005) se caracteriza pela presença de cinco características: interatividade, multimídia, hipertexto, assincronismo e memória.

6.2.6.3. A teorização sobre blogs jornalísticos

Desde o início pode-se dizer que a atividade jornalística nos blogs foi vista com certo receio pelos pesquisadores, preocupados com a possibilidade de qualquer pessoa divulgar notícias sem respeito à ética jornalística.

Wall (2004, on-line) chama a atividade jornalística dos blogs de *black market journalism* (mercado negro do jornalismo), chamando a atenção para a possibilidade de um jornalismo mais informal e diverso das pautas das grandes empresas jornalísticas. Por sua vez, Haas (2005) propõe o conceito de *folk journalism* (jornalismo popular), um tipo de jornalismo feito por pessoas não necessariamente especialistas que possuem interesses e práticas diferentes do jornalismo tradicional.

Para Orihuela (2006) só se pode denominar de blog jornalístico aqueles que respeitam as normas deontológicas, éticas e profissionais do meio jornalístico. Para o autor é a conduta do autor do blog que o define como jornalístico ou não e não o gênero digital em si. Tal como acontece no meio jornalístico tradicional.

Na mesma direção, Polaino (2007), divide os blogs de cunho jornalístico em *blogs* informativos e *blog* jornalísticos. Para ele só podem ser qualificados de blogs

jornalísticos aqueles que informam sobre fatos de interesse público, e seguem as normas básicas de redação e ética jornalística.

Para Lowrey (2006), uma das principais diferenças entre o jornalismo produzido nos *blogs* e o jornalismo tradicional é a relativa independência dos blogueiros com relação às organizações jornalísticas, o que Levy (1999) denominou de a liberação do polo emissor.

Outros analistas acreditam que o tipo de jornalismo desempenhado nos *blogs* jornalísticos está modificando o jornalismo tradicional através da possibilidade de uma interação mais efetiva com os leitores, a descentralização da notícia e a colaboração entre fontes difusas (GANS, 2003; MATHESON, 2004; BRUNS, 2005).

Segundo Foletto (2009, p. 49) as mudanças no jornalismo proporcionadas pelos *blogs* jornalísticos relacionam-se

a problemas centrais na deontologia jornalística, como o lugar da emissão da informação jornalística e quem deve ocupar este lugar e a maior pluralidade de vozes no momento da produção da notícia, como também nos processos de apuração, redação, edição e circulação das informações jornalísticas, assuntos que serão abordados nos próximos capítulos desta dissertação.

Foletto (2009) faz uma avaliação dos *blogs* jornalísticos em relação a quatro categorias que, segundo o autor, definem o *métier* jornalístico: a apuração, produção e circulação

Em relação à apuração Foletto (2009) distingue três tipos de *blogs* jornalísticos: aqueles em que apuração (dita tradicional) é feita da mesma forma (ou com mínimas diferenças) que no meio jornalístico tradicional, nesse caso, em geral, são aproveitadas informações recebidas diretamente de fontes ou obtidas em um outro processo de busca feito pelo autor no jornal onde trabalha.

Segundo Foletto (2009, p. 53-54) “São *blogs* caracterizados principalmente como colunas [de opinião] que migraram para web e se tornaram mais dinâmicas e interativas, com a possibilidade de atualização contínua e a possibilidade de inserção de comentários dos leitores”.

Um outro tipo são os *blogs* jornalísticos que adaptando-se ao meio digital procuram mais interatividade com seus leitores, aproveitam-se das ferramentas hipertextuais dos *blogs* para promoção e trabalham de forma cooperativa com outros *blogs*. Para Foletto (2009, p. 56) esse tipo de *blog* tem como característica “dar

visibilidade a notícias, eventos e fatos que não ganham relevância oportuna na mídia tradicional – ou que não ganhariam destaque num meio focado numa área específica”.

Um outro tipo de apuração dos blogs jornalísticos é aquele denominado complementar. Segundo o autor é aquele em que o jornalista utiliza o blog como um complemento a seu trabalho jornalístico tradicional. Em geral o autor aproveita-se de matérias publicadas em outro meio e pouco ou nada busca de informações novas.

Por fim há aqueles, a que o autor chama de apuração transparente, que seria os que recorrem aos links como forma de garantir mais credibilidade às notícias, demonstrando mais claramente a fonte. Segundo o autor, essa prática fundamenta-se nas práticas iniciais de blogagem quando os blogs serviam como listas de links considerados importantes pelo autor.

Assim o sistema de geração de conteúdo nos blogs jornalísticos é operado de uma forma que o autor chama de “generosa” no qual os links são partilhados, garantindo assim maior credibilidade ao meio frente os consumidores de blogs jornalísticos.

Em relação à edição, Foletto (2009) pondera que o processo de simplificação das práticas profissionais jornalísticas tem levado a uma maior personalização das publicações. Dessa forma, o pretense objetivismo dos meios tradicionais é trocado nos blogs jornalísticos por uma maior subjetividade justificada por uma pretensa transparência do jornalista.

Há nesse tocante um acúmulo de funções pelo jornalista que também é responsável pelos papéis antigos de repórter, revisor e editor.

Uma outra importante característica dos blogs nesse tocante é a oportunidade de o público, através das ferramentas próprias do blog, colaborar com a notícia. Dessa forma, as matérias perdem o caráter finalizado das publicações tradicionais e ganha-se em interatividade.

Lemos (1997) propõe uma classificação das diversas formas de interação que, acreditamos serve bem para a análise de blogs. Para o autor, há dois tipos de interação: à troca de informações entre homem-homem (interação social) e à troca entre homem-máquina (interação técnica). Dentro da interação técnica o autor conceitua a interatividade como sendo “uma ação dialógica entre o homem e a técnica”. Neste caso,

além de interagir com a máquina, o homem pode também interagir com o conteúdo, com a informação e até com outro homem.

Escobar (2007) propõe gradações diferentes para os níveis de interatividade entre o jornalista/ blogueiro e seu público:

Grau 0 — o jornalista/blogueiro não permite a publicação de comentários. Neste caso, pode ser que haja conversação com os internautas através da troca de e-mail, que no entanto seria não explícita, portanto, não pública.

Grau 1 - internautas comentam mas o jornalista/blogueiro não responde.

Grau 2 - internautas comentam, o jornalista/blogueiro responde mas não demonstra sofrer influência no que diz respeito a reconsiderar seus próprios posicionamentos e opiniões.

Grau 3 - internautas comentam, o jornalista/blogueiro responde e demonstra sofrer influência no que diz respeito a reconsiderar seus próprios posicionamentos e opiniões.

Grau 4 - internautas comentam, o jornalista/blogueiro responde, demonstra sofrer influência no que diz respeito a reconsiderar seus próprios posicionamentos e opiniões e ainda abre espaço para que leitores, ainda que eventualmente, ocupem espaço de destaque dentro de seu blog. (ESCOBAR, 2007)

Creemos que se de fato a interatividade é uma das características principais dos blogs jornalísticos, é necessário de fato investigá-la e certamente os níveis apresentados pela autora definem bem a troca realizada no interior do blog.

Enquanto estrutura, a hierarquização das notícias, possibilitada por estratégias textuais tradicionais como os *homes*, manchetes e destaques, é dispensada pelos blogs jornalísticos que organizam seus posts em função da ordem cronológica de atualizações.

Segundo Escobar (2009) essa nova organização das notícias pressupõe um novo papel de leitor, capaz de hierarquizar por si mesmo os textos segundo seus interesses e assuntos que julga relevantes .

Ainda com relação à organização das informações, segundo Foletto (2009), os blogs podem ser mais normatizados, ou seja, aqueles que seguem as fórmulas tradicionais de organização da notícia e menos normatizados, aqueles que aproveitam-se das especificidades do meio digital, especialmente a interação, e adaptam-se a essas características.

Em relação à circulação, Foletto (2009) pondera que os blogs quebram com a estrutura tradicional centralizada, com uma hierarquia rígida entre seus participantes. Dessa forma, a notícia era mais controlada e massificada por um grupo coeso, segundo seus interesses. Como salienta Foletto (2009, p. 90) “Este esquema se submetia a uma arquitetura central e hierárquica, onde poucos escolhiam o que muitos iam consumir.”

Em contrapartida, os blogs jornalísticos flexibilizam essa estrutura, permitindo a difusão das notícias via fontes diversas, apresentando o conteúdo como apenas parcialmente acabado devido à possibilidade de complementação pelos comentários e o confronto entre fontes diversas.

Para Escobar (2007) isso mexe com o conceito de notícia pelo fato de os ser possível narrar os acontecimentos à medida que vão se desenrolando, com novas informações publicadas continuamente, a qualquer momento. Cada atualização passa então a constitui-se como uma unidade informativa e, ao mesmo tempo, parte integrante de uma narrativa maior e mais completa sobre determinado fato. Tal fenômeno possibilita livrar-se da limitação de tempo imposta pelo *deadline*, podendo, caso seja necessário, mostrar além da informação divulgada, seus desdobramentos quase que instantaneamente.

Nessa perspectiva os links têm tripla funcionalidade nos blogs jornalísticos: servem para dar maior visibilidade ao blog na medida em que assegura-lhe mais circularidade no meio, entrelaça a notícia mostrando-a sob diversos ângulos e dá-lhes crédito e confiabilidade em um meio em que as garantias quanto fidedignidade das notícias é tão instável.

Nesse contexto, surgem indexadores como *Technorati*, *Digg*, *Blogger* e *Wordpress*³⁷ que agrupam e hierarquizam os blogs segundo critérios diversos. Há ainda outras formas para garantir visibilidade e viabilizar a circulação do conteúdo como o

blogroll até formas mais complexas como *RSS* e dos *widgets* *Digg*³⁸, *Delicious* e o *Twitter*.

Dessa forma, Foletto (2009) agrupa os blogs em dois tipos segundo a sua circulação: com sistema de circulação simples (só o *blogroll*) e complexos (com outros meios como *RSS* e *widgets*).

Como se pode perceber, os blogs têm se constituído com o passar do tempo em um gênero fundamental para o *métier* jornalístico, sendo hoje um de seus principais meios de divulgação de notícias diversas.

Acreditamos, contudo, que as formas como são concebidos os blogs jornalísticos depende do grau de profissionalismo de seu autor. Assim, resolvemos dividir os blogs jornalísticos em três tipos:

- Blogs jornalísticos profissionais: em que o autor é um jornalista profissional ligado a alguma empresa jornalística;
- Blog jornalístico semi-profissional: em que o autor é formado em jornalismo, contudo, não tem seu blog ligado a uma empresa jornalística;
- Blog jornalístico amador: em que o autor não é formado em jornalismo, mas mantém um blog jornalístico, respeitando os padrões éticos jornalísticos.

Posto isso, a seguir, analisaremos alguns blogs desses três tipos, recorrendo a alguns dos conceitos há pouco discutidos. Nosso objetivo é chegarmos a algumas características próprias de cada tipo e a algumas características gerais dos blogs jornalísticos.

6.2.7. Análise de alguns blogs jornalísticos

Se em um blog pessoal o grande problema é a visibilidade, nos blogs jornalísticos profissionais, o problema que se impõe é outro: a credibilidade. Ainda que ligados a grandes conglomerados empresariais, mesmo jornalistas experientes se veem

³⁸ As informações mais votadas sobem na hierarquia da página, o que as fazem circular mais pela rede do *Digg* e ampliam o número de pessoas que tem acesso àquelas informações.

às voltas com esse problema. Segundo demonstraremos, esse problema é advindo do caráter mais pessoal que adquire o blog, visto em geral levar o próprio nome de quem o administra.

Ricardo Noblat, em post publicado em 01/06/2006 revela que:

É bem mais arriscado ser jornalista blogueiro do que simplesmente jornalista. Porque em um jornal, por exemplo, o erro tem vários pais - o repórter, o editor, o chefe da redação... Por ter muitos pais, ele não pesa nas costas de ninguém sozinho. Aqui, não. O erro só tem um pai. E quando ocorre, o mundo desaba na cabeça do responsável. Jornalista de jornal, rádio e televisão é protegido das críticas pelo pouco espaço que os veículos abrem para a opinião do distinto público. E pela distância segura que o jornalista mantém do distinto público. Aqui, não. As críticas são imediatas, duras e por vezes injustas. E nada ou pouca coisa separa o blogueiro dos leitores. (Apud. SATUF, 2008. P. 06)

Essa é uma característica que impõe aos autores de blogs jornalísticos lidarem com uma aparente contradição: o caráter subjetivo de suas publicações e a tendência impessoal comumente atribuída ao jornalismo profissional.

Em seguida passaremos a analisar como essas características e o propósito comunicativo afeta aos diversos tipos de blogs jornalísticos.

6.2.7.1. Blogs jornalísticos semi-profissionais

Por blogs jornalísticos semi-profissionais entendemos aqueles em que o autor é formado em jornalismo, contudo, não tem seu blog ligado a uma empresa jornalística. Esse fato cremos ser importante pois uma vez não tendo ligação com empresas jornalísticas, os autores parecem expor de forma mais pessoal suas ideias, não tendo uma linha editorial por trás que limite seus argumentos.

Um exemplo colhido ao acaso é o blog” jornALIZta” do qual copiamos a tela abaixo:



FIGURA 30 - EXEMPLO 01 DE BLOG JORNALÍSTICO

(Fonte: <<http://jornalizta.blogspot.com.br>>)

O nome do blog já antecipa se tratar de uma espécie de jornalismo mais informal. A autora insere em meio à palavra “jornalista” seu nome: “aliz” em caixa alta, o que resulta em uso não padrão calcado sobre a estrutura fonética da palavra base.

Tal como já dito por Foletto (2009) sobre o subjetivismo nos blogs jornalísticos, o blog em questão aborda os temas de forma bastante subjetiva e informal, comentando sobre temas diversos desde política à moda feminina, segundo os interesses da própria autora que é única responsável por todas as etapas para a publicação, desde a escolha da pauta até a revisão.

Estruturalmente falando, o blog se organiza a partir da ordem cronológica inversa dos posts. Em uma cópia de sua página de abertura do dia 22/03/2012, podemos perceber à direita o blogroll: lista de blogs seguidos pela autora. Como já dito por Primo e Recuero (2003) este é um artifício bastante usado para garantir maior visualização para o blog. Nesse caso, ferramenta essencial para quem quer ganhar maior visibilidade no meio, haja visto não ser o blog da autora ligado a nenhuma empresa jornalística.

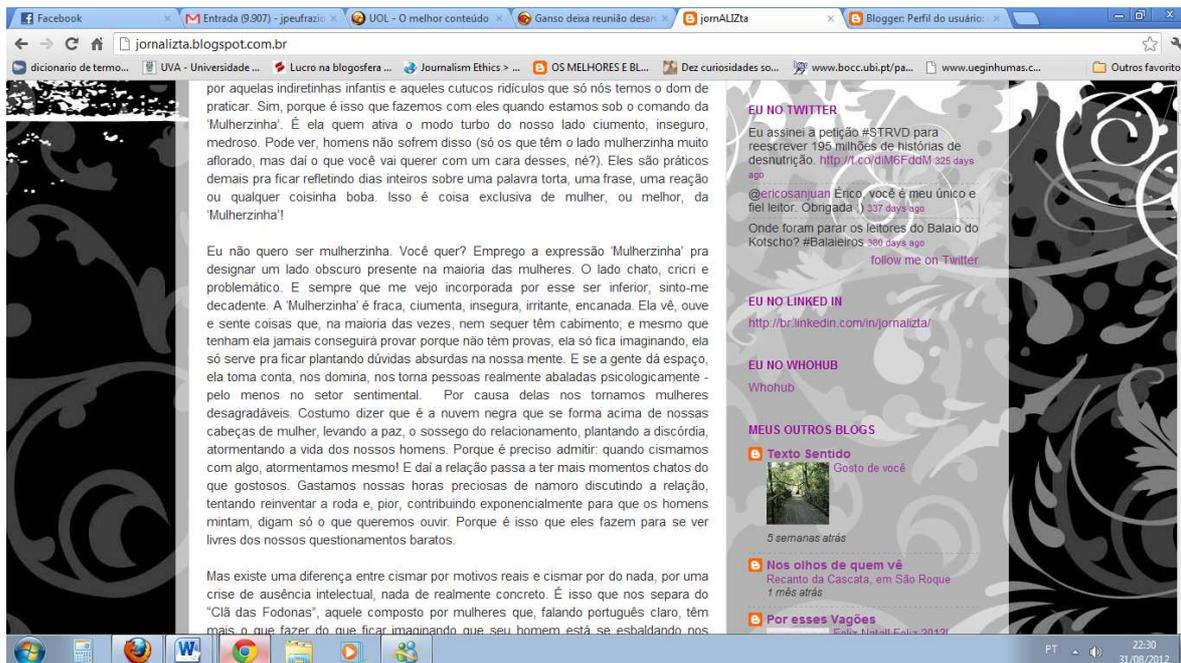


FIGURA 31 - EXEMPLO 02 DE BLOG JORNALÍSTICO

(Fonte: <<http://centraldascuriosidade.blogspot.com.br/>>)

Em geral, esse blogroll é formado a partir da troca de linkagem entre os blogs, formando o que Primo e Recuero (2003) denominam webring, ou seja, conjuntos de blogs por vezes formado a partir de interesses comuns ou mesmo como modo de em conjunto atrair a atenção de visitantes. Em um dos comentários para uma das publicações de Aliz outro autor de blog sugere a linkagem entre si, vejamos:



FIGURA 32 - EXEMPLO 03 DE BLOG JORNALÍSTICO

(Fonte:

<<http://www.blogger.com/comment.g?blogID=3892373729333336847&postID=5424708847670111856>>)

Tal como costuma acontecer nesse meio, o autor possui mais de um blog, segundo seus interesses pessoais e profissionais. Contudo, sabendo se tratar o blog da Aliz de um blog jornalístico semi-profissional, sugere o intercâmbio entre este e um blog seu, de cunho noticioso, intitulado “centraldascuriosidade”.

Como já dito, esse é um meio de ganhar maior visibilidade atuando em conjunto. Pode-se perceber, através desse comentário, a consciência que muitos têm de que esse conjunto deve ser orientado por temas comuns, o que atrairia leitores com afinidade.

Uma outra característica estrutural do blog de Aliz é disponibilização da ferramenta de comentários, contudo, o número de visitantes que comentam as matérias é pequeno, sendo poucas as publicações que têm comentários.

Uma das que têm maior número é a que copiamos abaixo uma parte da tela, intitulada “boicote declarado ao novo programa do Dr. Drauzio Varela”.



FIGURA 33 - EXEMPLO 04 DE BLOG JORNALÍSTICO

(Fonte: <<http://jornalizta.blogspot.com.br/2010/08/boicote-declarado-ao-novo-programa-do.html>>)

Neste post a autora incita a um boicote público de uma série do Dr. Drauzio Varela, ida ao ar no fantástico e intitulada “É bom pra quê?”. Nela o médico pretendeu contestar a eficácia de remédios caseiros a partir de plantas medicinais. Para a autora, a matéria é tendenciosa e procura enaltecer os remédios laboratoriais, acusando mesmo o médico de preconceito contra a medicina popular ao dizer que: “Eu diria que beira o preconceito, mas não, ali, o preconceito é declarado mesmo”..

Nos comentários percebe-se o interesse de pessoas à procura de visões alternativas às veiculadas pelas grandes emissoras, como segue abaixo:



FIGURA 34 - EXEMPLO 05 DE BLOG JORNALÍSTICO

(Fonte:)

Cacá, por exemplo, diz que “Eu quero acompanhar esta matéria. Talvez ela bote por terra a credibilidade que eu deposito nesse cara.”, enquanto FPS3000 denomina a emissora globo de “platinada poderosa”.

Isso nos mostra que tal como dito por Lowrey (2006) e Levy (1999) a independência de alguns blogs não ligados às grandes empresas jornalísticas faz com que ganhem importância como meios de publicação de notícias e opiniões laterais às que normalmente são veiculadas pelos grandes canais de mídia.

Vale ressaltar que embora disponibilizando a ferramenta de comentários, a autora do blog não interage com seu público, pelo que poderíamos enquadrar o nível de interatividade desse blog no grau 1 entre os propostos por Escobar (2007).

O apelo maior está na linguagem altamente subjetiva da autora que usa de termos populares como: “Ora! Ciência, pra cima de moi?” e até de acontecimentos pessoais em sua argumentação ao contar sobre sua perda da mãe.

Pode-se perceber de fato que o blog jornalístico de caráter semi-profissional herdou do blog pessoal esse caráter subjetivo de divulgação das ideias, e autopromoção.

Ou ainda pode-se hipotetizar que nesse sentido o blog jornalístico transmuta características de gêneros jornalísticos tradicionais mais subjetivos como o editorial e a coluna, tal como já proposto por Foletto (2009)

Há ainda à direita da do blog uma seção “quem sou eu” em que se pode conhecer um pouco mais sobre a autora e outros meios de contato com ela como: twitter, linked in etc, meios esses para mais uma vez buscar maior visibilidade e autopromoção.

Um outro exemplo de blog jornalístico semi-profissional é o blog “altino”, mantido por um ex-repórter de jornais como O Estado de S. Paulo, Jornal do Brasil e Folha de S. Paulo. Sua temática principal é comentar sobre seu estado, o Acre, sobretudo, em relação a temas ambientais.

Tal como o blog anterior, o blog de Altino Machado estruturalmente apresenta-se em torno de posts organizados em ordem cronológica inversa, apresenta à direita o blogroll e apresenta ainda outras ferramentas para a sua circulação como o Google Friend Connect, uma ferramenta que permite que se forme, a partir da aceitação de linkagem de sua conta google com o blog, uma rede de leitores que se tornam assim “mais fidelizados”. Há ainda o Real-time view que é uma ferramenta que mostra as últimas visitas ao blog demonstrando o lugar de onde estão se conectando os visitantes, como pode-se ver na tela abaixo:



FIGURA 35 - EXEMPLO 06 DE BLOG JORNALÍSTICO(Fonte:

<<http://altino.blogspot.com.br/>>)

Tal como Aliz, há aqui um forte apelo subjetivo, a começar pelo nome do blog que remete diretamente ao nome próprio de seu autor. Mais uma vez aqui, o autor disponibiliza a ferramenta de comentários, contudo, tal como no blog anteriormente analisado, este também tem poucos comentários deixados pelos visitantes.

Um exemplo é o post seu do dia 31/07/2012 sobre o “crime da motosserra”, como ficou conhecido o caso de um grupo de extermínio que atuava no norte do país com participação de diversos agentes públicos como o ex-deputado Hildebrando Pascoal.

Abaixo temos a cópia de uma parte desse post:

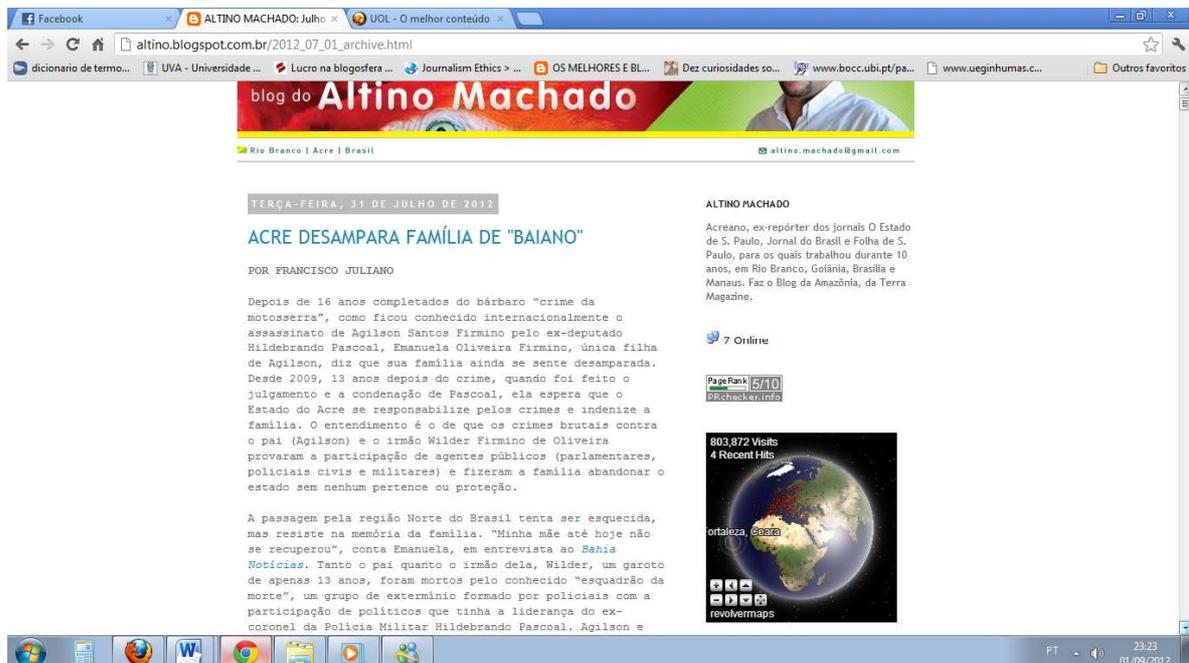


FIGURA 36 - EXEMPLO 07 DE BLOG JORNALÍSTICO

(Fonte: <http://altino.blogspot.com.br/2012_07_01_archive.html>)

Como pode-se perceber pela marcação em azul, temos aqui um caso claro do que Foletto (2009) denominou de “forma generosa” de circulação de notícias entre os blogs. Nesse caso Altino utiliza informações do *Bahia Notícias* e oferece seu link, caso o leitor queira confrontar as versões ou acessar diretamente a fonte. Tal estratégia, tal como já comentado com Foletto (2009), é uma forma de dar mais transparência e

credibilidade à notícia, demonstrando diretamente sua fonte, o que consiste em uma estratégia bastante utilizada.

Tal como no blog anteriormente analisado, os comentários são poucos, como no exemplo desse post em que temos até o momento dessa pesquisa apenas dois comentários, como podemos observar na tela abaixo:



FIGURA 37 - EXEMPLO 08 DE BLOG JORNALÍSTICO

(Fonte: <<http://altino.blogspot.com.br/2012/07/acre-desampara-familia-de-baiano.html>>)

Interessante perceber que entre os comentários está um de Emanuela Firmino, uma das personagens da própria notícia, o que nos indica o poder de feedback oferecido pelos blogs jornalísticos, ao contrário dos meios tradicionais em que quase não há ou é de difícil execução essa espécie de feedback. Infelizmente também aqui não há interação entre o autor do blog e seus leitores que comentam sozinhos a notícia. Temos aqui mais uma vez o grau 1 de interatividade, tal como proposto por Escobar (2007).

Pode-se perceber, comparando esses dois exemplos, que os blogs jornalísticos semi-profissionais buscam meios outros para promover sua circulação, desenvolvem uma espécie de jornalismo lateral, comentando notícias “oficiais” com uma linguagem bastante subjetiva. Há a disponibilização da ferramenta de comentários, mas além de

poucos os comentários deixados pelos leitores, não há continuidade nas discussões, o que indica grau 1 de interatividade (ESCOBAR, 2007) e indica-nos que essa potencialidade tão importante nos blogs está sendo aqui subutilizada. Há o apelo pela circulação da informação através de compartilhamento de links entre si, o que serve tanto para a maior credibilidade e transparência nas fontes como um meio para a autopromoção dos autores.

Esses dois exemplos constituem parte da amostra que resolvemos coletar afim de dar um tratamento estatístico semelhante ao já apresentado por ocasião da análise dos blogs pessoais. Nesse caso, escolhemos ao acaso 15 blogs de caráter semi-profissional e buscamos verificar a influência do propósito comunicativo de informar, comentar e interpretar um acontecimento, sobre o gênero blog jornalístico, verificando sua estrutura, temas e estilo.

Quanto à estrutura identificou-se os seguintes itens e sua distribuição quantitativa:

Características estruturais	Quantidade	Total	Porcentagem
Ordem cronológica inversa dos posts	10	15	67%
Ferramenta de comentários	15	15	100%
Trackback	12	15	80%
Blogroll	15	15	100%
Ferramentas sociais	14	15	93%
Descrição pessoal	13	15	87%
Contagem de visitantes	9	15	60%

Pode-se perceber que ao contrário dos blogs pessoais, os blogs jornalísticos semi-profissionais não têm na ordem cronológica inversa de seus posts como uma constante. Contudo, elementos como as ferramentas de comentários, trackback e blogroll são partes constantes em sua estrutura. Pode-se perceber claramente que a importância dada à contagem de visitantes é bem menor se compara ao blog pessoal, isso deve-se, acreditamos, ao fato de que aqui o interesse maior é fazer circular as notícias e opiniões veiculadas pelo blog e não exatamente, ainda que exista em um certo grau, buscar a auto-promoção.

Para a análise dos temas encontrados, resolvemos delimitar nossa amostra às 3 últimas postagens na data de coleta para cada um dos 15 blogs pesquisados. Com base nisso, obteve-se o seguinte quadro:

Temas	Quantidade	Percentagem
Arte	1	2%
Política	8	18%
Entretenimento	22	49%
Links de posts de outros blogs	2	4%
Links de posts de outros gêneros	3	7%
Esportes	3	7%
Diversos	6	13%
Total	45	

Como se pode perceber o tema principal dos blogs jornalísticos semi-profissionais é o entretenimento, provavelmente como estratégia para lograr mais leitores que, tal como já dito anteriormente, ainda veem com certa ressalva a veiculação em blogs de notícias sobre política, economia etc. Dessa forma, temas mais amenos abrem espaço para uma gama de visitas e comentários mais extensa, o que é, como já discutimos anteriormente, um meio para lograr maior visibilidade e status dentro da comunidade.

Quanto ao estilo

Posicionamento do autor	Quantidade	Percentagem
Subjetivo	40	89%
Impessoal	5	11%
Total	45	

Grau de formalidade	Quantidade	Percentagem
Formal	24	53%
Informal	21	47%
Total	45	

Elementos hipertextuais	Quantidade	Percentagem
Imagens estáticas	14	31%
Vídeos	18	40%
Apenas som	0	0%
Apenas linguagem verbal	13	29%
Total	45	

Quanto o estilo, pode-se perceber o predomínio do subjetivismo, uma alternância entre o grau formal e informal e um uso mais intenso de elementos hipertextuais como estratégia para o incremento dos textos. Deve-se isso a um menor grau de profissionalismo desse tipo de blog que busca refletir mais abertamente a opinião pessoal de seu autor.

Em nossa análise estatística sobre os blogs jornalísticos sigamos com a análise dos blogs jornalísticos amadores.

6.2.7.2. Blogs jornalísticos amadores

Por blogs amadores, entendemos aqueles em que o autor não é formado em jornalismo, mas mantém um blog jornalístico, respeitando os padrões éticos jornalísticos.

Um exemplo desse tipo é o “blogdopaulinho”, um blog especializado em esportes, contudo, além de publicar sobre resultados, torneios etc, o autor faz o tipo jornalismo denúncia, publicando notícias sobre supostos escândalos dos bastidores esportivos brasileiros. Temos então mais um caso de jornalismo paralelo, desempenhado por blogs com o interesse de divulgar notícias não veiculadas pela “imprensa oficial”.

Em um post seu de 31/07/2012, por exemplo, o autor publica uma notícia sobre uma suposta funcionária do Comitê Olímpico Brasileiro que estaria vendendo ingressos das olimpíadas, como pode ser parcialmente visto abaixo:



FIGURA 38 - EXEMPLO 09 DE BLOG JORNALÍSTICO

(Fonte: <<http://blogdopaulinho.wordpress.com/2012/07/>>/)

Mais uma vez temos aqui a linkagem como estratégia de confiabilidade das fontes, uma vez que essa denúncia foi primeiramente feita pelo blog Alberto Murray Olímpico. Tal como os anteriormente analisados, nesse também temos uma linguagem subjetiva como na passagem “ Uma vergonha ! Embora, por motivos óbvios, não nos tenha ocasionado nenhuma surpresa.”

Estruturalmente falando o blog também se desenvolve a partir da ordem cronológica inversa de seus posts. À direita o link para as postagens anteriores, o

blogroll e uma outra ferramenta para sua circulação, nesse caso a opção curtir em que ao clicar, o leitor divulga o blog em seu facebook.

Como não se trata de um blog angariado por empresas jornalísticas, o blogdopaulinho recorre a meios de auto sustentar-se como a possibilidade de fazer uma doação ao blog, através de um site especializado em comercializações online e alguns anúncios publicitários, como podemos ver na tela abaixo:



FIGURA 39 - EXEMPLO 10 DE BLOG JORNALÍSTICO

(Fonte: <<http://blogdopaulinho.wordpress.com/2012/07/>>)

Um outro bom exemplo de blog amador é o “granjanoticiaonline” onde são publicadas notícias sobre a cidade cearense de Granja. Aqui temos um caso interessante, mas comum entre os blogs jornalísticos: o uso desses blogs como meios de divulgação de notícias em pequenas cidades onde não haja ou é incipiente a circulação de jornais convencionais.

Tal como os outros blogs analisados, estruturalmente falando o blog em questão apresenta-se organizado em torno da ordem cronológica inversa de seus posts. À direita temos o blogroll, como podemos ver na tela copiada abaixo:



FIGURA 40 - EXEMPLO 11 DE BLOG JORNALÍSTICO

(Fonte:)

Interessante observar que esse blogroll é formado na maioria dos casos a partir da linkagem do blog com outros blogs de cidades cearenses, entre elas Camocim, Barroquinha, Canindé e Chaval. Observando esses blogs linkados no blog de Granja, verificamos que esses outros também linkaram o blog granjanotícias, o que pode ser configurado como um webring (PRIMO E RECUERO, 2003), ou seja, um círculo de blogs com temas comuns, no caso a veiculação de notícias de pequenas cidades cearenses.

Mais uma vez vemos a circulação “generosa” (FOLETTTO, 2009) como uma estratégia para a valorização do blog em termos de confiabilidade e transparência. Como exemplo temos o post abaixo sobre um acidente de ônibus acontecido a meio caminho entre Camocim e Granja.



FIGURA 41 - EXEMPLO 12 DE BLOG JORNALÍSTICO

(Fonte: <<http://granjanoticiaonline.blogspot.com.br/2012/06/onibus-da-fretcar-que-saiu-de-camocim.html>>)

Aqui temos a divulgação da notícia sobre um acidente de ônibus ocorrido em um distrito próximo à Camocim-CE veiculada pelo blog de Granja, que na falta de enviados ao local, recorre a informações do blog de Camocim, de onde saiu o ônibus. Assim, tem-se maior confiabilidade na notícia e ao mesmo tempo mais rapidez, uma vez que não é necessário o deslocamento de uma equipe para o local.

Estruturalmente, há ainda à direita outros meios para a circulação do blog como as ferramentas “seguir” e “curtir” em que o leitor utiliza sua página do facebook para divulgar o blog, o que visa a uma fidelização de leitores, o twitter do blog e alguns patrocinadores, formados por pequenos comércios locais.

Como pode-se perceber, embora feitos por pessoas não formadas em jornalismo, os blogs jornalísticos amadores buscam um caráter jornalístico na veiculação de notícias, atendendo aos critérios éticos da comunidade e por isso incluídos em nossa análise.

No tratamento estatístico desse tipo de blog jornalístico resolvemos selecionar 15 blogs ao acaso verificando uma vez mais a influência do propósito comunicativo dos blogs jornalísticos sobre suas características.

Características estruturais	Quantidade	Total	Porcentagem
Ordem cronológica inversa dos posts	15	15	100%
Ferramenta de comentários	15	15	100%
Trackback	7	15	47%
Blogroll	15	15	100%
Ferramentas sociais	15	15	100%
Descrição pessoal	15	15	100%
Contagem de visitantes	15	15	100%
RSS	0	15	0%

Quanto à estrutura composicional, percebe-se que novamente há um predomínio da ordem cronológica inversa na publicação de posts e a alta ocorrência das ferramentas de comentários, blogroll, ferramentas sociais, descrição pessoal e contagem de visitantes, o que o aproxima da estrutura básica dos blogs pessoais.

Em relação aos temas veiculados, selecionamos os três últimos posts de cada blog analisado na data de coleta da amostra.

Temas	Quantidade	Porcentagem
Arte	1	2%
Política	14	31%
Entretenimento	10	22%
Links de posts de outros blogs	9	20%
Links de posts de outros gêneros	4	9%
Esportes	3	7%
Diversos	4	9%
Total	45	

Como se pode perceber há uma maior variabilidade na ocorrência dos temas o que, acreditamos, ocorre pelo caráter diversificado desse tipo de blog que, como vimos, atende a muitos interesses desde a veiculação de notícias regionais até uma espécie de denúncia ou jornalismo paralelo.

Por fim, em nossa análise sobre os blogs jornalísticos amadores, vejamos a influência do propósito comunicativo no estilo desse tipo de blog jornalístico. Nesse caso, uma vez mais, selecionamos os três últimos posts de cada blog analisado na data de coleta da amostra. Abaixo temos uma tabela em que é mostrado algumas características estilísticas como posicionamento do autor, grau de formalidade e uso de recursos hipertextuais.

Posicionamento do autor	Quantidade	Percentagem
Subjetivo	45	100%
Impessoal	0	0%
Total	45	

Grau de formalidade	Quantidade	Percentagem
Formal	29	64%
Informal	16	36%
Total	45	

Elementos hipertextuais	Quantidade	Percentagem
Imagens estáticas	21	47%
Vídeos	12	27%
Apenas som	0	0%
Apenas linguagem verbal	12	27%
Total	45	

Como pode-se perceber, nos blogs jornalísticos amadores o estilo é predominantemente subjetivo, contudo formal e com uso intenso de recursos hipertextuais. Isso deve-se, acreditamos, a um dupla característica desse tipo de blog: por um lado mantém características de blog pessoal pelo caráter subjetivo de suas

publicações, por outro lado, busca aproximar-se da forma mais profissional dos blogs jornalísticos profissionais através do uso de linguagem formal e de recursos hipertextuais.

Por fim, vejamos como o propósito comunicativo afeta os blogs jornalísticos profissionais, último dos três tipos de blogs jornalísticos elencados por nós anteriormente.

6.2.7.3. Blog jornalístico profissional

Por blog jornalístico profissional entendemos aqueles blogs em que o autor é um jornalista profissional ligado a alguma empresa jornalística. Tal fato torna-se relevante uma vez que ligado a uma empresa, o jornalista tende a assumir a linha editorial prevista e, portanto, isso torna o blog menos pessoal, embora, em muitos casos, haja um grau acentuado de subjetividade nas postagens.

Tomemos como ponto de partida o “blog do Noblat”, administrado pelo jornalista Ricardo Noblat e frequentemente citado entre os melhores blogs jornalísticos do país³⁹ do qual copiamos a tela abaixo para nossas explicações:



FIGURA 42 - EXEMPLO 13 DE BLOG JORNALÍSTICO

(Fonte:)

³⁹ C.f <http://babelpontocom.blogspot.com/2010/08/blog-day-2010-babel-indica-blogs.html>

Como qualquer blog, pode-se perceber que esse gênero se desenvolve a partir dos posts, que ocupam a parte central da página. À direita temos uma coluna, geralmente preenchidas pelo chamado blogroll, lista de blogs associados que passam a formar os webrings (cf. PRIMO E RECUERO, 2003). No caso analisado, nota-se a ausência do blogroll, fato bastante corriqueiro em blogs de grandes jornalistas. Logicamente por estarem já situados dentro de grandes conglomerados jornalísticos (no caso O Globo) e terem uma audiência advinda de outros meios (televisivo, impresso etc), muitos deixam de linkar outros blogs, estratégia corriqueira para quem necessita de audiência.

No caso de Noblat, há apenas uma pequena lista, à esquerda, com links para outros colunistas da empresa, como pode-se perceber na figura abaixo:

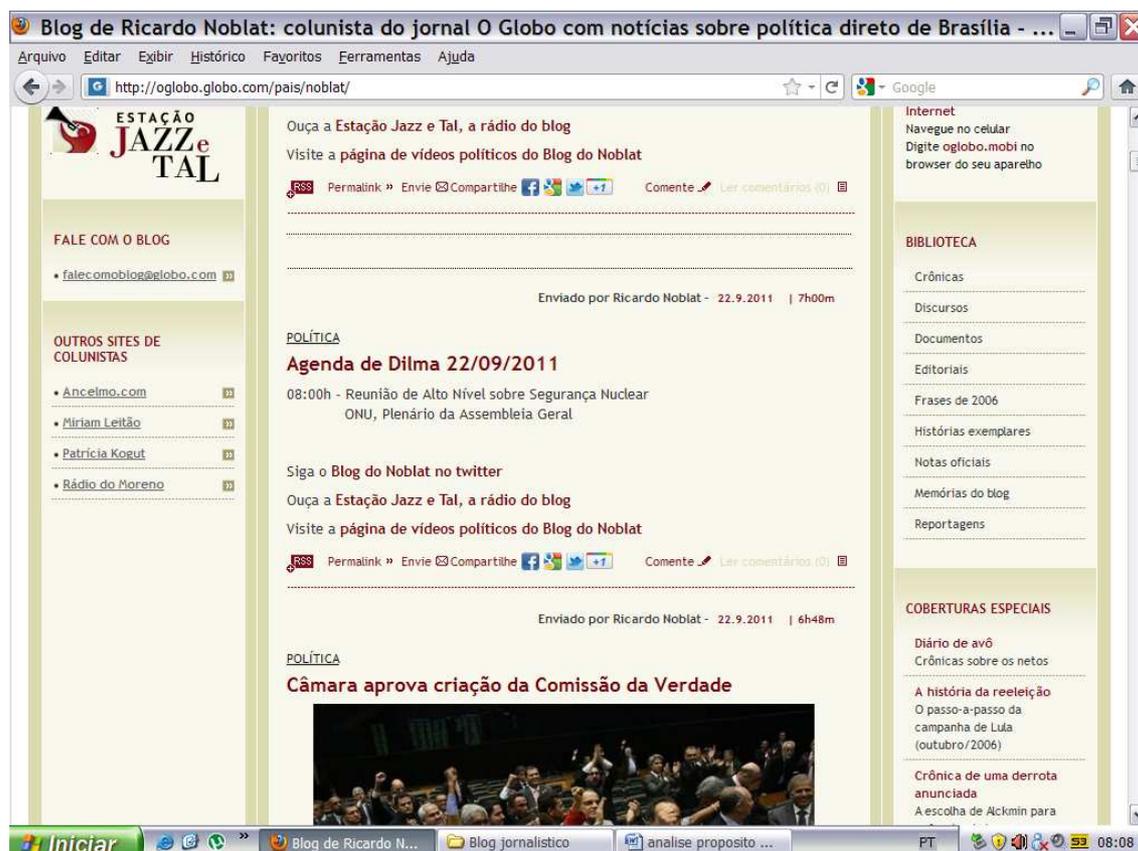


FIGURA 43 - EXEMPLO 14 DE BLOG JORNALÍSTICO

(Fonte:)

Em busca de um padrão, o blog de Noblat orienta-se por uma recorrência de algumas seções, além dos posts corriqueiros. A primeira delas é a vista na tela acima:

“música do dia” na qual o jornalista sugere uma música e disponibiliza um player para que o leitor possa ouvi-la. Há ainda alguns comentários sobre a música e seu(s) autor(es) e cantor(es) bem como explicações do porquê da escolha. Pode-se perceber outra que segue sempre logo acima de qualquer post, intitulada: a frase do dia, geralmente proferida por alguma personalidade, convidando o leitor a refletir, questionar e participar.

À esquerda, pode-se perceber mais uma seção do blog: a obra-prima do dia, na qual é selecionada alguma obra de arte (pinturas, fotografias etc) e a partir dela são feitos comentários.

Pode-se perceber que com essa disposição mais fixa, o autor enfatiza o caráter diário de suas postagens, variando o tema e assim atraindo de outras maneiras a atenção do público. Note-se também, que a cada seção dessas, há um espaço para os comentários do público, o que enseja mais e mais a participação dos leitores pela diversificação dos temas, acrescentando-se assim mais seguidores que buscam o blog, tanto para leitura como para *clippig*.

Vejamos então mais um de seus posts e os comentários dos leitores:

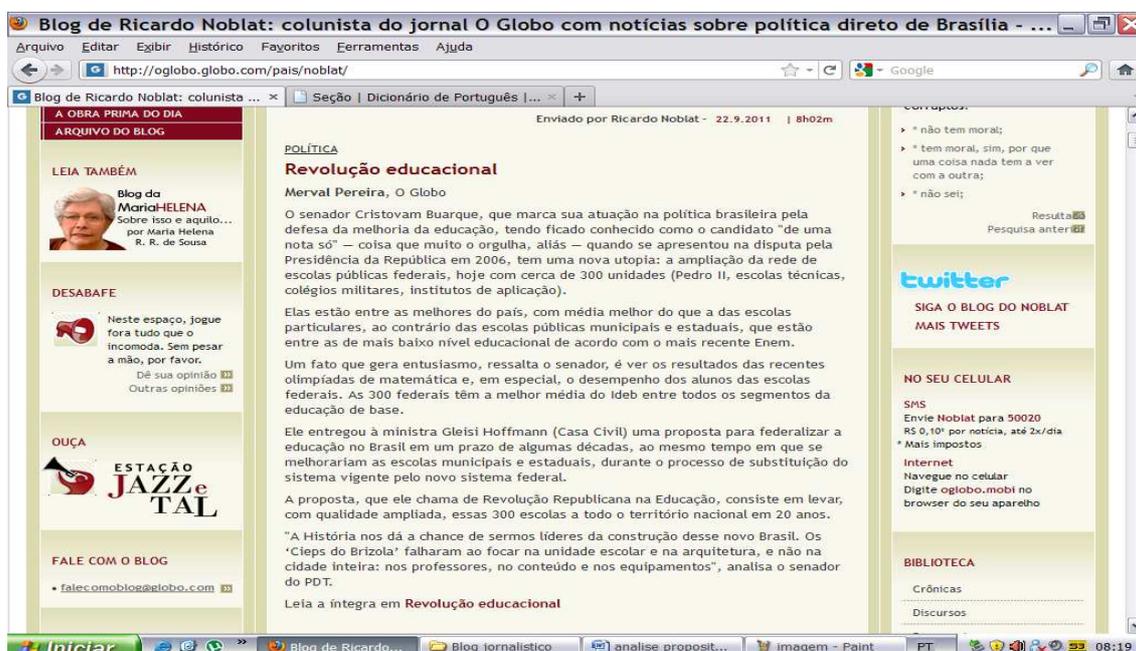


FIGURA 44 - EXEMPLO 14 DE BLOG JORNALÍSTICO

(Fonte:)

Nome: odemir antonio olivatti - 22/9/2011 - 8:08

Criticou a barreira comercial.. mas dias antes aumentamos o IPI para carros importados. Só vale para os outros ?

[Este comentário é ofensivo ou inapropriado?](#)

[Denuncie aqui](#)

Apelido: navegandi - 22/9/2011 - 7:29

É impressionante a humildade e a simplicidade na resposta depois de ser apludida de pé por todos os líderes mundiais presentes. Só quem não aceita é a imprensa do país que intitula mulheres frutas de celebridades e participantes do big brother de nossos heróis. Fazer o quê? Só nos resta protestar na marcha dos engomadinhos.

[Este comentário é ofensivo ou inapropriado?](#)

[Denuncie aqui](#)

Nome: Cleide Bragliollo - Email - 22/9/2011 - 5:43

Bem apropriado.
Afinal essa é a perguntinha que geralmente se faz a alguém depois de f@#%-la.

[Este comentário é ofensivo ou inapropriado?](#)

[Denuncie aqui](#)

Apelido: WF_Jr - 22/9/2011 - 5:21

E aí, Dilma?? Foi bom pra vc também??? huahuahua

[Este comentário é ofensivo ou inapropriado?](#)

[Denuncie aqui](#)

Apelido: AntipáticoSA - 22/9/2011 - 1:45

Tá duro hein, Noblat. Isso mal se classifica como uma frase. Coloca outra do Lula vai, porque essa aí não rende.

[Este comentário é ofensivo ou inapropriado?](#)

[Denuncie aqui](#)

FIGURA 45 - COMENTÁRIOS DE BLOG JORNALÍSTICO

(Fonte:)

Essa ferramenta de comentário, muito própria dos blogs (embora outros gêneros tenham-na utilizado depois), permite não só a simples participação do leitor, mas, sobretudo, a criação de um verdadeiro instrumento de debate acerca do texto fonte que passa a ser ressignificado a partir da contribuição da audiência. Pode-se perceber ainda nos comentários acima o caráter de diálogo, como entre Cleide Bragliollo e WF_Jr e o diálogo mais direto entre o jornalista e seu leitor-comentarista como em AntipáticoSA.

Refletindo sobre isso, Satuf (2008, p.?) comenta que

Enquanto os veículos tradicionais se caracterizam pelo monopólio da voz pública a partir de uma difusão centralizada, alguns espaços advindos da comunicação mediada por computador “são meios participativos nos quais a informação, e por associação o jornalismo, define-se como uma conversação” (VARELA, 2007, p.54). Os leitores continuam consumindo informação, mas também produzindo significados ao agir diretamente no local de publicação do material jornalístico.

Fato curioso no blog de Noblat é a seção intitulada “calçada da fama”, na qual o jornalista utiliza dos comentários enviados por seus leitores para construir um post, estimulando seus leitores à participação de forma que um dia possa figurar na referida seção. Vejamos um exemplo:



FIGURA 46 - EXEMPLO 15 DE BLOG JORNALÍSTICO

(Fonte:)

Aqui o que era comentário passa a ser post e gerará outros comentários, alimentando assim a discussão e a participação daqueles que não são mais simplesmente leitores.

Por fim, uma outra seção do blog é intitulada “Desabafe”, na qual qualquer um pode postar não comentários sobre algum texto fonte, mas expressar-se mais livremente, criando assim novos tópicos que ensejam novos comentários e assim acrescentam ainda mais a interatividade do gênero.

Com tudo isso, pode-se perceber que o blog analisado visa fornecer mecanismos de participação constante, atraindo assim aqueles que já não se conformam mais em

apenas consumir os fatos, mas desejam participar de sua construção, expressar-se ou como bem reflete Varela (2007, p. 53) sobre a relação entre fatos noticiados e público “quase não há ninguém que queira se manter informado e ficar calado”.

Tais características são em geral recorrentes em blogs jornalísticos profissionais em que o autor é, muitas vezes, auxiliado por uma equipe que pode auxiliá-lo na escolha de estratégias para o gênero e na obtenção de notícias e fontes.

Tal como já feito em outros tipos de blogs, também com os blogs jornalísticos profissionais recorreremos a um tratamento estatístico de uma amostra de 15 blogs escolhidos aleatoriamente e analisados segundo sua estrutura, temas e estilo, tal como comentaremos a seguir.

Características estruturais	Quantidade	Total	Porcentagem
Ordem cronológica inversa dos posts	13	15	87%
Ferramenta de comentários	15	15	100%
Trackback	1	15	7%
Blogroll	3	15	20%
Ferramentas sociais	13	15	87%
Descrição pessoal	2	15	13%
Contagem de visitantes	0	15	0%
RSS	15	15	100%

Do ponto de vista estrutural, os blogs jornalísticos profissionais caracterizam-se pela ordem cronológica inversa das postagens e a recorrência de ferramentas como a de comentário e RSS, formas utilizadas para fidelizar os leitores que muitas vezes já conhecem os autores de outros meios (televisão, rádio ou jornal impresso). Uma peculiaridade estrutural desse tipo de blog é a pouca utilização de ferramentas como o blogroll e o trackback, o que pode ser facilmente explicado uma vez que os autores não têm a preocupação de angariar audiência, em geral já fornecida pela própria empresa por meios diversos.

Temas	Quantidade	Percentagem
Arte	6	13%
Política	20	44%
Entretenimento	11	24%
Links de posts de outros blogs	1	2%
Links de posts de outros gêneros	2	4%
Esportes	4	9%
Diversos	1	2%
Total	45	

Quanto à temática, os blogs jornalísticos profissionais utilizam-se de temas de maior interesse para a coletividade, fato comum no meio jornalístico profissional. Em busca também de alguma diversificação, há ainda outros tipos de temas como entretenimento e esportes, por exemplo.

Estilo

Posicionamento do autor	Quantidade	Percentagem
Subjetivo	12	27%
Impessoal	33	73%
Total	45	

Grau de formalidade	Quantidade	Percentagem
Formal	43	96%
Informal	2	4%
Total	45	

Elementos hipertextuais	Quantidade	Porcentagem
Imagens estáticas	11	24%
Vídeos	7	16%
Apenas som	1	2%
Apenas linguagem verbal	26	58%
Total	45	

Por fim, quanto ao estilo, os blogs jornalísticos profissionais caracterizam-se por uma linguagem mais impessoal, alto grau de formalidade e uso frequente de recursos hipertextuais que nesse caso visam dar um tratamento mais digital às publicações, buscando diferenciá-las das publicações impressas.

Tudo isso posto, é hora de vermos com em termos gerais caracterizam-se os blogs jornalísticos profissionais entrecruzando esses três tipos analisados.

6.2.6.3. Conclusão sobre blogs jornalísticos

Percebe-se claramente que os blogs jornalísticos semi-profissionais possuem um grau elevado de semelhança com os blogs pessoais, o que acreditamos ser ocasionado pela tentativa de atrair para o jornalista a atenção sobre a notícia, uma vez que nesse caso, tais profissionais não encontram-se ligados a empresas jornalísticas e, muitas vezes, buscam para si uma auto-promoção.

Essa afinidade com os blogs pessoais decresce na medida em que a característica mais profissional acentua-se. É menos visível nos blogs amadores que, como visto, embora não tenham um jornalista profissional como seu autor, buscam assimilar as formas de veiculação profissional de notícias e distancia-se ainda mais se comparados os blogs pessoais aos blogs jornalísticos profissionais, os quais não têm o mesmo anseio de busca por visualização e audiência já que tem isso mais garantido pelas empresas que os mantêm.

Entendidas essas peculiaridades, pode-se contudo, chegar-se a uma estrutura composicional, tema e estilo mais característicos dos blogs jornalísticos enquanto gênero discursivo.

Do ponto de vista estrutural, os blogs jornalísticos mostraram uma menor incidência de ferramentas como o blogroll e trackback, menor uso de meios para a autopromoção dos autores como a descrição pessoal e menos incidência de ferramentas sobre o número e perfil de visitantes. Isso nos mostra que o objetivo maior de informar faz com que ferramentas que não atendem a esse princípio sejam menos utilizadas em prol de outras que visem fazer as notícias e as opiniões de seus autores circularem dentro da comunidade e fidelizar os leitores como o RSS e a ferramenta de comentários.

Quanto aos temas, vê-se uma busca por temas de interesse mais coletivo e uma maior variabilidade sobre seus tipos. Logicamente, o intuito de fornecer informações leva os autores a buscar aquelas mais relevantes, muitas vezes, sobre assuntos diversos.

Por fim, quanto ao estilo, há uma maior incidência de um estilo mais impessoal, embora muitas vezes recorra-se ao subjetivismo como forma de atrair e fidelizar leitores dando a opinião do próprio autor, o que parece um tanto contraditório com os princípios básicos de imparcialidade jornalística.

Há ainda quanto ao estilo uma recorrência maior de recursos hipertextuais o que, claramente deve-se ao fato de tentar respeitar o princípio jornalístico de mostrar a notícia com recursos diversos: fotos, vídeos e/ou sons

Em conjunto, vê-se que essas características dos blogs jornalísticos apresentam peculiaridades se comparadas às dos blogs pessoais o que ocorre, segundo nossa suposição, devido às características próprias do meio em que circulam, ou seja, da comunidade discursiva que faz uso desses gêneros, o que reforça nossa tese de que a apropriação do gênero por uma comunidade discursiva altera seu propósito comunicativo e sua constituição interna.

Buscando reiterar isso e fechando nossa sobre a formação constelar dos blogs, em seguida faremos uma análise sobre a comunidade discursiva acadêmica e sua relação com o blog pedagógico, última seção antes da nossa conclusão deste trabalho.

Capítulo 7

A comunidade discursiva acadêmica e os blogs acadêmicos

Assim como a comunidade discursiva jornalística, a CD acadêmica constitui-se como um grupo de cunho profissional no qual as relações, normas e valores são constituídos por regras escritas, embora, como todo agrupamento humano, haja acordos tácitos entre seus membros.

A apropriação da CD acadêmica dos blogs como parte de seu elenco de gêneros, tal como supúnhamos inicialmente, acabou por modificar o propósito desse gênero, o que o levou a algumas peculiaridades constitutivas que iremos demonstrar ao final dessa seção.

Iniciaremos demonstrando a ausência de trabalhos em que a comunidade acadêmica seja de fato descrita, embora muitos citem-na em trabalhos sobre gêneros acadêmicos. Em seguida buscaremos uma descrição desse grupo e por fim analisaremos como os objetivos desse grupo influencia na formação do propósito discursivo do gênero blog acadêmico e como, por sua vez, o propósito influencia a constituição interna desse gênero em relação ao seu plano composicional, tema e estilo. Passemos então à primeira parte dessa nossa tarefa nessa que é a última seção de nosso trabalho.

7.1. Quem já tratou sobre comunidade discursiva acadêmica

Muitos são os trabalhos que ao tratar sobre gêneros acadêmicos fazem uma correlação destes com o conceito de comunidade acadêmica. Contudo, trabalhos como

Bonini, Figueiredo (2006), Costa e Silva (2011) e Biasi-Rodrigues (1998), só para citar alguns, optam por não desenvolver suas descrições sobre este grupo e, acreditamos, deixam uma certa lacuna sobre na aplicação de um conceito, que como é ressaltado pelos próprios autores, é bastante caro a análise de gêneros de base sócio-retórica. Visando suprir um pouco essa ausência e cumprir nossos objetivos, faremos a seguir uma descrição sobre este grupo para depois relacionarmos suas características ao gênero objeto de pesquisa deste trabalho.

7.2. Nossa perspectiva de descrição da comunidade discursiva acadêmica

Com base na revisão do conceito de comunidade discursiva acadêmica de Lima (2008) faremos a seguir uma descrição da comunidade em questão, desde já cientes de que por ser constituída de múltiplos sub-grupos, segundo os mais diversos ramos do saber, a descrição torna-se ainda mais desafiadora e longe de esgotar-se em uma seção como essa. Dessa forma, deixamos uma hipótese que pode ser tratada em outros trabalhos sobre uma possível descrição de um (ou até vários) desses grupos através do conceito de comunidade discursiva local de Lima (2008) correlacionando as características do grupo ao gênero estudo, o que pode ser importante para verificarmos como são tratados os gêneros acadêmicos pelos diversos ramos do saber. Fica ainda nossa ensejo para que em outros trabalhos essa nossa descrição seja pormenorizada e estendida, de forma que se tenha uma compreensão maior sobre esse grupo, o que certamente seria importante para trabalhos futuros sobre gêneros acadêmicos. Posto isso, sigamos para nossa descrição.

7.2.1. Do contexto em que a CD se insere

Como uma comunidade discursiva de cunho profissional, a comunidade discursiva acadêmica é amparada por diversas leis que visam estabelecer seus limites e impor ordem à sua constituição. São de fato muitas leis e portarias e destacaremos apenas as mais importantes para nosso objetivo.

O ensino no Brasil é garantido pela Constituição Federal em seu artigo 5º. Que demonstra a necessidade da união de todas as partes integrantes da sociedade visando o desenvolvimento educacional de todos. Em seu artigo 206, é garantido a coexistência do

ensino público e privado em nosso país e no art. 211 o regime de colaboração entre as esferas governamentais nos diversos níveis de ensino.

Focalizando o ensino superior, cabe inicialmente à união sua distribuição e manutenção, embora haja a oferta de instituições estaduais públicas superiores, bem como instituições superiores privadas.

Além desses princípios gerais estabelecidos pela Constituição, a educação superior brasileira é regida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) Lei 9.394/96 na qual ficam estabelecidos os níveis e modalidades escolares bem como suas finalidades.

Tal conjunto de leis, acrescidas de tantas outras mais, visam estabelecer de forma escrita o funcionamento desse agrupamento humano, tal como costuma ocorrer com comunidades discursivas de caráter profissional como já previsto por Swales (1990). Passemos então a como se dá o processo de admissão de membros nessa CD em questão.

7.2.2. Do processo de admissão de novos membros

A admissão nessa comunidade é feita mediante exame de seleção cuja forma e normas são disponibilizadas por cada instituição de ensino superior em editais públicos.

Sobre a admissão nessa CD há hoje um grande debate Tradicionalmente o exame de admissão constava de uma prova escrita aplicada em um ou dois dias consecutivos, versando sobre todas as disciplinas e os conteúdos mais importantes ministrados no ensino básico. Essa forma, vista por muitos como retrógrada, tem sido modificada em prol de um exame de admissão mais diversificado, levando-se em conta o histórico do aluno e suas intenções como estudante. Há uma clara intenção governamental de centralizar a aplicação desses exames e distribuir de forma mais equitativa os estudantes dentro do número de vagas ofertadas pelo sistema de forma que tenhamos cada vez menos vagas ociosas.

Assim foi proposto e posto em prática o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) que afere nota ao aluno através de prova escrita ao final do ensino médio. Tal

nota serve como critério (único ou atrelado a outros) para o ingresso do aluno no ensino superior.

Uma vez ingresso na CD, o agora aluno de ensino superior precisa conviver com novas normas e valores que em geral são bastante diversos dos até então vistos no ensino básico. Esse é costumeiramente um problema para os neófitos nessa CD uma vez que precisam adaptarem-se rapidamente a uma forma de ensino bastante diversa da sua experiência no ensino médio e absorver logo essas normas e valores é de fundamental importância para a efetiva integração do aluno com a comunidade, sobre o que comentaremos a seguir.

7.2.3. Das normas, valores e objetivos

De acordo com o art. 43 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a educação superior tem por finalidade:

I. estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo.

Observa-se que esse objetivo implica diretamente em um ethos científico que deve assumir os membros nas mais diversas formas de atividade acadêmica. Por sua vez esse ethos científico implica em um conjunto de valores a serem compreendidos e assumidos pelos alunos que muitas vezes têm dificuldades em entendê-lo, sobretudo os neófitos, por ser bastante diverso do ethos assumido pelos estudantes enquanto alunos do ensino básico.

Esses valores de caráter científico implicam basicamente em assumir um:

- Espírito crítico: valorização das provas e da argumentação, distinguindo-as cuidadosamente da tradição e da autoridade.
- Valorização do estudo cuidadoso, informado, imparcial e objetivo, distinguindo-o da opinião avulsa, desinformada, parcial e aleatória.

Visando a ordenação das interações entre os membros dentro de um padrão ético e sua promoção dentro da CD cada instituição de ensino desenvolve um conjunto de

normas escritas. Há contudo, normais mais gerais que dizem respeito à divulgação do saber científico, estas normas visam a padronização na apresentação de trabalhos tanto internamente às instituições superiores como em encontros científicos das mais diversas áreas. Para esse fim estabeleceu-se um conjunto de normas técnicas elaboradas e organizadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) que devem ser seguidas pelos membros a fim de padronizar a apresentação do saber científico.

Em conjunto, essas normas e valores constituem saber indispensável aos membros da CD de forma que os mais experientes não só sabem utilizá-los plenamente, como também sabem adaptá-los em seu favor a fim de gerar efeitos de sentido diversos em seus textos como bem demonstrado por Swales (1990) e Biasi (1998), por exemplo.

Um outro importante saber a ser adquirido pelos alunos diz respeito ao léxico científico e os termos técnicos pertencentes a cada área do saber, o que passaremos a comentar no tópico a seguir.

7.2.4. Do léxico

Baseando-nos em Lara (2002), cremos que há, além dos termos técnicos pertencentes a cada área do saber, um léxico científico mais universal e que deve ser de conhecimento partilhado entre todos os membros da CD acadêmica.

Esse léxico diz respeito ao saber científico entendido como universal e de onde advém termos que em geral fazem referência ao fazer científico tais como: objetivos, hipóteses, amostra, universo de pesquisa, dados, coleta de dados, tratamento de dados, análise, categorias de análise entre outros.

A importância do conhecimento do léxico, como explica Swales (1990), é fundamental para que cada membro, possa adquirir um certo grau de conhecimento relevante para sua sobrevivência dentro da comunidade, para isso precisa apropriar-se do léxico que caracteriza o seu grupo social. Cabe ressaltar que utilizar corretamente esse léxico é parte da formação do ethos científico dos estudantes, portanto, saber indispensável, somado ao conhecimento das normas, valores, gêneros e objetivos, para a ascensão hierárquica dos membros dentro da CD, tema de nosso próximo tópico.

7.2.5. Da hierarquia

Considerando que é a apropriação do conjunto de normas, valores, gêneros e objetivos que faz de alguém um membro de uma comunidade discursiva, acreditamos que nesse caso os componentes da CD acadêmica são basicamente professores e alunos que nesse caso específico podem ascender hierarquicamente de forma independente, embora possa da mesma forma um aluno passar a ascender ao posto de professor e vice-versa.

De uma forma bem generalizada a estrutura hierárquica da CD acadêmica pode ser representada no quadro abaixo:

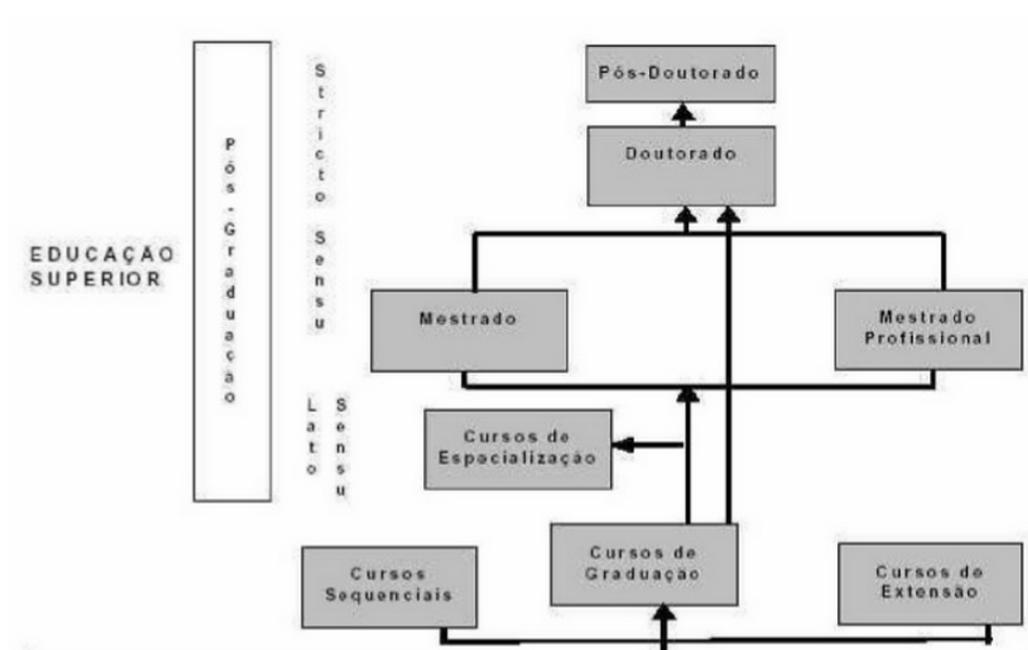


FIGURA 47 - ESTRUTURA DO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO

(Fonte: NEVES ((s/d)

Pode-se perceber que um aluno pode ascender hierarquicamente na CD apenas como aluno da mesma forma como um professor pode ascender hierarquicamente como professor. Ex. aluno de graduação para aluno de especialização, professor de graduação para professor de pós-graduação.

O mais importante é que essa ascensão implica não só em um acúmulo de saber sobre determinada área, mas também em uma maior habilidade no desempenho com os gêneros discursivos da CD (v. BIASI, 1998). Isso faz com que membros experientes possam manipular as estratégias genéricas em prol de efeitos de sentido pretendidos, o que lhes confere maior status dentro da CD e passa de alguma forma a servir também como critério hierárquico entre os membros. Sobre os gêneros que compõem o elenco de gêneros dessa CD comentaremos no tópico a seguir.

7.2.6. Do elenco de gêneros

Como bem salienta Ramires (2007, p. 66)

Uma das instâncias mais exigentes no que diz respeito à produção escrita é o meio acadêmico. Num nível de ensino em que se produz e se sistematiza o conhecimento de forma mais aprofundada e complexa do que nos níveis anteriores (fundamental e médio), espera-se que circulem, em seu interior, textos cujos padrões são diferentes daqueles que circulam em meios menos formais. É assim que as atividades desenvolvidas nas universidades são geradoras de gêneros específicos de discurso, os quais, do ponto de vista temático, composicional e estilístico, são relativamente estáveis e mais padronizados (BAKHTIN, 2000), realizados em função de um conjunto de parâmetros que podem exercer influência sobre a forma como são organizados.

De fato, o nível de padronização dos textos na CD acadêmica tende a ser bem maior que em outras instâncias. O saber de cunho científico tende a ser mais padronizado e é preciso que os membros, sobretudo neófitos, tenham conhecimentos dessa convenções para que possam interagir de forma adequada com seus pares.

De um ponto de vista geral os gêneros acadêmicos podem ser:

<p>Orais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Comunicação em congresso • Seminário • Palestra 	<p>Escrito:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Resenha • Fichamento • Monografia • Tese • Resumo
---	---

Há como bem salientam Schneuwly e Dolz (2004) uma gradação entre esses dois tipos uma vez que um mesmo gênero escrito pode se tornar oral e vice versa. Temos, por exemplo, o caso dos pôsteres que são escritos, mas para serem desempenhados oralmente em encontros acadêmicos.

Interessante ressaltar que no caso específico da CD acadêmica, muitos desses gêneros tem seu desempenho restrito à determinadas posições hierárquicas e podem servir como meios de ascensão para os membros.

É o caso, por exemplo, da palestra que em geral só pode ser desempenhada por membros de nível hierárquico mais superior enquanto pôsteres são gêneros desempenhados por membros iniciantes.

Nesse quadro, vemos que contemporaneamente os gêneros digitais tem sido mais e mais inseridos no contexto acadêmico, sobretudo, por suas possibilidades interativas. É o caso específico dos blogs que como vimos foi inicialmente utilizado pela CD blogueira e posteriormente passou a ser utilizado também pela CD jornalística e mais recentemente, e ainda em processo de adaptação, pela CD acadêmica, como veremos nos tópicos a seguir.

7.3. Os blogs acadêmicos

Segundo Barroso e Cabrero (2007) há dois tipos de blogs educativos: blogs pedagógicos e blogs didáticos. Abaixo vemos um quadro resumitivo organizado pelos próprios autores em questão.



FIGURA 48 - TIPOS DE BLOGS EDUCATIVOS

(Fonte: BARROSO; CABRERO, 2007)

Segundo os autores, a diferença básica entre ambos é a utilização do blog enquanto gênero pelo professor. Dessa forma, blogs em que há a predominância do construtivismo como técnica pedagógica e em que há a abertura para o intercâmbio de papéis entre professor e aluno constituem o que os autores denominam de blogs didáticos enquanto aqueles em que há predominância das técnicas tradicionais de ensino e em que o professor segue como única autoridade detentora do saber são denominados de blogs acadêmicos.

Em nosso ponto de vista, cremos que tal distinção esteja mais fundamentada no fazer pedagógico do professor e a utilização que ele faz do blog como estratégia didática. Dessa forma, não vemos, em nosso trabalho, utilidade nessa separação e, portanto, qualquer blog usado pela comunidade acadêmica com a finalidade educativa será indistintamente denominado de blog acadêmico.

Um outro trabalho que também busca refletir sobre o uso pedagógico dos blogs é o de Gomes e Lopes (2007). Nele os autores buscam definir as formas pedagógicas de utilização dos blogs em dois grandes eixos como podemos perceber na figura abaixo:

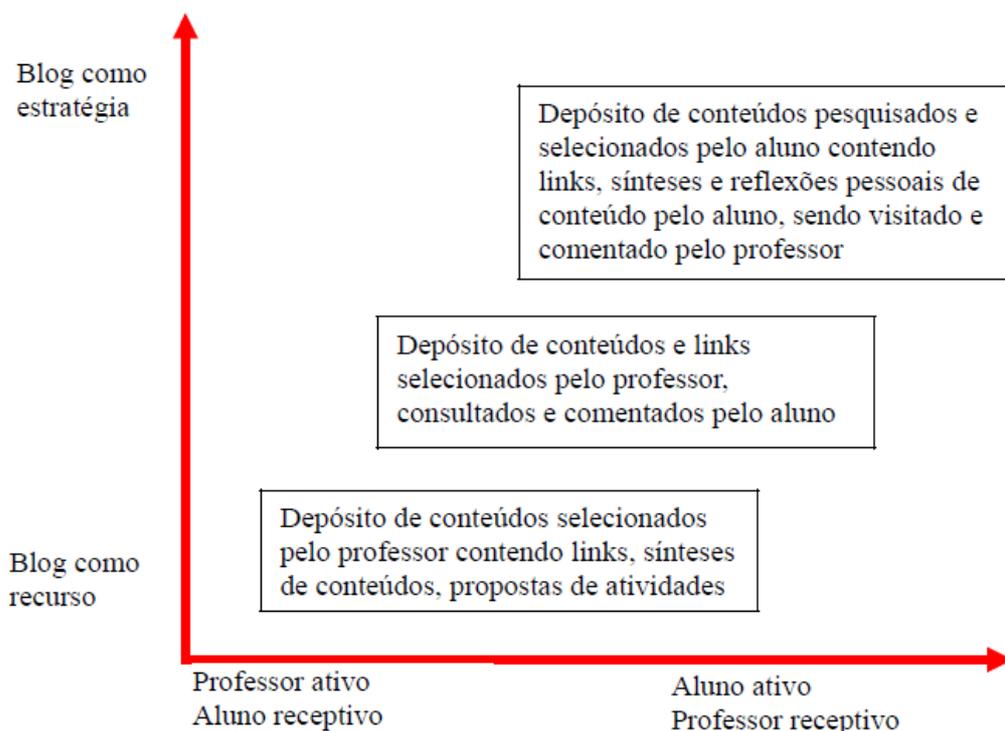


FIGURA 49 - BLOGS COMO RECURSO E ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA

(Fonte: GOMES; LOPES, 2007)

Segundo os autores, o blog como recurso pedagógico caracteriza-se pela centralidade na figura do professor que é o único a disponibilizar o conteúdo que deve somente ser consultado e, no máximo, comentado pelos alunos. Na utilização dos blogs como estratégia, professores e alunos administram conjuntamente o blog que tem, portanto, caráter coletivo e sem um centro definidor ainda que segundo os autores o professor deva orientar os alunos sobre o que e como deve ser veiculado no blog.

Dessa forma, tem-se com o uso do blog como estratégia pedagógica um ensino mais colaborativo e com maior interação entre professor e aluno, estimulando o saber partilhado e a investigação.

É isso tipo de utilização dos blogs que pesquisadores (v. MONTOVANI, 2007; BOEIRA, s/d) têm chamado atenção como uma forma de estimular a construção partilhada do saber com caráter científico, ou seja, através de argumentos (comentários) e de caráter sempre sujeito às refutações e comprovações, o que se relaciona diretamente com o objetivo geral da CD acadêmica.

Posto isso, seguiremos com a análise de um exemplar de blog acadêmico e em seguida ao tratamento estatístico de uma amostra de blogs acadêmicos colhida ao acaso.

7.4. A influência do propósito comunicativo na constituição dos blogs acadêmicos

Vasculhando a blogosfera em procura de blogs acadêmicos ligados à CD acadêmica, deparamo-nos com uma constatação: não foi encontrado blogs nessa CD que sejam de fato utilizados como estratégia pedagógica. Nos casos analisados, vemos uma subtilização didática dos blogs, em que o gênero serve mais para agregar os alunos em torno de um elo comum: uma disciplina ou uma instituição.

Embora cremos que há aí um propósito educativo de troca e comentário de materiais, acreditamos que falta mais ensejo para que o blog como gênero seja de fato utilizando com todas as suas capacidades, promovendo a interação e o conhecimento partilhado.

Um exemplo de blog acadêmico, dentre os pesquisados, é o blog “matematica2010ufpacapanema” do qual copiamos a tela abaixo:



FIGURA 50 - EXEMPLO 01 DE BLOG ACADÊMICO

(Fonte: <<http://matematica2010ufpacapanema.blogspot.com.br>>)

Nesse blog podemos ver que as postagens são centralizadas, em ordem cronológica inversa e chamou-nos a atenção por apresentar algumas peculiaridades. Logo acima temos uma barra de atalhos para seções distintas do blog que conduzem a uma página inicial com informes gerais, download de materiais, editais etc.

Tal barra indica-nos que o blog atende a múltiplas finalidades: compartilhamento de materiais, informes gerais e consulta ao histórico, contudo, todos parte do propósito maior educativo.

À direita temos uma enquete e ferramentas como a contagem de visitantes, seguidores, o arquivo do blog, e um mural de recados além de um pequeno blogroll com blogs de temas afins.

Mais uma vez pode-se perceber a transmutação de um gênero, no caso enquete, para dentro do blog. Embora, alguns vejam nisso uma característica de suporte, acreditamos que, ao contrário, temos uma característica comum a muitos gêneros, como por exemplo a carta, em que um outro gênero pode ser incluído em sua estrutura, mas encontra-se subordinado ao propósito do gênero maior. Nesse caso, vemos claramente que a enquete é atende a um claro objetivo pedagógico: fazer um levantamento sobre as disciplinas de um semestre.

Percebe-se claramente que o blog tem um cunho institucional e que possui muitas similitudes estruturais com o blog pessoal, como a contagem de visitantes, o blogroll e a ferramenta de seguidores.

Esse fato manteve-se constante em nossa pesquisa estatística sobre a constituição dos blogs acadêmicos. Para esse levantamento, escolhemos, dada a exiguidade do tempo e a uma certa escassez de exemplares, 20 blogs acadêmicos e fizemos uma análise estatística sobre sua estrutura composicional, tema e estilo, tal como já realizado com as CD anteriormente analisadas nesse trabalho.

Em relação à estrutura composicional do gênero temos o seguinte quadro:

Características estruturais	Quantidade	total	Percentagem
Ordem cronológica inversa dos posts	20	20	100%
Ferramenta de comentários	18	20	90%
Trackback	1	20	5%
Blogroll	20	20	100%
Ferramentas sociais	20	20	100%
Descrição pessoal	20	20	100%
Contagem de visitantes	18	20	95%

Os números demonstram que estruturalmente os blogs acadêmicos são bastante semelhantes aos blogs pessoais, com exceção da baixíssima ocorrência da ferramenta de trackback.

Para a análise dos temas veiculados, procedemos tal como nos casos anteriores, ou seja, escolhemos as últimas três postagens de cada blog analisado tendo em conta a data em que foi feita a coleta. O resultado apresentamos no seguinte quadro:

Temas	Quantidade	Percentagem
Links de materiais didáticos	10	22%
Links para documentos e inscrições	3	7%
Postagem de materiais didáticos	9	20%
Notícias e/ou comentários sobre eventos acadêmicos	23	51%
Total	45	

Pode-se perceber que os blogs acadêmicos servem à veiculação, sobretudo, de notícias e comentários sobre eventos acadêmicos, apresentando ainda uma certa recorrência na postagem de links e materiais didáticos.

Contudo, essa disponibilidade de materiais didáticos não era em geral seguida de comentários acerca das leituras ou mesmo intercâmbio de outros materiais, o que certamente seria valioso do ponto de vista didático.

Tal como feito com os temas disponibilizados, a análise sobre o estilo dos blogs acadêmicos foi feita com base nas últimas três postagens de cada blog analisado tendo em conta a data em que foi feita a coleta. Levamos em conta o posicionamento do autor, o grau de formalidade e o uso de recursos hipertextuais. O resultado apresentamos no seguinte quadro:

Posicionamento do autor

Posicionamento do autor	Quantidade	Percentual
Subjetivo	3	7%
Impessoal	42	93%
Total	45	

Grau de formalidade	Quantidade	Percentual
Formal	43	96%
Informal	2	4%
Total	45	

Uso de recursos hupertextuais	Quantidade	Porcentagem
Imagens estáticas	13	29%
Vídeos	12	27%
Apenas som	0	0%
Apenas linguagem verbal	20	44%
Total	45	

Quanto ao estilo pode-se perceber uma predominância de um estilo impessoal, formal e com alto uso de recursos hipertextuais, típico para usuários que têm um nível de escolaridade mais elevado.

7.5. Conclusão sobre os blogs acadêmicos

Pode-se perceber que os blogs acadêmicos encontram-se ainda em um processo incipiente de adaptação do blog pessoal à uma nova comunidade discursiva, a CD acadêmica, talvez ainda resistente aos gêneros digitais.

Dessa forma, percebemos que o blog acadêmico possui características composicionais de blog pessoal e temática semelhante à dos blogs jornalísticos, contudo, distingue-se desses pois serve a um propósito distinto que é o propósito didático, mas ainda do ponto de vista de divulgação científica, não exatamente como um gênero que promova o debate, a partilha e o saber construído, características do meio em que circulam.

Feitas todas as ponderações e análises a que nos dispusemos no início é chegada a hora de buscarmos uma conclusão para nosso trabalho, o que faremos na seção seguinte.

Capítulo 8: Conclusão

Nossa pesquisa procurou demonstrar que os blogs enquanto gênero discursivo caracterizam-se por propósitos e estruturas distintas, fruto do uso que diferentes CD's fazem dos blogs enquanto parte de seu elenco de gêneros.

Em um levantamento estatístico pudemos chegar às seguintes características consituivas de três diferentes gêneros: blog pessoal, blog jornalístico e blog acadêmico levando-se em conta suas estruturas, temas e estilos.

Os resultados demonstram que os blogs pessoais caracterizam-se por ter como estrutura composicional básica alta incidência dos componentes: ferramenta de comentários, trackback, blogroll, ferramentas sociais, descrição pessoal e contagem de visitantes. Em relação à temática tem-se, sobretudo, comentários pessoais sobre temas diversos e em relação ao estilo um padrão mais subjetivo, formal e ancorado na linguagem verbal.

Por sua vez os blogs jornalísticos, do ponto de vista estrutural, mostraram uma menor incidência de ferramentas como o blogroll e trackback, menor uso de meios para a auto-promoção dos autores como a descrição pessoal e menos incidência de ferramentas sobre o número e perfil de visitantes. Isso nos mostra que o objetivo maior de informar faz com que ferramentas que não atendem a esse princípio sejam menos utilizadas em prol de outras que visem fazer as notícias e as opiniões de seus autores circularem dentro da comunidade e fidelizar os leitores como o RSS e a ferramenta de comentários.

Quanto aos temas, vê-se uma busca por temas de interesse mais coletivo e uma maior variabilidade sobre seus tipos. Logicamente, o intuito de fornecer informações leva os autores a buscar aquelas mais relevantes, muitas vezes, sobre assuntos diversos.

Por fim, quanto ao estilo, há uma maior incidência de um estilo mais impessoal, embora muitas vezes recorra-se ao subjetivismo como forma de atrair e fidelizar leitores

dando a opinião do próprio autor, o que parece um tanto contraditório com os princípios básicos de imparcialidade jornalística.

Por fim os blogs acadêmicos estruturalmente são bastante semelhantes aos blogs pessoais, com exceção da baixíssima ocorrência da ferramenta de trackback. Com relação aos temas, servem à veiculação, sobretudo, de notícias e comentários sobre eventos acadêmicos, apresentando ainda uma certa recorrência na postagem de links e materiais didáticos. E com relação ao estilo pôde-se perceber uma predominância de um estilo impessoal, formal e com alto uso de recursos hipertextuais, típico para usuários que têm um nível de escolaridade mais elevado.

Dessa forma, vê-se que os blogs pessoais possuem características composicionais de blog pessoal e temática semelhante à dos blogs jornalísticos, contudo, distingue-se desses pois serve a um propósito distinto que é o propósito didático, mas ainda do ponto de vista de divulgação científica, não exatamente como um gênero que promova o debate, a partilha e o saber construído, características do meio em que circulam.

Chega-se, portanto à conclusão que tratam-se de gêneros que se agrupam em uma forma constelar em que o principal fator coesivo e que faz com que sejam todos denominados de “blog” é a estrutura, bastante semelhante entre os três tipos analisados.

Essa formação constelar tem como origem a utilização do blog, inicialmente ligado à CD blogueira, por outras CD's, no caso investigado as CD's jornalística e acadêmica. Esse fato deve-se, acreditamos, às facilidades e a daptabilidade do blog enquanto gênero, o que incita a sua difusão para os mais diversos fins.

Finalizando. deixamos aqui uma hipótese a ser investigada em outros trabalhos sobre a possibilidade da utilização dos blogs por outras comunidades discursivas como a publicitária e a pedagógica, por exemplo, o que alastraria a constituição da constelação dos blogs em mais outros gêneros ligados a essas CD's.

Referências

ASKEHAVE, I; SWALES, J.M. Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution. **Applied Linguistics**, v. 22, n.2, p. 195-212, 2001.

ARAÚJO, J. C. A organização constelar do gênero chat. **Anais da XX Jornada Nacional de Estudos Linguísticos**. João Pessoa: Idéia. 2004d. pp. 1279-1292.

ARAÚJO, J.C. **Chat na Web: um estudo de gênero hipertextual**. 2003. 179 f. Dissertação. (Mestrado em Linguística). Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2003.

_____. **Os chats: Uma constelação de gêneros na internet**. 2006. 341 f. Tese. (Doutorado em Linguística). Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2006.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, [1953]1997.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1976.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Teoria e prática do jornalismo**. Adamantina: FAI/Cátedra Unesco/Metodista de Comunicação para o desenvolvimento regional/Edções Omnia, 2006.

BENTES, A. C.; KOCH, I. V.; NOGUEIRA, C. M. A. Gênero, mídia e recepção: sobre as narrativas televisivas e seus espectadores. **Cadernos de Estudos Linguísticos** 44, p. 265-282, 2003.

BHATIA, V. K. **Analysing genre: language use in professional settings**. London: Longman, 1993.

_____. Genre analysis today. **Revue Belge de Philologie et d'Histoire**, v. 75, n.3, p. 629-652, 1997.

BHATIA, V. K. **Worlds of written discourse: a genre based view**. London: Continuum, 2004.

_____. Applied genre analysis: a multi-perspective model. **Ibérica**, n.4, p. 3-19, 2001.

BOEIRA, driana Ferreira. **Blogs na Educação: Blogando algumas possibilidades pedagógicas**. Disponível em: <<http://tecnologiasnaeducacao.pro.br/revista/a1n1/art10.pdf>>. (Acesso em: 12/09/2012)

CICOUREL, Aaron. A Etnometodologia. In BIRBAUM, Pierre e CHAZEL, François. **Teoria Sociológica**. Tradução de Gisela Stock de Souza e Hélio de Souza. São Paulo: Hucitec/EdUSP, 1977.

COSTA E SILVA, Gêssica Peniche. Identidade docente e letramento acadêmico: leitura e escrita na formação dos professores. In: X congresso nacional de educação – EDUCERE. PUC-PR - Curitiba

COULON, Alan. **Etnometodologia**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Vozes, 1995.

FIGUEIREDO, D; BONINI, A. Práticas discursivas e ensino do texto acadêmico: concepções de alunos de mestrado sobre a escrita. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, v. 6, número 3, set./dez. 2000

FREEDMAN, A., MEDWAY, P. Locating genres studies: antecedents and prospects. In: **Genre and the new rhetoric**. London: Taylor & Francis, 1994. p. 1-20.

GARFINKEL, Harold. **Studies in Ethnomethodology**. Cambridge England: Polity Press, 1984.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUARESCHI, P.; BIZ, O. **Mídia e Democracia**. Porto Alegre: Evangraf, 2005.

KOMESU, F.C. **A escrita das páginas eletrônicas na internet: a relação autor-herói**. 2001. 131 f. Dissertação. (Mestrado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2001.

_____. **entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs na internet**. 2005 .271. Tese. (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2005.

KINDERMANN, Conceição Aparecida. **A reportagem jornalística no jornal do Brasil: desvendando as variantes do gênero**, 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Tubarão-SC, 2003;

LEVY. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 2003.

LIMA, João Paulo Eufrazio de. **(Blog)ueiros: critérios para o estudo de comunidades discursivas globais e locais**. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza. 2008.

MARCUSCHI, L.A. ; XAVIER, A.C. (Orgs). **Hipertexto e Gêneros Digitais : novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. **Revista Symposium**. Ano 5 • nº 1 • janeiro-junho 2001

MELO, José Marques de (Org.). **Gêneros jornalísticos na Folha de São Paulo**. São Paulo: FTD, 1992.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MELO, José Marques de. Gêneros de comunicação massiva. São Bernardo do Campo: Metodista, 2006.

MILLER, C. R. Genre as social action. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (Org.). **Genre and the new rhetoric**. London: Taylor & Francis, [1984] 1994a. p. 23-42.

_____. Rhetorical community: the cultural basis of genre. In: _____. **Genre and the new rhetoric**. London: Taylor & Francis, [1984] 1994b. p. 67-78.

MILLER, C.R; SHEPHERD, D. **Blogging as Social Action: A genre analysis of the weblog**. Disponível em: http://blog.lib.umn.edu/blogosphere/blogging_as_social_action_a_genre_analysis_of_the_weblog.html>. Acesso em: 12/11/2007

NEVES, Clarissa Eckert Baeta. **A estrutura e o funcionamento do ensino superior no Brasil**. Disponível em: < <http://www.slideshare.net/israelfaifa/a-estrutura-e-o-funcionamento-do-ensino-superior-no-brasil>> (Acesso em: 13/09/2012)

NOGUEIRA, Silvia Garcia. O meio jornalístico e a reunião de pauta: quando a parte expressa o todo, **ALCEU** - v.3 - n.5 - p. 62 a 73 - jul./dez2002

RODRIGUES, B.B. **Estratégias de condução de informações em resumos de dissertações**. 1998 - Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Florianópolis, Santa Catarina, 2006.

SEIXAS, Lia, **Redefinindo os Gêneros Jornalísticos**. Labcm, 2009.

SILVA, Pollyanna H. **Os gêneros jornalísticos e as várias faces da notícia**. 2007. 225f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, 2007.

SOUSA, M.M.F. **A organização textual-discursiva dos anúncios de turismo no Ceará. Kd o número de páginas e o ano?** Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife. 2005.

SOUZA, Socorro Cláudia Tavares de. **A ação retórica de resenhar na comunidade jornalística: um estudo dos propósitos comunicativos e da avaliação**. 2009. Tese (Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, 2009.

SWALES, J. M. **Genre Analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. Re-thinking genre: another look at a discourse community effectis. In: Re-thinking Genre Colloquium, 1992, Carleton University, Ottawa. Mimeo.

_____. **Research Genres**: exploration and applications. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

VICENTINA, Ramires. Gêneros textuais e relações de poder na comunidade acadêmica. **Veredas online – atemática** - . Juiz de Fora, v. 1 P. 66-79. 2007

XAVIER, Antônio Carlos. **O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital**. 2002, Tese (Doutorado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo: 2002.